

ANA CATARINA PEREIRA

A importância do desenho infantil para o
desenvolvimento das crianças em jardim de infância



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola superior de educação e comunicação

2016

ANA CATARINA PEREIRA

A importância do desenho infantil para o
desenvolvimento das crianças em jardim de infância

MESTRADO em Educação Pré-escolar

Trabalho efetuado sob Orientação de: Professora Doutora Cláudia
Luísa



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola superior de educação e comunicação

2016

A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância

Declaração de autoria do Relatório de Estágio

Declaro ser autora deste trabalho que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da lista de referências incluída.

Ana Catarina Pereira

Copyright - Ana Catarina Pereira Universidade do Algarve.
Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código de Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Dedicatória

Aos meus pais.

Agradecimentos

A realização deste relatório de estágio só foi possível, graças a todos aqueles que me apoiaram e me ajudaram, nos momentos mais críticos e sem os quais seria muito difícil concretizar este trabalho. Consciente da sua importância, no decurso da minha vida académica, gostaria de expressar aqui o meu agradecimento.

Em primeiro lugar vou referenciar a minha orientadora, Professora Doutora Cláudia Luísa, pela dedicação e empenho que me dispensou no decorrer deste trabalho. Pelo auxílio nos momentos mais complicados, aconselhando e dando/fazendo críticas construtivas para a realização do mesmo.

Em seguida, quero agradecer à Professora Doutora Maria Helena Horta, supervisora da Prática de Ensino Supervisionada, pela motivação, paciência e por todos os conhecimentos que me transmitiu, no decorrer do ano letivo, e que me serão úteis no meu percurso pessoal e profissional.

Gostaria de agradecer também a todos os docentes do Mestrado em Educação Pré-escolar, pelo seu empenho, pelos conhecimentos, pelas oportunidades e pelo tempo despendido e por acreditarem em todos os seus discentes.

À educadora cooperante e à restante equipa educativa da instituição cooperante, pela exigência, pelas críticas construtivas e pelo incentivo constante no decorrer de todo o estágio.

Ao grupo de crianças com quem trabalhei, pelo carinho, amizade e pelo interesse em aprender no decorrer do estágio.

À minha parceira de estágio e amiga, Milena Morais, por todos os momentos que partilhamos, bons e maus, a sorrir ou a chorar, que nunca me deixou desistir e parar de acreditar que iríamos superar esta etapa do nosso percurso académico.

Às minhas colegas que estiveram na mesma Instituição, pelo apoio, pelas risadas e pela troca de conhecimentos em todas as etapas do estágio.

Aos familiares e amigos que sempre me apoiaram.

Aos meus pais, pela paciência, nos momentos bons e nos menos bons, mas, acima de tudo, pelo incentivo e pelo apoio incondicional.

Resumo

O presente relatório de estágio intitula-se “A importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança em jardim de infância” e descreve o estudo qualitativo realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Este estudo desenvolveu-se num jardim de infância privado da cidade de Faro, entre 17 de novembro de 2014 e 21 de maio de 2015.

O desenho contribui para o desenvolvimento das crianças a nível cognitivo, linguístico, motor e social. Neste sentido, optámos por estudar a importância do mesmo, no decorrer da prática de um jardim de infância. De maneira a dar resposta à nossa questão inicial, “Qual a importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim de infância?”, definimos como objetivo principal deste estudo compreender o modo como é utilizado o desenho pela educadora cooperante e qual a importância que lhe atribui no desenvolvimento das crianças, bem como a perceção das mesmas acerca desta tarefa. Recorremos a uma metodologia de natureza qualitativa descritiva. Fizemos uma revisão da literatura, abordando o desenho infantil; o desenho como meio de desenvolvimento; as diferentes etapas do desenvolvimento gráfico da criança; as orientações curriculares para a educação pré-escolar.

Para promover o desenvolvimento da criança foram implementadas diversas estratégias de intervenção. Os dados foram recolhidos através da observação não participante, participante e indireta e através de entrevistas à educadora e às crianças.

Em suma, podemos constatar, através do trabalho desenvolvido (desenhos orientados, entrevista às crianças e a educadora, bem como através da observação), que o desenho é fundamental para a evolução das crianças em todas as suas vertentes, contribuindo assim para o desenvolvimento de várias competências: linguísticas (verbal, visual), motoras (motricidade fina e motricidade global), sociais e cognitivas.

Palavras-Chave: Desenho Infantil; Desenvolvimento; Jardim de Infância; Crianças.

Abstract

This training report is entitled “The importance of children’s drawing to the development of the child in kindergarten” and it describes the quality study made in the Supervised Practice of Teaching of the Pre-School Education Master’s Degree. This study was developed in a private kindergarten in Faro, from 17th of November 2014 until 21st of May 2015.

Drawing contributes to the children’s cognitive, linguistic, motor and social development. In this sense, we chose to study its importance throughout kindergarten’s practice. To answer our initial question “What’s the importance of infant’s drawing to the development of the child in kindergarten”, we set as main purpose to understand the way drawing is used by the cooperative teacher and what’s the importance given to the children’s development, and the perception of children about this task. We used a qualitative descriptive methodology. We made a literature revision, approaching children’s drawing; drawing as means of development; the different stages of the child’s graphic development; the curricular guidelines for pre-school education.

Several intervention strategies were implemented to promote child development. The data were collected through non-participant, participant and indirect observation and through interviews with the children's teacher and the children.

In synopsis, we can see that, through the work developed (oriented drawings, interview with children's teacher and children, as well as through observation), that drawing is fundamental for the evolution of children in all its aspects, thus contributing to the development of several skills: language (verbal, visual), motor (fine motor skills and global motor skills), social and cognitive.

Keywords: Children’s drawing, Development, Kindergarten, Children.

Índice Geral

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	v
Índice de Apêndices	vi
Índice de Anexos.....	vi
Introdução.....	1
Capítulo I- Enquadramento teórico-concetual	3
1. O desenho infantil	3
2. O desenho como meio de desenvolvimento da criança.....	9
3. As diferentes etapas no desenvolvimento gráfico das crianças.....	13
3.1. Perspetiva de Georges-Henri Luquet	13
3.2. Perspetiva de Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain	16
3.3. Perspetiva de Lev Semyonovitch Vygotsky	18
3.4. Perspetiva de Jean Piaget	19
4. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.....	20
4.1. O desenho no currículo da educação pré-escolar	22
4.2. O papel do educador de Infância.....	23
Capítulo II- Metodologia.....	24
1. Natureza do estudo	24
2. Questão de pesquisa	24
3. Objetivo do estudo	24
4. Participantes do estudo.....	25
5. Procedimentos metodológicos.....	25
5.1. Procedimentos éticos.....	25
5.2. Análise documental	25
5.3. Observação	26
5.4. Notas de campo	27
5.5. Entrevista Semiestruturada.....	28
Capítulo III- Estratégias de intervenção implementadas.....	29

1. Palhaço Ernesto	29
2. Sistema solar	29
3. Dia do pai	30
4. Os cinco sentidos.....	30
5. Dia da mãe.....	30
6. O Ciclo do Mel.....	30
7. Entrevista à educadora cooperante	31
8. Entrevistas às crianças.....	31
Capítulo IV- Apresentação e análise interpretativa dos dados.....	32
1. Palhaço Ernesto	32
2. Sistema Solar.....	35
3. Dia do pai	38
4. Os cinco sentidos.....	40
5. Dia da mãe.....	42
6. Ciclo do mel	45
7. Entrevista à educadora	47
8. Entrevistas às crianças.....	54
9. Triangulação de dados.....	59
Conclusões	63
Reflexão Final	69
Referências Bibliográficas	72
Apêndices e Anexo.....	75

Índice de Figuras

Figura 4. 1- Desenho da criança 7.....	33
Figura 4. 2- Desenho da criança 14.....	34
Figura 4. 3- Desenho das crianças 8, 11 e 13	36
Figura 4. 4- O espaço desenhado pelas crianças	37
Figura 4. 5- Registo final do sistema solar.....	37
Figura 4. 6- Desenho da criança 17.....	39
Figura 4. 7 - Desenho da criança 10.....	39
Figura 4. 8- Desenho da criança 4.....	41
Figura 4. 9 -Desenho da criança 3.....	41
Figura 4. 10 - Desenho da criança 11	42
Figura 4. 11- Desenho da criança 8.....	43
Figura 4. 12 Desenho da criança 9	44

Figura 4. 13- Desenho da criança 6.....	44
Figura 4. 14- Exemplo final da atividade do dia da mãe.....	44
Figura 4. 15- Desenho da criança 15.....	46
Figura 4. 16- Desenho da criança 18.....	46

Índice de Apêndices

Apêndice I – Autorização requerida aos encarregados de educação	76
Apêndice II – Informação dirigida aos encarregados de educação	78
Apêndice III – Síntese de observação do Grupo de 08/12/2014 a 12/01/2015	80
Apêndice IV- Grelha de observação direta- notas de campo	84
Apêndice V- Guião da entrevista à educadora	86
Apêndice VI- Planificação Semanal palhaço Ernesto e fantoches utilizados	90
Apêndice VII- A história do palhaço Ernesto	94
Apêndice VIII- Planificação do sistema solar.....	97
Apêndice IX – Planificação do dia do pai.....	100
Apêndice X- Planificação dos 5 sentidos.....	103
Apêndice XI- Planificação do dia da mãe	106
Apêndice XII - Planificação diária do ciclo do mel.....	109
Apêndice XIII- Representações do palhaço Ernesto.....	112
Apêndice XIV- Grelha de observação direta - Notas de campo I preenchida	121
Apêndice XV Representação do ciclo do mel.....	125
Apêndice XVI- Grelha de observação direta - Notas de campo II preenchida	135
Apêndice XVII- Transcrição da entrevista à Educadora cooperante	138
Apêndice XVIII- Grelha de categorização da entrevista à educadora cooperante.....	143
Apêndice XIX- Grelha de observação – Notas de Campo II	149
Apêndice XX- Rotina Semanal	153
Apêndice XXI- Transcrição da entrevista às crianças	155
Apêndice XXII- Grelha de categorização da entrevista às crianças	164
Apêndice XXIII - Registo do desenho livre no início e no fim do relatório.....	174

Índice de Anexos

Anexo I- Guião da entrevista às crianças	176
--	-----

Introdução

Este relatório desenvolveu-se no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar, no ano letivo de 2014/2015, numa instituição privada, em contexto de jardim de infância, na cidade de Faro.

O tema do presente relatório é “A importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança em jardim de infância”.

Este estudo foi motivado pela curiosidade em saber como é utilizado o desenho na prática de um jardim de infância, uma vez que o desenho ainda é visto pela sociedade, em geral, como uma atividade que apenas serve para entreter a criança (Passarinha, 2012). Deste modo, achamos pertinente e propusemo-nos a estudar o desenho e as suas implicações no desenvolvimento da criança.

O desenho infantil é uma atividade expressiva, sendo considerada a forma mais simples e natural de expressão plástica da criança. Cada criança expressa-se através da sua própria linguagem simbólica, tendo em conta a sua personalidade, única e pessoal. O desenho é uma atividade que reflete e estimula o desenvolvimento da criança (Sousa,2003b).

Salientamos que, o desenvolvimento da criança, a nível motor, social, emocional, cognitivo e linguístico é um processo que deriva da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social em que vive (Ministério da Educação, 2016). Nesta perspetiva e tendo em conta todos esses processos, Anim (2012); Cira de Luque (2015); Hawkins (2002); Hope (2008); Salvador (1988) e Sousa (2003) salientam a importância do desenho no desenvolvimento da criança a nível social, linguístico, cognitivo, afetivo, motor e estético. Para compreender melhor o seu desenvolvimento, vários autores, dedicaram-se a estudar o desenho infantil, reconhecendo a existência de diferentes etapas/fases no desenvolvimento do mesmo, que se tornam comuns a todas as crianças, de entre estes autores salientamos o trabalho desenvolvido por: Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky.

Ressaltamos que o desenho é para a criança uma forma de brincar (Moreira,1984; Salvador, 1988; Sousa, 2003b). Quando brinca a criança não se preocupa com a perfeição da sua técnica, porém expressa todo o seu ser, incluindo o que vai no seu inconsciente. O desenho é por isso uma função do desenvolvimento das suas capacidades neuromotoras, cognitivas, emocionais, sentimentais e socioculturais.

Dada a importância atribuída ao tema, propusemos como objetivo principal do nosso relatório compreender o modo como é utilizado o desenho pela educadora cooperante e qual a

importância que lhe atribui no desenvolvimento das crianças, bem como a percepção das mesmas acerca desta tarefa.

Salientamos desde já, que não iremos ensinar as crianças a desenhar, mas iremos estimulá-las, procurando aumentar a frequência com que desenharam no jardim de infância.

Este relatório encontra-se estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo corresponde ao enquadramento teórico-conceitual e é composto por quatro pontos que consideramos importantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. No primeiro ponto abordámos o desenho infantil. No segundo ponto falámos do desenho como meio de desenvolvimento. No terceiro abordámos as diferentes etapas gráficas do desenvolvimento das crianças e por último, no quarto ponto abordámos as orientações curriculares para a educação pré-escolar em vigor (Ministério da Educação 2007; 2016).

O segundo capítulo corresponde à metodologia utilizada no decorrer do estudo, sendo este de natureza qualitativa e descritiva. Neste capítulo explicamos como procedemos no decorrer da investigação e quais foram os instrumentos de recolha de dados utilizados. Recorremos à observação não participante, à observação participante, à observação indireta, às notas de campo e às entrevistas semiestruturadas.

No terceiro capítulo apresentamos todas as estratégias implementadas no decorrer do estudo e os seus objetivos. Realizámos cinco atividades no jardim de infância, no entanto, apenas aprofundaremos, com mais rigor, as atividades correspondentes ao início e final do estudo. Realizámos também entrevistas, à educadora cooperante e às crianças.

No quarto capítulo, analisamos e interpretamos os dados recolhidos, apresentando cada estratégia, descrevendo os processos, os resultados e a respetiva interpretação.

No quinto e último capítulo, apresentamos as conclusões do nosso estudo, referindo a importância de cada estratégia implementada, os resultados e a contribuição dos mesmos para o desenvolvimento das crianças, tendo em consideração a questão inicial e os objetivos que orientaram a investigação.

E por último, concluímos com uma reflexão final, que teve como objetivo avaliar o percurso realizado durante a realização desta investigação, e como a mesma contribuiu para a nossa prática profissional.

Capítulo I- Enquadramento teórico-concetual

1. O desenho infantil

O desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas que o ser humano conhece. As pinturas rupestres deixadas pelos homens da idade paleolítica e neolítica são exemplos das suas qualidades expressivas. As crianças e os homens desse período têm em comum o facto de não se preocuparem com a perfeição da sua técnica, mas sim, com a sua representação expressiva. A representação expressiva destaca-se por permitir a expressão de sentimentos e emoções em prol da representação da realidade. Neste sentido, o desenho é para a criança uma forma de expressão, onde exprime as suas paixões, temores, afetos, entre outros, estados sentimentais e emocionais (Sousa, 2003b). Segundo Piaget (1961), citado por Sousa (2003a), a expressão é a exteriorização da personalidade, realiza-se através do jogo simbólico, satisfazendo os desejos e as necessidades subjetivas de cada indivíduo. A expressão é íntima e pessoal, ou seja, não é para ser pública, nem para comunicar algo a alguém e muito menos serve para contemplar. Por isso, quando a criança se expressa através do desenho, é possível verificarmos que a mesma demonstra interesse na sua realização, perdendo esse interesse depois de terminado, apesar de o desenho ainda ser importante para ela, deixa de lhe interessar diretamente. Dado que, a criança expressa-se pelo prazer e pela necessidade que tem de se expressar, sem se preocupar com os juízos técnicos e estéticos que poderão surgir da necessidade de avaliar ou interpretar o seu desenho. A expressão tende a variar de pessoa para pessoa, pois o contexto social, cultural e educativo também é diferente (Sousa, 2003a). Por esta razão, quando a criança realiza um desenho, o conteúdo simbólico que representa, depende diretamente das motivações da mesma e da sua ação cognitiva, no momento em que o executa. O que conseqüentemente implica, que a sua expressão e o seu conteúdo simbólico, seja diferente, de criança para cada criança, não permitindo generalizações nas interpretações dos seus desenhos, até porque a criança muda várias vezes de simbolização para expressar as mesmas emoções. Para podermos interpretar o desenho da criança, devemos dedicar-lhe tempo, prestando atenção ao modo como o descreve e realiza os movimentos, sem que tenhamos de interferir, questionando sobre o que está a desenhar. A interpretação serve para compreender a criança e não o seu desenho (Sousa, 2003b).

Para realizar um estudo psicológico de uma criança através do desenho é necessário estudar uma serie de desenhos, só um não chega, estes devem ser acompanhados de uma

análise às verbalizações das crianças proferidas durante a produção, como destaca Arnheim (1998), citado por Sousa, (2003b). Sobretudo porque o mundo fantasmático da criança, ou seja, as suas fantasias, sentimentos, conflitos e emoções, só são acessíveis a partir de deduções e reconstruções, associadas às particularidades dos seus desenhos. Um maior número de dados recolhidos permitirá, uma melhor avaliação. Como a criança não desenha representando a realidade visual, mas sim a exteriorização do seu ser, cabe mais ao psicólogo, do que ao educador, interpretar o conhecimento da criança através do desenho. Compete ao educador propor e proporcionar às crianças as melhores condições possíveis para que estas se possam expressar livremente através dos desenhos, estimulando-as e apoiando-as sempre (Sousa, 2003b).

Segundo (Moreira, 1984), O desenho é uma linguagem para a criança, que comunica e regista a sua fala, esta desenha também para escrever, “O desenho é a sua primeira escrita” (Moreira, 1984, p. 20). A autora destaca também, que ao desenhar a criança cria um mundo, um jogo, silencioso ou ruidoso, com ou sem comentários, salientando acima de tudo que a criança desenha para brincar. Salvador (1988), do mesmo modo, refere que ao desenhar a criança cria personagens e ambientes onde vive aventuras, coloca os seus sentimentos e os seus desejos no seu traçado, destacando que não é necessário pedir ou dizer à criança para desenhar, esta fá-lo de livre e espontânea vontade.

Comprovamos que existem diferentes tipos de desenhos, estes podem ser classificados por desenho de memorização, desenho de observação, e desenho criativo (Santos & Silveira,2016). O desenho de memorização, tal como o nome indica é realizado com base na memória da criança; o desenho de observação é realizado quando a criança observa um objeto ao mesmo tempo que o desenha; o desenho criativo pode ser livre ou dirigido/orientado. No livre a criança desenha com base na sua criatividade e imaginação, no dirigido/orientado, o adulto dá um tema à criança para ela desenhar. No desenho orientado, apesar de a criança criar de forma livre o seu desenho, é sempre estimulada pelo educador (Santos & Silveira,2016).

Ao executar o seu primeiro traço, pegando num lápis e começando a riscar um papel, a criança desenha “*pelo simples prazer que tal ação lhe dá e por necessidade de desenvolvimento neuromotor*” (Sousa, 2003b, p. 172). Os adultos, por norma não consideram as suas verdadeiras motivações, pensamentos ou sentimentos. Quando desenha ou garatuja, a criança descobre que existe uma relação entre o que a sua visão ordena, o que o seu braço faz e o que fica marcado no papel (Sousa, 2003b). Nesta etapa, o que realmente importa é o movimento que executa e não o desenho que executou. Por isso, não sente necessidade de dar

um nome ao seu traçado (Sousa, 2003b). Quando o adulto passa a intervir, o desenho passa a ter mais importância que o movimento que lhe deu origem. O que coloca a criança numa posição desconfortável, pois esta tinha confiança em si mesma, devido ao facto de poder controlar os seus movimentos consoante a sua vontade e agora precisa preocupar-se com o que irá desenhar, tendo em vista a apreciação do adulto (Sousa, 2003b).

Um dos principais erros cometidos pelos adultos é tentar ensinar a criança a desenhar, tentando demonstrar à criança o que espera que ela desenhe. A criança de boa vontade tenta desenhar, como o adulto, no entanto, não consegue, os seus traços acabam por desagradar ao adulto e à própria criança, causando-lhe frustração e sensação de incapacidade. Esta acaba por perder a espontaneidade e a criatividade expressiva, deixando progressivamente o desenho (Sousa, 2003b).

“No jardim de infância já se apercebeu que bonecos, casas, árvores e flores, são do agrado do adulto” (Sousa, 2003b, p. 173). Estes elementos são signos ou figuras esquemáticas que fazem parte do seu vocabulário plástico e aparecem em várias fases do seu desenvolvimento, quanto mais forem apreciadas pelo adulto mais vezes são utilizadas (Sousa, 2003b). Além disso, a criança tende a pedir ajuda do adulto para desenhar algo que tem dificuldade. Na maior parte das vezes, não precisa de ajuda apenas está interessada em estreitar as suas relações afetivas com o adulto (Sousa, 2003b). Este nunca deverá interferir no desenho, pois se o fizer poderá inibir a criança, limitando a sua criatividade e a sua liberdade de expressão, bem como afetar a sua autoestima, a sua autonomia e a sua motivação (Sousa, 2003b). Estes fatores psicológicos são de extrema importância para um desenvolvimento harmonioso da criança, tendo o educador que os ter em consideração e sempre que possível estimulá-los, recorrendo por exemplo à prática do desenho.

A criatividade, a motivação, a autoestima e a autonomia, são fatores que não podemos descurar na prática educativa e que passaremos a descrever e a relacionar de forma breve.

Segundo Vieira (2013), o termo criatividade têm diferentes definições, mas estas complementam-se. A diversidade de opiniões e a complexidade do conceito dificulta a sua compilação. Por esta razão, após a leitura de várias investigações, optámos por adotar o conceito de Necka e Kalma (2001), citado por Colaço (2013), onde as autoras destacam que a criatividade deve ser entendida como uma característica própria, pertencendo a cada indivíduo, manifestando-se com diferentes intensidades, logo, a criatividade é uma capacidade, permitindo produzir novas ideias adequadas a cada contexto. Daí ser necessário estimular a criatividade para que ela possa desabrochar. Alencar (2007), citado por Colaço (2013), segue esta linha de pensamento, dado que este afirma que a criatividade não acontece

por acaso, deve ser deliberadamente empregada e desenvolvida no contexto educativo, cabendo à escola proporcionar oportunidades que favoreçam a utilização da expressão criativa nos processos de ensino e aprendizagem. O reconhecimento e a valorização da espontaneidade, do desejo natural de descobrir o mundo e da linguagem simbólica da criança são importantes atitudes e práticas criativas, a ter em conta no processo de criatividade (Colaço, 2013). Ao estimularmos a criatividade mostramos à criança que confiamos nela, nas suas possibilidades de realização, o que conseqüentemente, leva a criança a descobrir que o ato criador é mais importante do que uma ação de imitação. A capacidade criadora, ajuda a criança a desabrochar, tornando-a capaz de se ultrapassar a si mesma e ir além do conhecido, sendo capaz de fazer descobertas e criar novas coisas (Sousa, 2003a). Para a capacidade criadora desabrochar é necessário haver também liberdade educativa, esta, atribui-se à criação de um clima de tolerância e aceitação às iniciativas e opções da criança. Nesta perspectiva, a liberdade expressiva e criativa da criança integra a liberdade de iniciativa, a liberdade de escolher as atividades e os materiais a utilizar. A existência de liberdade favorece o surgimento da espontaneidade, uma das primeiras características do ato criador, por esta razão a espontaneidade só desabrocha num clima de liberdade (Sousa, 2003a). Read (1958), citado por Sousa (2003a), afirma que a espontaneidade é a realização de alguma coisa ou a realização de uma ação expressiva que decorre sem constrangimentos, pois, para o autor, o oposto da espontaneidade é o constrangimento. Nesta perspectiva, sem espontaneidade, não existe a criatividade, originalidade e a adaptação a novas situações.

A motivação é igualmente um fator importante no desenvolvimento das crianças. Campos (2016), afirma que não existe uma definição específica do conceito de motivação, porém expõe a definição de vários autores. Engelman (2010), citado por Campos (2016), considera que a motivação está implicada em diversos fatores que estimulam o indivíduo a alcançar um determinado comportamento, perante um problema ou situação. Do mesmo modo, Pereira (2010) citado por Campos (2016), considera que a motivação deve ser entendida para apoiar o desenvolvimento de atividades que são importantes para o desenvolvimento do indivíduo, que nelas se envolve. Ao nível educativo, um educando motivado dispõe-se a aprender de forma autónoma. Por esta razão, Campos (2016), citando Simão (2005) e Oliveira (1999), considera que a motivação é importante para obter sucesso escolar. O sucesso escolar deve-se à existência de um ambiente favorável em casa e na escola. Jesus e Abreu (1993), citados por Campos (2016), destacam que a motivação é importante para os educadores. Ao nível educativo, estes tendem a reconhecer determinadas características que demonstram a falta de motivação da criança no desenvolvimento de uma atividade, tais como: pouco empenho na

execução de tarefas e diminuição da participação nas atividades. Por essa razão, a existência de pouca motivação irá influenciar o sucesso escolar do indivíduo (Campos, 2016).

Valdivia (2011), considera que a motivação é importante para o desenvolvimento gráfico e expressivo das crianças. Salientando algumas estratégias que o educador deverá utilizar para motivar as crianças a desenharem. Deste modo, a autora ressaltou que o educador deve: procurar estimular a imaginação das crianças; escolher temas que motivem todas as crianças do grupo a desenharem, dando-lhes liberdade, para desenharem de acordo com o seu ato criador. Ressaltou ainda que, o educador não deve: impor qualquer critério estético ao desenho da criança; criticar a criança e o seu trabalho; sugerir um modelo para as crianças desenharem.

Um dos fatores que também influencia o desenvolvimento da criança é a autoestima. A autoestima pode definir-se como o conceito que temos de nós próprios, envolvendo todos os nossos sentimentos, pensamentos, atitudes e experiências que vamos recolhendo ao longo da nossa vida (Mejía & Pastrana & Mejía, 2011). Logo, autoestima é um conjunto de avaliações, experiências e impressões que são interdependentes umas das outras, contribuindo para a formação de sentimentos positivos e negativos sobre nós próprios. Desta forma, a autoestima é uma apreciação pessoal, desenvolvendo-se ao longo da vida, onde as situações passadas e presentes interferem na avaliação que o indivíduo faz às suas competências e ao seu próprio valor. Mejía, Pastrana e Mejía (2011) referiram que a autoestima pode ser classificada em alta autoestima e baixa autoestima. Harte (2012), citado por Cremers-Laurent (2015), explicou a alta e a baixa autoestima, com base nas observações que fez ao comportamento das crianças. Na alta autoestima, a criança revela iniciativa, curiosidade, confiança e autonomia. Na baixa autoestima, a criança revela pouca iniciativa, confiança, curiosidade e autonomia. Cremers-Laurent (2015) apontou alguns exemplos ilustrativos do comportamento das crianças, em idade pré-escolar, relacionados com a alta autoestima e a baixa autoestima. As crianças com alta autoestima confiam nas suas ideias, têm iniciativa, demonstram confiança face aos desafios, são curiosas, gostam de explorar e questionar coisas novas, demonstram orgulho nas suas produções e descrevem-se de modo positivo. Adaptam-se ainda a mudanças, tolerando frustrações, demonstrando persistência, sendo capazes de lidar com críticas. No caso das crianças com baixa autoestima, estas manifestam, embora pela negativa, os mesmos comportamentos das crianças com alta autoestima. Algumas crianças com baixa autoestima têm a particularidade de não participarem em atividades, limitam-se a observar e tendem a desistir facilmente e a colocarem-se de parte. Não conseguem adaptar-se a mudanças,

frustram-se com facilidade, acabando por desistir, tendem a ter comportamentos imaturos e inadequados a situações inesperadas e stressantes (Cremers-Laurent, 2015).

Quando nos referimos anteriormente, sobre a autonomia da criança, tivemos em conta o seu conceito. De acordo com Gonçalves (2015), a autonomia é a capacidade de proceder a ações de modo independente e de assumir a responsabilidade das mesmas, por outras palavras, a autonomia é a capacidade que a criança tem em realizar tarefas sozinhas, de maneira independente, sem a presença do adulto. Simultaneamente, Vilhena (2015), ressalta que esta capacidade se adquire, gradualmente desde o nascimento até ao fim da vida de um indivíduo.

Em síntese, a criatividade, a liberdade, a autoestima, a autonomia e a motivação contribuem para o desenvolvimento da criança. Nesta perspetiva, consideramos que a melhor opção para ajudar a criança a desenhar é dispensar-lhe atenção, dando-lhe motivação e ajudando-a a relembrar conhecimentos e vivências que poderá transpor para o papel (Sousa, 2003b).

Sousa (2003b), também realça que o escárnio, a indiferença e o elogio injusto são atitudes que o adulto não deve ter em relação ao desenho infantil, pois são nefastas para a criança. Troçar, ou comentar ironicamente um desenho, pode ser traumático, pois as crianças expressam os seus sentimentos no desenho, não importa se estes são estereotipados ou não. A indiferença é muito sentida pela criança, pois muitas vezes desenha para agradar o adulto, esforçando-se e anulando-se, com o objetivo de criar uma ligação com o mesmo. Quando isso não acontece a criança sente-se desapontada. O elogio exagerado, para ela ou para outra criança, quando sabe que não é justo, também pode causar desequilíbrios no seu desenvolvimento (Sousa, 2003b).

O adulto ao julgar a produção infantil, a partir dos seus padrões estéticos poderá comprometer o desenvolvimento da criança (Morreira, 1984). *“Se toda a criança desenha, a maioria quando cresce diz: “eu não sei desenhar...e também não cria mais histórias, endurece o seu corpo e não canta mais”* (Morreira, 1984, p. 51), inibe-se. Já que, a liberdade para criar e a espontaneidade expressivas foram suprimidas pelo desejo de realizar desenhos do agrado do adulto. A sua falta de habilidade para corresponder a esse desejo, gera problemas psíquicos, o que faz com que as crianças já não encontrem no desenho a sua via de alívio catártico, por outras palavras, a liberdade para expor os seus sentimentos e emoções (Sousa, 2003b).

2. O desenho como meio de desenvolvimento da criança

O termo desenvolvimento tem como significado o crescimento e o progresso. Este termo quando aplicado à evolução da criança, é enunciado de desenvolvimento infantil, pois,

“ (...) significa que a quando observamos no tempo constatamos um crescimento das estruturas somáticas, um aumento das possibilidades pessoais de agir sobre o ambiente, e por conseguinte, processos nas capacidades de compreender e de se fazer compreender”
(Vayer & Roncin, 1988, p. 15)

É através das interações, com o meio em que está inserida que a criança cresce, progride e desabrocha (Vayer & Roncin, 1988). Evidenciando que o desenvolvimento da mesma, a nível motor, social, emocional, cognitivo e linguístico é um processo que deriva da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social em que vive (Ministério da Educação, 2016). O desenvolvimento é um processo único, contínuo, dinâmico e global, no qual é possível reconhecer algumas características que são comuns à maioria das crianças. No entanto, é preciso destacar que nem todas as crianças da mesma faixa etária têm as mesmas características e capacidades, e por isso não devem ser comparadas (Avô, 1996). As suas diferenças devem ser tratadas com respeito pela individualidade e pela diversidade. Todas as crianças têm potencial para se desenvolverem, apenas necessitam que lhes proporcionem condições e oportunidades, respeitando sempre o seu ritmo de maturação (Avô, 1996).

Segundo o Ministério da Educação (2007), a educação pré-escolar, surge assim como uma forma de auxiliar a criança na sua capacidade de compreender e de se fazer compreender pelo meio que a rodeia, de forma a proporcionar-lhe condições necessárias para a sua formação e para o seu desenvolvimento pessoal e social, *“tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”* (Ministério da Educação, 2007, p. 15). Nunca esquecendo que a educação pré-escolar estabelece uma ação educativa complementar à família das crianças (Ministério da Educação, 2007; 2016).

Como já foi mencionado anteriormente, o desenho é para a criança uma forma de brincar (Moreira, 1984; Salvador, 1988; Sousa, 2003b). O desenho é por isso uma função, do desenvolvimento das suas capacidades neuromotoras (movimentos da ação de desenhar), cognitivas (criatividade e raciocínio lógico), das dimensões emocionais e sentimentais (expressão artística) e socioculturais (materiais que pode utilizar e relacionamentos sociais). Como tal, o desenho é uma atividade lúdico-expressiva-criativa que reflete e estimula o desenvolvimento da criança (Sousa, 2003b). Seguindo a mesma ideia, Hope (2008), citado por

Anim (2012), salienta que o desenho ajuda a criar, desenvolver e esclarecer ideias. Permite também esclarecer observações e relacionamentos, ao representar e analisar essas concepções a criança desenvolve a compreensão e a comunicação com as outras pessoas. O que torna o desenho uma ferramenta útil no desenvolvimento das crianças a nível comunicativo. Seguindo o mesmo ponto de vista Hawkins (2002), citado por Anim (2012), considera que ao realizarem um desenho, as crianças desenvolvem-se a nível cognitivo, afetivo e linguístico. A nível cognitivo, o desenho favorece a emergência do pensamento, permitindo à criança conhecer e explorar o mundo; a nível afetivo permite que as crianças expressem as suas emoções; a nível linguístico permite que as crianças desenvolvam a sua linguagem visual (Anim, 2012). A linguagem visual é uma forma de comunicação que recorre a elementos visuais para transmitir ideias e pensamentos (Alford, 2015).

O desenho infantil é visto pela escola como um meio de desenvolvimento das crianças quando, segundo Ana Salvador (1988), este é utilizado como instrumento de medida para avaliar a inteligência, a motricidade e o sentido estético. Segundo a mesma autora, um dos testes mais utilizados para medir a inteligência da criança é o teste do desenho da figura humana de Jacqueline Goodenow, que tem como objetivo obter o quociente de inteligência da criança. Além da inteligência, também testam a personalidade das crianças recorrendo ao desenho, através dos testes: da Casa, de Françoise Minkowsha; da árvore de Karl Koch; do desenho da Família de L. Corman (Arfouilloux, 1983).

Segundo Anim (2012), o desenho promove o desenvolvimento da inteligência quando a criança desenha e partilha o seu pensamento. É através das reflexões e das conversas com o adulto, sobre os seus desenhos, que esta demonstra os seus conhecimentos, ou seja, estes são reflexo das suas competências cognitivas. Segundo Anim (2012), o desenho promove as competências sociais da criança, dado que, ao partilhar, mostrar e discutir sobre o desenho, com o seu grupo de amigos e com os adultos à sua volta, começa a construir competências sociais que lhe permitirão viver em sociedade, interagindo com os intervenientes da mesma, *“sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia”* (Ministério da Educação, 2007, p. 51).

O desenho é visto como um meio de desenvolvimento do sentido estético, pois na educação pré-escolar o contacto com as mais variadas formas de expressão artística, seja dramática, musical ou plástica, permitirão à criança apreciar a beleza em diferentes contextos e situações (Ministério da Educação, 2007; 2016). O contacto com diferentes formas de expressão estimulará a criança a imaginar, a criar e a sentir de forma diferente. Esta acaba por apreender muito do que lhe foi transmitido e tende a transpô-lo para o papel, sempre que sente

necessidade (Ministério da Educação, 2007; 2016). Segundo H. Read (1968), citado por Sousa (2003a), o sentido estético é inerente ao homem e não está dependente do seu nível intelectual. Com base em Sousa (2003a), o sentido estético está ligado aos sentimentos, às emoções, englobando a percepção dos materiais como as cores, os sons, os movimentos, assim como as reações físicas e sensoriais. Essas percepções serão transpostas para o papel através de formas e padrões agradáveis.

O desenho é visto como meio de desenvolvimento da motricidade, pois para desenhar, a criança tem de ter o domínio sobre a sua motricidade (Salvador,1988). É importante referir que a motricidade engloba dois tipos: a motricidade global e a motricidade fina e ambas estão presentes na realização do desenho (Serrano & Luque, 2015).

Segundo Paula Serrano e Cira de Luque (2015), o desenvolvimento motor global é perceptível na maneira como fazemos movimentos utilizando todo o corpo, este é o mais fácil de reconhecer e, por isso, é geralmente o mais associado ao desenvolvimento da criança. O desenvolvimento motor fino é definido pelos movimentos dos membros superiores. Isto é, na forma como se usam os braços, as mãos e os dedos (Serrano & Luque, 2015). É este tipo de motricidade que proporciona a manipulação de objetos, como lápis, pincéis, tesouras entre muitos outros objetos. Neste sentido, a motricidade fina é importante para a interação da criança com o meio que a rodeia, manipulando objetos que utiliza nas suas atividades diárias, como comer e beber, lavar os dentes, pentear-se, entre outros. O desenvolvimento da motricidade fina está em constante interação com o desenvolvimento da motricidade global (Serrano & Luque, 2015).

Geralmente é, quando a criança inicia a Educação Pré-Escolar que surge o termo desenvolvimento da motricidade fina. É nesta etapa, que o adulto começa a reparar na forma como a criança manipula os objetos (Serrano & Luque, 2015). O educador e os adultos responsáveis pela criança, começam a reparar na forma como a criança pinta, como a criança corta com a tesoura e ainda como a criança pega no lápis e muitas outras atividades em que a criança utiliza a motricidade fina (Serrano & Luque, 2015).

Como já explicitámos anteriormente, o desenvolvimento da motricidade global e da motricidade fina são essenciais para a criança realizar tarefas quotidianas, que lhe dão uma certa autonomia. Quando as mesmas têm dificuldades nas competências de motricidade fina, estas sofrem. A sua autoestima e o seu desempenho diminuem, e, no futuro, poderão afetar a sua aprendizagem escolar (Serrano & Luque, 2015). Uma vez que, segundo Meur e Staes (1989), as crianças, a partir do momento em que conhecem o seu corpo e este lhes obedece,

quer para se para movimentarem quer para agirem, terão sentimentos de satisfação e felicidade.

Visto que a Educação Pré-escolar, destina-se a crianças dos três aos cinco anos e considerando o tema deste relatório, consideramos pertinente abordar as diferentes características do desenvolvimento motor fino, que se encontram presentes na realização do desenho. Tivemos em consideração, as descrições realizadas pelas autoras, Paula Serrano e Cira de Luque (2015), sobre as principais características do desenvolvimento da motricidade fina das crianças, as quais iremos passar a descrever. Na faixa etária dos três aos quatro anos, as crianças já têm preferência por uma das mãos, mão liderante, embora possam trocar de mão no decorrer da atividade. Geralmente, quando fazem um desenho, é a mão dominante que segura o lápis e a outra mão dá assistência ao segurar no papel. Quando realiza desenhos, o braço da mão dominante não apoia na mesa, mas realiza os movimentos utilizando os ombros. Relativamente ao progresso em termos de desenho, estas começam a fazer linhas para tentar realizar cruces e tentam contornar os desenhos de formas geométricas como triângulos e quadrados, assim como, tentam pintar dentro do contorno dos desenhos, embora com pouco sucesso (Serrano & Luque, 2015). Aos quatro anos, a criança já segura a caneta ou o lápis com três dedos, postura designada por preensão tripode ou tríade. A criança segura o lápis com o dedo indicador e o polegar, apoiando o lápis no dedo médio. Esta forma de preensão é utilizada pelos adultos, portanto é considerada uma preensão madura (Serrano & Luque, 2015). Na faixa etária dos quatro e cinco anos, as crianças já executam movimentos mais refinados, utilizando o pulso e os dedos, e tendem a diminuir os movimentos dos ombros e dos cotovelos. Nesta faixa etária, a mão dominante já está definida. Relativamente ao progresso em termos de desenho, estas já fazem linhas diagonais, copiam cruces e já desenham a figura geométrica quadrado, sempre utilizando os materiais com preensão em tripode (Serrano & Luque, 2015). Na faixa etária dos cinco e seis anos, as crianças já executam movimentos em que as mãos trabalham em conjunto estando, a dominância manual notoriamente definida. Relativamente ao progresso em termos de desenho as crianças, já conseguem desenhar figuras geométricas como quadrados e losangos, assim como, cruces. A preensão tripode do lápis ou caneta já se encontra consolidada. Nesta fase, quando a criança executa um desenho, deve realizar movimentos pequenos, e precisos dos dedos e ter o antebraço e o dedo mindinho sobre a mesa (Serrano & Luque, 2015).

Podem existir alguns problemas com as crianças, associados às dificuldades de motricidade fina. Quando frequentam o ensino pré-escolar, algumas crianças recusam-se a pintar e a desenhar e também evitam utilizar os talheres para comer e fazendo-o com recurso à

utilização das mãos. Muitas vezes, a criança pede ao adulto para realizar uma atividade de expressão motora fina, sob o seu comando, em vez de ser ela a fazer a tarefa. Por isso, o adulto, não reconhece muitas vezes que a criança está a evitar realizar essas atividades. Essas crianças demonstram possuir capacidades de aprendizagem no âmbito escolar, têm facilidade em demonstrá-las verbalmente, mas, têm algumas dificuldades em demonstrar os mesmos resultados quando desenham, pintam e escrevem, provocando um impacto negativo na autoestima da criança (Serrano & Luque, 2015). A descrição feita anteriormente, do desenvolvimento da motricidade fina *“deve ser analisada com cuidado, uma vez que uma criança sem problemas pode ter algumas competências imediatamente abaixo ou acima da sua faixa etária”* (Serrano & Luque, 2015, p.24).

3. As diferentes etapas no desenvolvimento gráfico das crianças

“Os desenhos de uma criança são o reflexo do seu desenvolvimento geral e não uma evolução baseada em técnicas de desenho” (Sousa, 2003b, p.198).

Nesta perspetiva, não é o desenho que se desenvolve, mas sim a criança. Para compreender melhor o seu desenvolvimento, vários autores, de diferentes épocas, dedicaram-se a estudar o desenho infantil, reconhecendo a existência de diferentes etapas/fases no desenvolvimento do desenho, que se tornam comuns a todas as crianças. Apesar de já ter sido mencionado é importante referir que as faixas etárias são flexíveis. Entre esses autores destacam-se: Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky.

3.1. Perspetiva de Georges-Henri Luquet

Segundo Luquet (1969), os desenhos infantis são de natureza realista, dado que a criança desenha para representar o que conhece, seja pelo conhecimento que tem do objeto ou pela sua forma e representa-o tal como o vê, quer a semelhança seja ou não obtida. O desenho infantil não tem sempre as mesmas características do princípio ao fim, e dado que o desenho é realista, Luquet (1969) definiu três fases de Realismo: o Realismo Fortuito, o Realismo Falhado e o Realismo Intelectual, para distinguir as diferentes características do mesmo.

A primeira fase é o Realismo Fortuito, inicia-se por volta dos 2 ou 3 anos de idade e pode estender-se até aos 3 anos e meio. Nesta fase, Luquet (1969) destacou dois momentos distintos no desenvolvimento do desenho da criança. O primeiro, classificou-o como obra

involuntária. Caracteriza-se pelo facto de a criança traçar linhas sem qualquer intenção ou significado. “*Os movimentos da mão explicam como a criança os executa sem que correspondam a uma utilidade*” (Luquet, 1969, p. 136), isto é, a criança ao manusear objetos sobre superfícies diversas, acaba por deixar traços. Esta, ao reconhecer-se como a autora dos traços acredita ter um poder criador, que lhe proporciona uma melhor autoestima, o que contribui para continuar a desenhar, inicialmente de modo espontâneo e depois de modo intencional (Luquet, 1969).

O segundo momento, classificou-o como voluntário e caracteriza-se pelo facto de a criança realizar traços sem qualquer intenção, mas dando-lhe uma interpretação no final. Isto porque a criança observa no seu traçado uma semelhança a algo que conhece, afirmando que o seu desenho tem essa interpretação. Visto que a criança, embora não tenha perfeito controle sobre as suas faculdades gráficas, consegue realizar traços, que do seu ponto de vista significam qualquer coisa, mesmo não tendo realizado nenhum desenho cuja intenção fosse derivada nem provocada pela intenção de representar um determinado objeto (Luquet, 1969).

A segunda fase apresentada é o Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética. Inicia-se por volta dos 3 anos e meio e pode ir até aos 5 anos e meio. Nesta fase, segundo Luquet (1969), a criança quer desenhar de modo realista, mas não consegue dar ao seu traçado o aspeto que quer por ter obstáculos a nível físico e a nível psíquico. A nível físico, o autor alega que a criança ainda não tem controlo sobre o seu traçado gráfico, não conseguindo “*ainda dirigir e limitar os seus movimentos gráficos de modo a dar ao seu traçado o aspecto que quereria*” (Luquet, 1969, p. 147). Relativamente ao nível psíquico, o autor destaca o “*tempo limitado e descontínuo da atenção infantil*”. (Luquet, 1969, p. 148). Destaca ainda que a criança pretende representar no desenho todos os pormenores que pensa, sendo que a “*sua representação mental prolonga-se pelos movimentos gráficos que a traduzem no desenho*” (Luquet, 1969, p. 149). Como tal, a criança desenha objetos consoante a importância que lhe atribui e vai acrescentando, conforme a sua atenção lhe permite, novos pormenores. A atenção da criança diminui depressa, pois é difícil para a criança pensar no que tem de representar ao mesmo tempo que executa os movimentos gráficos necessários para a realização do desenho. Destaca ainda que, embora a criança não desene todos os pormenores do objeto, esta é capaz de os enunciar oralmente (Luquet, 1969).

Uma das características mais perceptíveis do Realismo Falhado é a Incapacidade Sintética. Esta surge associada às proporções dos desenhos. Nesta fase a maior parte dos desenhos realizados pelas crianças apresentam algum exagero quando comparados com a realidade do objeto representado. A Incapacidade Sintética pode ser resultado da imperfeição gráfica da

criança, do espaço disponível para fazer o desenho ou mesmo da introdução a um novo tema que interesse a criança. Outra razão apresentada por Luquet (1969) reside no facto de as crianças ao fazerem um novo traço se esquecerem do que tinham traçado anteriormente, o que faz com que alguns pormenores tenham uma orientação diferente dos outros. A Incapacidade Sintética não é superada imediatamente, pois ao analisar-se cronologicamente o desenho de uma criança, esta incapacidade tende a oscilar, isto é, aparece e desaparece até que é definitivamente eliminada (Luquet, 1969).

A terceira fase apresentada é o Realismo Intelectual e inicia-se a partir dos 4 anos e meio ou 5 anos de idade no momento em que a criança tende a superar a Incapacidade Sintética (Luquet, 1969). Nesta fase, a criança desenha todos os pormenores ou elementos do objeto real, mesmo que esses pormenores sejam invisíveis e apenas estejam no espírito da criança. Coloca também em evidência um maior número de elementos fundamentais do objeto representado, tal como, coloca em evidência os elementos invisíveis de um objeto, transparência, permitindo ver o que esses objetos ocultam (Luquet, 1969).

Nesta fase, as crianças representam também a planificação, processo no qual a criança representa o objeto em projeção no solo, ou seja, como se fosse visto em linha reta (Luquet, 1969). Surge também o rebatimento, geralmente aplicado para servir de suporte aos objetos, *“que consiste em rebatê-los de cada lado do corpo como se estivessem unidos por um eixo, à volta da qual se poderia fazê-los girar”* (Luquet, 1969, p.172). O rebatimento também pode ser utilizado para representar dois objetos frente a frente, utilizando dois planos paralelos entre si e perpendiculares ao chão, onde as partes inferiores são as mais próximas e as partes superiores as mais afastadas, o que torna visível a mudança dos pontos de vista, obtidas através da colocação dos pormenores na representação gráfica (Luquet, 1969).

As crianças começam a trocar o realismo intelectual pelo realismo visual, entre os 8 e os 9 anos, pois começam a excluir alguns dos processos presentes no realismo intelectual, tais como: o rebatimento e a mudança de ponto de vista, que são substituídos pela perspectiva (Luquet, 1969).

É importante referir que as fases apresentadas por Luquet (1969), não são rígidas uma vez que cada fase pode prolongar-se enquanto a seguinte já começou e na passagem de uma fase para outra existem renúncias de alguns elementos, assim como existe uma reconstrução dos conhecimentos adquiridos que dependem da interação criança-meio.

3.2. Perspetiva de Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977) a criança demonstra o que é importante para ela, da sua experiência subjetiva, o que está presente, de forma ativa na sua mente quando realiza o desenho. O desenho altera-se e passa por várias fases à medida que a criança se desenvolve.

A primeira fase apontada é a fase das Garatujas, nesta etapa, os autores dividem-nas em três categorias: as Garatujas Desordenadas, as Garatujas Controladas e as Garatujas com Atribuição de nome (Lowenfeld & Brittain, 1977). A segunda fase apontada pelos autores é a fase do Pré-Esquematismo, a terceira fase é o Esquematismo e a quarta fase é o Realismo (Lowenfeld & Brittain, 1977). Neste trabalho apenas nos iremos debruçar pela fase das Garatujas e pela fase do Pré-Esquematismo.

A fase das Garatujas sofre um grande desenvolvimento entre os dezoito meses e o quarto ano de vida da criança, pois é neste momento que aparece a primeira imagem visual. Os primeiros traços que a criança realiza são feitos sem intenção e variam no comprimento e na direção do traço, podendo repetir-se algumas vezes. Quando a criança movimentava o braço para a frente e para trás, nem sempre está a olhar para o que está a fazer, olhando apenas para o papel, e continuando a garatujar. Nesta fase, ao nível da motricidade, os dedos e o pulso não são usados para controlar o instrumento de desenho, o seu desenvolvimento motor ainda carece de controlo muscular perfeito e, como consequência só os movimentos mais amplos serão repetidos e a dimensão desses movimentos, transpostos para o papel, está diretamente relacionada com o tamanho da criança. As Garatujas Controladas surgem quando a criança descobre que existe uma relação entre os movimentos que executa e os traços que faz no papel. Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), geralmente, a Garatuja Controlada surge meio ano após a criança começar a garatujar. Neste período, a criança já adquiriu controlo visual sobre os traços que executa, e, conseqüentemente, as crianças mostram-se entusiasmadas, uma vez que passam a conseguir coordenar o seu desenvolvimento motor e visual. A conquista desta coordenação favorece o aparecimento de novos movimentos sobre o papel, o que permite à criança obter novos traços. Os traços, nesta fase, aparecem frequentemente repetidos, sendo geralmente linhas circulares, verticais e horizontais. As crianças conseguem permanecer nos limites da folha e começam a variar nas cores, experimentam várias posições para segurar o lápis ou caneta e, por volta dos três anos, já conseguirão agarrar objetos como um adulto. As Garatujas vão evoluindo tornando-se mais elaboradas e as crianças começam a descobrir que podem existir relações entre o que desenharam e algo do seu meio. É a partir desta fase que as crianças começam a dar nome às Garatujas, mostrando-as aos adultos e

conversando sobre as mesmas. A denominação das Garatujas é muito importante, uma vez que indica a transformação no pensamento das crianças, pois estas passam a ligar os seus movimentos ao mundo à sua volta (Lowenfeld & Brittain, 1977).

Relativamente aos desenhos (Garatujas) estes, não mudam muito em relação aos desenhos primitivos. Ao nível gráfico, os desenhos produzidos não sofrem grandes alterações em relação aos desenhos iniciais, porém, a criança começa a ter uma intenção do que vai desenhar. As crianças começam a enunciar o que vão desenhar. Estas poderão ter uma intenção, mas no decorrer da produção do desenho, este pode modificar-se e, no final, parecer uma imagem completamente diferente, podendo receber um nome completamente diferente, antes do desenho finalizado (Lowenfeld & Brittain, 1977).

A segunda fase, apontada por Lowenfeld e Brittain (1977), é a fase do Pré-Esquematismo. Nesta fase, a criança começa a desenhar de modo consciente representações que estão, de algum modo, relacionadas com o mundo à sua volta. Motivo pelo qual, se torna importante para o adulto compreender que a criança iniciou a sua compreensão gráfica.

Na fase Pré-Esquemática, por volta dos quatro anos, as crianças desenham algumas formas reconhecíveis, embora seja difícil analisar concretamente o que elas representam. Por volta dos cinco anos, os traços já são reconhecíveis, feitos de forma mais frequente, tais como: pessoas, casas e árvores. Nesta fase, mas por volta dos seis anos, os traços já são visivelmente identificáveis e geralmente os desenhos têm um tema. Existem variações entre as crianças no modo como o material é utilizado e no modo como elas trabalham (Lowenfeld & Brittain, 1977).

Uma das características do Pré-Esquematismo deve-se ao facto dos desenhos desta faixa etária sofrerem evolução, uma vez que os desenhos passam de um conjunto de linhas, até uma determinada representação, distinguível e notoriamente identificável. Uma dessas primeiras representações é a da figura humana que geralmente aparece representada por um círculo, retratando a cabeça, e por duas linhas verticais retratando as pernas. Este modo de desenhar a figura humana é comum nas crianças de cinco anos. A representação da figura humana evolui progressivamente. Além disso, os desenhos sofrem transformações e aparecem novos símbolos (Lowenfeld & Brittain, 1977).

Na fase Pré-Esquemática, as cores no desenho não são muito importantes para a criança, pois está mais focada em desenhar o que quer representar do que em utilizar as cores. É importante referir que nesta fase é muito raro existir uma relação entre a cor escolhida e a cor do objeto representado pela criança (Lowenfeld & Brittain, 1977).

3.3. Perspetiva de Lev Semyonovitch Vygotsky

Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento do desenho tem como base o domínio do ato motor e a fala. Inicialmente a criança gesticula e o lápis regista esse mesmo gesto num papel. Assim, a criança entende que pode desenhar um objeto. Relativamente à fala, inicialmente a criança necessita de ver o desenho antes de o identificar, contudo, à medida que vai crescendo, a criança vai verbalizar o objeto que pretende desenhar.

O desenvolvimento da expressão gráfico-plástica infantil de Vygotsky é dividido em quatro etapas: Simbólica; Simbólica-Formalista; Formalista Veraz; Formalista Plástica (Alexandroff, 2010; Portugal, s/d). Vygotsky não se preocupa em identificar as faixas etárias.

Na Etapa Simbólica a figura humana é representada por “bonecos”. Uma vez que, nesta fase as crianças não desenham tendo em conta o objeto real, mas desenham os objetos “de memória”, sem se preocuparem em representá-los com fidelidade (Alexandroff, 2010; Portugal, s/d).

Na etapa Simbólico-Formalista já é visível maior elaboração dos traços e das formas de grafismo pelas crianças. Nesta etapa, a criança sente a necessidade de representar as características concretas do objeto, passando assim da enumeração das características concretas do mesmo para a tentativa de representar a sua totalidade. Isto é, estabelecer o maior número de relações entre objeto representado e todas as suas partes. O que favorece o aparecimento de uma representação mais próxima da realidade, não esquecendo que nesta etapa, a representação ainda é considerada simbólica (Alexandroff, 2010; Portugal, s/d).

Na etapa Formalista Veraz as representações gráficas já são fiéis aos objetos (reais) observados pelas crianças, acabando com as representações simbólicas, presentes nas etapas Simbólica e Simbólica-Formalista (Alexandroff, 2010; Portugal, s/d).

Na etapa Formalista Plástica já é visível um novo modo de desenhar, uma vez que as crianças ao desenvolverem a sua motricidade (viso-motora), o grafismo se transforma numa atividade criadora, deixando de ser “*uma atividade com fim em si mesma*” (Alexandroff, 2010, p. 30; Portugal, s/d, p.8). Também se nota nesta etapa, que as crianças começam a diminuir a frequência com que realizam um desenho. Aqueles que ainda os realizam, fazem-no por prazer do ato criador (Alexandroff, 2010; Portugal, s/d).

3.4. Perspetiva de Jean Piaget

O desenvolvimento do pensamento racional das crianças foi definido em quatro estádios de desenvolvimento: Estádio Sensório-Motor (dos 0 aos 2 anos de idade), o Estádio Pré-Operacional (dos 2 aos 7 anos de idade), o Estádio Operacional Concreto (dos 7 aos 11 anos de idade) e, por último, o Estádio Operacional Formal (11 anos em diante) (Piaget, 1978). Dentro destes estádios encontram-se as fases da evolução gráfica das crianças.

A primeira fase do desenho infantil é a Garatuja, está presente no Estádio Sensório-Motor (0 aos 2 anos), assim como em parte do Estádio Pré-Operacional (2 aos 7 anos), existindo até por volta dos 3 aos 4 anos (Alexandroff, 2010).

A Garatuja divide-se em duas categorias: Garatuja Desordenada e a Garatuja Ordenada. A Garatuja Desordenada caracteriza-se pelos traços executados com movimentos desordenados e amplos. Não existindo preocupação com o desenho, a criança rabisca várias vezes sobre os traços que desenhou anteriormente (Alexandroff, 2010; Bombonato & Farango, 2016). A Garatuja Ordenada caracteriza-se pelos movimentos circulares e longitudinais. A figura humana surge nesta fase, de forma imaginária. A criança começa a interessar-se pelas formas e desenha o que imagina sobre um determinado objeto, não existindo uma relação fixa entre este e a sua representação. Geralmente a criança enuncia o objeto que vai desenhar e no final desse desenho, o objeto já é outro (Alexandroff, 2010; Bombonato & Farango, 2016). Por exemplo: A criança diz que vai desenhar um cavalo e, antes de terminar, ou ao terminar, diz que desenhou uma casa.

A segunda fase do desenho infantil é o Pré-Esquematismo, está presente na segunda parte do Estádio Pré-Operacional (dos 2 aos 7 anos), e vai dos 3 ou 4 anos até aos 7 anos. Nesta fase, a criança começa a descobrir que existem relações entre o desenho, a realidade e o pensamento (Alexandroff, 2010). A criança desenha, recorrendo às suas emoções e à sua imaginação, objetos dispersos que não têm qualquer relação entre si. Os traços que executa e as cores que utiliza não têm qualquer relação com a realidade (Bombonato & Farango, 2016).

A terceira fase do desenho infantil é o Esquematismo (7 aos 10 anos). Nesta fase, a criança começa a criar esquemas representativos com configurações diferentes para cada objeto. *“A cada categoria de objetos a criança cria uma forma diferente de expressão e entendimento. Exemplo: categoria= pássaro, forma= Letra V”* (Bombonato & Farango, 2016, p. 191). Descobre neste estádio a relação entre a cor e o objeto, assim como utiliza a linha de base. Relativamente à figura humana, embora já tenha definido um conceito sobre a mesma, são visíveis algumas derivações nos esquemas relativamente à mudança ou omissão

do símbolo, ao exagero e à negligência. Surgem ainda fenômenos como a Transparência e o Rebatimento (Alexandroff, 2010; Bombonato & Farango 2016).

A quarta fase do desenho infantil é o Realismo, surgindo no final do Estádio das Operações Concretas. Nesta fase, as crianças começam a ter consciência do gênero (sexual) e começam a autocriticarem-se de modo pronunciado. Relativamente ao gênero, as crianças diferenciam a roupa consoante o gênero representado. Abandonam a utilização da linha base e começam a utilizar mais as formas geométricas, de forma rígida e formal. Descobrem a existência do plano e a sobreposição (Alexandroff, 2010; Bombonato & Farango, 2016).

A quinta e última fase do desenho é o Pseudo Naturalismo, surgindo na fase das operações abstratas (10 anos em diante). Nesta fase surge o fim do desenho como uma atividade espontânea, onde algumas crianças desistem de desenhar (Alexandroff, 2010). Ainda nesta fase, a criança inicia uma investigação à sua própria personalidade e nos seus desenhos surgem características como: a profundidade; o realismo; a objetividade; o espaço subjetivo, a utilização da cor de forma consciente. Relativamente à figura humana, as características sexuais surgem de forma exagerada (Alexandroff, 2010; Bombonato & Farango, 2016).

Em suma, o desenho contribui para o desenvolvimento pleno das crianças, sendo possível reconhecer algumas características que são comuns à maioria das crianças, nas várias fases de desenvolvimento. No entanto, é preciso destacar que nem todas as crianças da mesma faixa etária têm as mesmas características e capacidades e, por isso, não devem ser comparadas nem avaliadas com base nos mesmos critérios.

4. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

De modo a auxiliar, a prática pedagógica do educador, foram criadas as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Estas visam apoiar o educador nas decisões que precisa de tomar no decorrer da sua prática, assim como, conduzir o processo educativo que vai desenvolver com as suas crianças (Ministério da Educação, 2007; 2016). Nesta perspetiva, as Orientações Curriculares apresentam fundamentos e princípios educativos que constituem uma base comum a todos os educadores, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica em jardim de infância. Os fundamentos e os princípios apresentados traduzem uma determinada perspetiva de como as crianças aprendem e se desenvolvem. Salientam que o desenvolvimento e a aprendizagem são vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança (Ministério da Educação, 2007; 2016). É através das relações e das interações que a criança estabelece com as outras pessoas (adultos e crianças) e das experiências

proporcionadas pelo contexto social e físico onde vive, que a criança aprende, contribuindo assim para o seu desenvolvimento. Considerando que o desenvolvimento físico e psicológico da criança é influenciado e influencia a aprendizagem, principalmente nesta etapa da vida, e atendendo às características intrínsecas de cada criança, ao seu processo de maturação biológica e às experiências de aprendizagens vividas, podemos afirmar que cada criança é única, com capacidades, características e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento distinto e com formas próprias de aprender (Ministério da Educação, 2016). O educador ao reconhecer que a criança se desenvolve e aprende num contexto de interação social, onde desempenha um papel dinâmico, encara-a como o sujeito e o agente do seu processo educativo. Deste modo, o educador deve partir das experiências prévias da criança, valorizando os seus conhecimentos e competências de modo a poder ajuda-la a desenvolver todas as suas potencialidades (Ministério da Educação, 2007; 2016).

O educador deve considerar as Áreas Conteúdo, como referências a ter em conta, quando planeia, executa e avalia as atividades educativas, nunca esquecendo que as Áreas são transdisciplinares (Ministério da Educação, 2007). As Áreas de Conteúdo presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar são: a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação (Ministério da Educação, 2007). A Área de Formação Pessoal e Social contribui para o desenvolvimento da criança, tendo como objetivo contribuir para que a mesma adquira espírito crítico, interiorize valores espirituais, estéticos, morais e cívicos. A Área de Conhecimento do Mundo contribui o desenvolvimento do pensamento, das ciências, das técnicas e das artes. A Área de Expressão e Comunicação contribui para o desenvolvimento psicomotor e simbólico da criança, o que permite que esta possa compreender e adquirir domínio sobre diferentes formas de linguagem. Esta área engloba três domínios: Expressões (plástica, motora, dramática e musical), Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a Matemática. (Ministério da Educação, 2007).

Atendendo ao facto de que a realização deste estudo decorreu no ano letivo de 2014/2015, a nossa prática pedagógica baseou-se nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007), pois estas encontravam-se em vigor. As novas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2016), apenas foram homologadas em 2016.

4.1. O desenho no currículo da educação pré-escolar

Relativamente ao desenho é possível enquadrá-lo em todas as Áreas e Domínios presentes nas Orientações Curriculares, dado que as mesmas são transdisciplinares, como tal é possível abordar as diferentes Áreas de modo globalizante e integrado (Ministério da Educação, 2007). No entanto, o desenho aparece destacado no Domínio das Expressões, mais concretamente na expressão plástica. A expressão plástica permite explorar com as crianças diferentes materiais, técnicas e instrumentos que são próprios desta forma de expressão. *“As atividades de expressão plástica são da iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que anteriormente construiu”* (Ministério da Educação, 2007, p.61). Uma das técnicas de expressão plástica mais utilizada na Educação Pré-Escolar é o desenho. Este, por ser considerado uma das técnicas mais fáceis de utilizar neste nível de ensino, não deve ser banalizado, servindo apenas para ocupar o tempo das crianças. O educador deverá torná-lo numa atividade de cariz educativo (Ministério da Educação, 2007). O desenho poderá ser encarado como um meio de comunicação e de representação, pode ser proposto pela criança ou pelo educador. O educador poderá pedir às crianças que recriem momentos de uma atividade, de um passeio ou de uma história. Este tipo de atividades permite ao educador analisar e avaliar o processo de desenvolvimento, do grupo e de cada criança, além disso, quando os trabalhos são expostos transmitem à comunidade educativa e aos pais o trabalho desenvolvido na instituição. O desenho poderá ainda ser encarado como uma forma de escrita, onde o domínio da expressão plástica se associa ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita (Ministério da Educação, 2007). Neste sentido, *“o desenho de um objecto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permitem “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento...”* (Ministério da Educação, 2007, p. 69). Além disso, poderá estar associado ao domínio da matemática, pois através de uma série de desenhos, tendo como base uma história, estes contribuirão para a construção da noção do tempo, entre outras noções matemáticas. Não esquecendo que o domínio da expressão motora está sempre presente na realização do desenho (Ministério da Educação, 2007).

Em suma, como foi descrito anteriormente, as Áreas de Conteúdo e os respetivos Domínios são transdisciplinares, tornando possível a utilização do desenho em todas as suas vertentes.

4.2. O papel do educador de Infância

Cabe ao educador estimular o desenvolvimento global da criança, respeitando as características individuais da mesma, promovendo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas, estimulando a curiosidade e o desejo de aprender da criança (Ministério da Educação, 2007).

O educador, responsável pelo desenvolvimento curricular do seu grupo, deverá ter em conta a multidisciplinaridade das Áreas de Conteúdo e dos respetivos Domínios. Tendo em conta o seu planeamento, assim como a avaliação das situações e oportunidades de aprendizagem. Sendo da sua inteira responsabilidade o planeamento de atividades, que devem estar de acordo com o atual desenvolvimento das crianças. As atividades deverão ser motivadoras e diversificadas, tendo em consideração os objetivos que o educador pretende promover. Além disso, deverão ser bastante interessantes para estimular as crianças, tendo em conta o seu desenvolvimento, para não as desmotivar e contribuir para o seu insucesso escolar (Ministério da Educação, 2007).

O educador deve apoiar cada criança, incentivando-a a desempenhar um papel ativo na construção da sua aprendizagem e desenvolvimento, assim como, na dos seus colegas (Ministério da Educação, 2007).

Relativamente ao desenho, cabe ao educador utilizar e transformar o desenho numa atividade educativa, promotora do desenvolvimento e aprendizagens (Ministério da Educação, 2007).

Capítulo II- Metodologia

1. Natureza do estudo

O presente estudo foi desenvolvido em contexto de jardim de infância, no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar e, teve como principal objetivo, compreender a utilização do desenho infantil na prática de um jardim de infância. Para melhor compreensão da nossa problemática, decidimos utilizar uma metodologia de investigação qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa possui características adequadas a este tipo de trabalho, uma vez que o investigador é o principal responsável pela recolha de dados. Além disso, o investigador qualitativo frequenta o local que pretende estudar, preocupa-se com o contexto e entende que as ações podem ser melhor compreendidas se forem observadas no ambiente natural. Nesta linha de pensamento a investigação qualitativa é descritiva, e os dados recolhidos são sempre qualitativos, isto é, baseiam-se em palavras ou imagens e nunca em números. As principais ferramentas para recolher dados são: entrevistas e a sua respetiva transcrição; notas de campo; fotografias; documentos; entre outros (Bogdan & Biklen,1994). Cabe ao investigador analisar os dados, respeitando sempre a forma como foram registados. Nesse sentido, os investigadores qualitativos acabam por ter mais interesse pelo processo do que pelo resultado, e tendem a analisar os dados de forma indutiva, sendo que o mais importante na abordagem qualitativa é o significado (Bogdan & Biklen,1994).

2. Questão de pesquisa

Tendo em conta a análise documental e o período de observação participativa no início da Prática de Ensino Supervisionada, definimos a seguinte questão de pesquisa: Qual é a importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança em jardim de infância?

3. Objetivo do estudo

O principal objetivo deste estudo é compreender o modo como é utilizado o desenho pela educadora cooperante e qual a importância que lhe atribui no desenvolvimento das crianças, bem como a perceção das mesmas acerca desta tarefa. No final deste estudo pretendemos dar resposta aos seguintes objetivos específicos:

- Perceber a importância que o desenho tem para a educadora cooperante;
- Analisar a importância que as crianças atribuem ao desenho;
- Constatar/Verificar se o desenho é realizado de forma livre ou espontânea pela criança;
- Observar o comportamento das crianças aquando das apresentações dos seus desenhos ao grupo;
- Incentivar as crianças a desenharem, estimulando a sua criatividade, a sua sensibilidade estética e a sua motricidade fina.

4. Participantes do estudo

Participaram neste estudo 18 crianças, sendo 8 do género masculino e 10 do género feminino. À data da realização deste estudo, as crianças frequentavam um jardim de infância de uma instituição de carácter privado, na cidade de Faro. Neste grupo, 4 crianças tinham 4 anos de idade e as outras 14 tinham 5 anos, feitos até 30 de setembro de 2014. Este estudo também contou com a colaboração da educadora cooperante e da técnica de ação educativa, sempre dispostas a ajudar na planificação e na realização das atividades.

5. Procedimentos metodológicos

5.1. Procedimentos éticos

Para iniciarmos e podermos desenvolver este estudo foi necessário redigir/dirigir alguns documentos aos encarregados de educação, no sentido de os informar sobre o tema a ser desenvolvido no decorrer da prática profissional. Foi ainda pedida autorização para as crianças poderem participar no estudo, salvaguardado e garantindo a confidencialidade das mesmas. (Apêndices I e II).

5.2. Análise documental

De forma a compreender a importância que a instituição e a educadora cooperante atribuem ao desenho infantil, decidimos analisar dois documentos pedagógicos: o Projeto Educativo da Instituição e o Projeto Curricular de Grupo. No Projeto Educativo não foi possível encontrar nenhum objetivo que vá ao encontro do nosso estudo, pois o projeto aborda muito superficialmente a Área de Expressão e Comunicação, lugar onde o desenho deve constar.

Já no Projeto Curricular de Grupo, embora aborde de forma superficial a Área de Expressão e Comunicação, conseguimos obter informações que poderão ser úteis no decorrer do estudo, nomeadamente que as crianças necessitam de melhorar a sua motricidade fina, como pegar no lápis, no pincel ou na tesoura (Projeto Curricular de Grupo, 2014/2015, p. 9). A outra informação relevante assenta no facto de a educadora ter como objetivo desenvolver a criatividade (Projeto Curricular de grupo, 2014/2015, p. 26). Consultámos e analisámos estudos desenvolvidos anteriormente sobre o desenho infantil, tal como consultámos as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 2007), no decorrer do nosso estudo. Estas funcionaram como documento orientador na nossa prática profissional, pois à data da realização deste relatório de estágio, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2016), ainda não tinham entrado em vigor.

5.3. Observação

A observação revelou-se ao longo do nosso estudo uma “peça-chave”, pois permite ao investigador descobrir, de facto, como as coisas funcionam e acontecem. A observação não integra apenas a perceção visual, mas também a perceção tátil, olfativa e auditiva (Flick, 2013). Neste sentido, o investigador qualitativo, recorre aos cinco sentidos para recolher informações, que só ganham significado ao serem obtidas no seu ambiente natural (Flick, 2013). Seguindo esta linha de pensamento, recorreremos ao longo da nossa investigação à observação não participante, à observação participante e à observação indireta. Este leque de observações permitiu-nos realizar a recolha de dados de modo mais preciso, assim como nos ajudou a executar, a analisar e interpretar os dados (Flick, 2013).

5.3.1. Observação não participante

Durante as primeiras quatro semanas de estágio procedemos a este tipo de observação com o objetivo de perceber como era utilizado o desenho na prática do jardim de infância. Pois, este tipo de observação, acompanha o decorrer dos acontecimentos. Estes prosseguem como se o investigador não estivesse presente (Flick, 2013). O que nos permitiu conhecer a rotina escolar das crianças, tentando perceber qual a dinâmica do grupo e quais eram as suas atitudes face ao desenho. Todas as observações realizadas neste período encontram-se dispostas em grelha, designada de grelha de síntese de observações (Apêndice III).

5.3.2. Observação participante

Após as quatro semanas iniciais do estágio, procurámos desenvolver atividades que promovessem o desenvolvimento da criança, mais concretamente, o desenho. Procurámos participar ativamente na elaboração e no desenvolvimento das mesmas, o que nos permitiu identificar as dificuldades e necessidades do grupo face ao desenho e observar as reações das crianças à implementação das estratégias e, por último, observar o efeito provocado pela implementação das mesmas. De facto, e de acordo com Flick (2013), a observação participante procede em dois planos: no primeiro o investigador vai-se tornando participante, ganhando acesso às pessoas e no segundo prossegue na observação, focando-se mais no objetivo que está a investigar.

5.3.3. Observação Indireta: Fotografias

A observação indireta, à qual recorremos através de fotografias, permitiu-nos registar os momentos para futura observação e análise, o que foi bastante importante, pois muitas vezes é crucial para captar os momentos de todas as crianças, no decorrer das atividades. A fotografia visa documentar as práticas analisadas, permitindo confrontar as apresentações e interpretações em forma de texto. Muitas vezes, percebidas e interpretadas sob um ponto de vista específico (Flick, 2013).

5.4. Notas de campo

As notas de campo foram muito importantes para a nossa investigação visto que é impossível registar de outro modo todas as ações, comportamentos e reações das crianças, no decorrer da nossa prática pedagógica. Neste sentido, resolvemos registar, através de uma tabela (Apêndice IV), os momentos mais significativos no decorrer das atividades e a nossa interpretação sobre os mesmos. As notas de campo são *“o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê ou experiencia e pensa no recurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”* (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150).

5.5. Entrevista Semiestruturada

A entrevista “*consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora possa envolver mais pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra*” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). Neste sentido, a realização das entrevistas à educadora cooperante (Apêndice V) e às crianças (Anexo I), foi muito importante, pois permitiu-nos recolher informações sobre a importância que estas atribuem ao desenho. Optámos por utilizar a entrevista semiestruturada, uma vez que este tipo de entrevista, não é inteiramente aberta e também não tem perguntas demasiado precisas. O investigador dispõe de algumas perguntas com as quais irá orientar a entrevista de modo a recolher informações do entrevistado (Morgado, 2012). Optámos por realizar a entrevista das crianças recorrendo ao guião da mestre em Educação Pré-Escolar (Passarinha, 2012), visto que este vai de encontro ao nosso estudo e considerámos simples para as crianças responderem.

De modo a podermos interpretar o sentido das entrevistas realizadas, optámos por utilizar a análise de conteúdo. Segundo Guerra (2006), a análise de conteúdo tem como objetivo descrever as situações ao mesmo tempo que o sentido em que foi dito. O que torna a análise de conteúdos, um bom método para organizar as informações recolhidas nas entrevistas. Segundo a Casa do Psicólogo (2005), é com base na descrição exaustiva e intensa do conteúdo das entrevistas que o investigador qualitativo consegue organizar o material recolhido, transformando o material proferido oralmente em categorias temáticas, possíveis de análise e interpretação. Neste sentido, para realizarmos e analisarmos as entrevistas procedemos do seguinte modo: elaborámos os guiões das entrevistas, aplicámos as entrevistas, transcrevemos as mesmas e, por fim, comparamos o guião e a transcrição e criámos grelhas para as categorizar. Nas grelhas, a categoria corresponde ao tema a analisar, a subcategoria corresponde ao subtema a analisar, os indicadores correspondem à designação fictícia dos entrevistados e as unidades de registo correspondem às respostas dadas pelos mesmos.

Capítulo III- Estratégias de intervenção implementadas

Considerando as observações realizadas nas quatro primeiras semanas de estágio (Apêndice III), verificou-se/observou-se que as crianças não privilegiam muito o ato de desenhar. Tendo em consideração esta informação, planeámos várias atividades pedagógicas, com o objetivo de as estimular a desenhar, promovendo assim a criatividade, a sensibilidade estética, o interesse em comunicar e a sua motricidade fina. Neste trabalho apenas iremos aprofundar com maior rigor duas atividades realizadas pelas crianças, a atividade inicial e a atividade final, relacionadas com a temática em estudo. No entanto, referiremos algumas das atividades realizadas entre a atividade inicial e a atividade final, onde as crianças foram estimuladas a desenhar sobre vários materiais e com vários objetos. Não ficámos presos, somente ao papel e aos lápis.

Para além disso, realizámos uma entrevista semiestruturada à educadora cooperante e às crianças.

Em seguida iremos descrever cada uma das estratégias implementadas, no decorrer da investigação, por ordem cronológica, e cujos objetivos já supracitamos.

1. Palhaço Ernesto

Para promover a celebração do carnaval, começámos por planificar várias atividades semanais (Apêndice VI) que envolvessem a exploração da história do Palhaço Ernesto (Apêndice VII). No decorrer dos três dias de estágio as crianças ouviram a história pelo menos uma vez por dia. Explorámos em grande grupo a história, e todos os elementos abordados na mesma. Para que a história do Palhaço Ernesto fosse mais atrativa, fizemos fantoches e contámos a história através deles. Nos tempos livres das crianças, nas atividades não dirigidas, era comum vermos as crianças a dramatizar utilizando os fantoches. No terceiro dia, propusemos às crianças que desenhassem o Palhaço Ernesto. Podiam utilizar todos os materiais disponíveis na sala. Desde o tamanho da folha até aos instrumentos próprios para desenhar.

2. Sistema solar

A atividade sobre o Sistema Solar surgiu após a introdução na sala de atividades de um jogo sobre o tema, pela educadora cooperante. Uma vez que o Sistema Solar despertou curiosidade e interesse nas crianças resolvemos trabalhar este tema, começámos por planificar

várias atividades (Apêndice VIII) que promovessem a exploração de saberes sobre o Sistema Solar. Realizámos uma dramatização intitulada de “*A grande viagem pelo espaço*”, onde apresentámos o Sistema Solar e os respetivos planetas, assim como, as suas principais características. Após a dramatização, propusemos às crianças que desenhassem “o espaço”. O desenho foi realizado em pequenos grupos. Neste desenho, as crianças utilizaram a técnica de desenho com leite e giz sob uma cartolina preta.

3. Dia do pai

Esta atividade surgiu da necessidade de promover e abordar o Dia do Pai e a sua celebração. Começámos por fazer uma planificação semanal (Apêndice IX). Nesta semana começámos por explorar com as crianças a música “*O meu pai é grande*” de Alda Casqueira Fernandes e o livro “*Eu e o meu Papá!*” de Alison Richie, promovendo assim a celebração do Dia do Pai. Propusemos às crianças que fizessem uma prenda para oferecerem ao pai. Pedimos que desenhassem, numa folha de musgami, com tintas acrílicas e pincéis, um tema à sua escolha.

4. Os cinco sentidos

Esta atividade surgiu com o objetivo de explorar os cinco sentidos, com as crianças. Começámos por elaborar uma planificação semanal sobre o sentido da visão e do paladar (Apêndice X). Começámos por explorar o sentido da visão e o sentido paladar através de uma conversa em grande grupo. Após a exploração da temática, propusemos às crianças a realização de um registo plástico sobre o sentido do paladar recorrendo à digitinta comestível. As crianças desenharam na mesa da sala de atividades com os dedos e as mãos.

5. Dia da mãe

Esta atividade surgiu com o objetivo de promover a celebração do dia da mãe. Começámos por elaborar uma planificação semanal (Apêndice XI). Nesta semana começámos por explorar com as crianças a música “*Um lugar quente e fofo*” de Alda Casqueira Fernandes e o livro “*A minha mãe*” de Anthony Browne, promovendo assim a celebração do dia da mãe. Propusemos às crianças que fizessem uma prenda para oferecerem à mãe. Pedimos às crianças que fizessem um desenho, numa forma cúbica. O tema do desenho era livre e podiam utilizar para desenhar todo o material disponível na sala de atividades.

6. O Ciclo do Mel

Para promover a proteção da natureza, começámos por fazer uma planificação diária da atividade (Apêndice XII). No decorrer da semana anterior a minha colega de estágio trabalhou com as crianças a primavera, e nos dois dias anteriores à minha planificação, trabalhou com as crianças o Ciclo do mel. Começámos por reler “*O ciclo do mel*” de Cristina Quental. Explorámos, em grande grupo, a história e todo o processo do ciclo do mel. Em seguida, propusemos que desenhassem uma abelha. Podiam escolher entre todos os materiais disponíveis na sala, desde o tamanho da folha até aos instrumentos próprios para desenhar.

7. Entrevista à educadora cooperante

Optámos por fazer uma entrevista semiestruturada à educadora cooperante, para conhecermos o seu percurso profissional, assim como, os conhecimentos que tem sobre a temática abordada e a importância que lhe atribui. (Apêndice V). A entrevista foi realizada na sala polivalente da instituição do pré-escolar. O ambiente durante a condução da entrevista foi informal e em clima amistoso.

8. Entrevistas às crianças

Optámos por fazer uma entrevista semiestruturada individual a cada criança, para conhecermos as razões pelas quais desenham e se acham que é importante desenhar (anexo I). A entrevista foi realizada na sala polivalente da instituição do pré-escolar, e decorreu de modo amigável e informal.

Capítulo IV- Apresentação e análise interpretativa dos dados

Neste capítulo procedemos à apresentação e análise interpretativa dos dados que recolhemos no decorrer desta investigação qualitativa, desde o ponto de partida até aos resultados das estratégias implementadas no decorrer da mesma, uma vez que, segundo Bohdan e Biklen (1994), a análise de dados é um processo de procura e de organização que permite através de todos os dados obtidos, analisar e tentar compreender os mesmos.

Nesta análise estarão contempladas as reflexões sobre os dados recolhidos, através da observação participante e não participante, notas de campo, transcrições das entrevistas e registos fotográficos. Voltamos a referir que todas as atividades pedagógicas implementadas tiveram como objetivos: promover a criatividade; a autoestima; a motricidade fina; a sensibilidade estética; o interesse em comunicar, assim como, estimular as crianças a desenhar.

1. Palhaço Ernesto

No dia 4 de fevereiro de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico individual do Palhaço Ernesto (Apêndice VI e VII). A atividade implementada decorreu na sala do jardim de infância e foi realizada por 15 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 40 minutos.

Começámos por reler, com recurso aos fantoches a história do Palhaço Ernesto. Após a leitura da história, conversámos sobre a roupa do Ernesto e as suas respetivas cores. Perguntámos às crianças, *“Quais eram as cores que o Ernesto utilizou?”* Individualmente, todas as crianças foram dizendo as cores do arco-íris. Nesta fase da atividade tornou-se visível que as crianças sabiam o nome das cores, das roupas do Ernesto e da estrutura corporal da figura. O mesmo se verificou quando questionadas: *“A que parte do corpo, pertence esta... peça de roupa?”*. À vez, todas as crianças foram dizendo o nome da parte do corpo onde se utiliza a peça.

Após este período de partilha, explicámos em grande grupo, o que pretendíamos que elas fizessem, que desenhassem o palhaço Ernesto. Uma das primeiras perguntas apresentadas pelas crianças foi *“De que cor é o cabelo do Ernesto?”* Com o objetivo de estimularmos autonomia das crianças, optámos por dizer *“O cabelo do palhaço Ernesto pode ser da forma que vocês quiserem, e das cores que desejarem”*. Definida esta etapa, as crianças deslocaram-se para as mesas onde lhes perguntámos em que folhas queriam desenhar, nas grandes ou nas

pequenas (A3 ou A4). As crianças optaram pelas folhas A4. Após terem à sua frente as folhas, uma criança de cada mesa ficou responsável por ir buscar os materiais que iriam utilizar na atividade. As outras crianças pediam aos colegas os materiais que queriam utilizar. As crianças das 3 mesas escolheram todos os mesmos materiais: lápis de cera, canetas, lápis de cor, de carvão e borracha. Depois de terem todos os materiais em cima da mesa, as crianças começaram a desenhar. O prazo estipulado para realizar o desenho foi de 20 minutos.

Nos desenhos feitos pelas crianças é possível visualizarmos (Apêndice XIII) que todas desenharam a figura humana, exceto uma criança. Visualizamos também que todas conseguiram associar uma cor à roupa do Ernesto, à exceção de uma outra criança. Verificamos ainda que a nível espacial, apenas 4 crianças, traçaram uma linha na parte inferior da folha, para representar a terra (solo).

Relativamente às cores, houve 5 crianças a usarem apenas 1 ou 3 cores. Outras deixaram o desenho por pintar, mas, a maioria, coloriu o desenho. A maior parte das crianças traçou primeiro com o lápis de carvão e só depois, passou o colorido por cima. Algumas apagaram o desenho que tinham traçado, pelo menos uma vez. Tal como, podemos observar nas figuras 4.1 e 4.2.

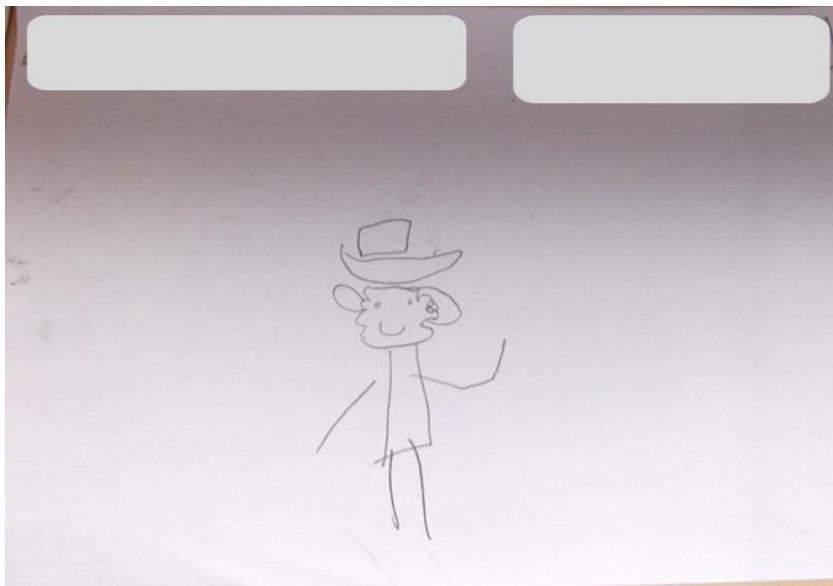


Figura 4. 1- Desenho da criança 7



Figura 4. 2- Desenho da criança 14

No decorrer da atividade, e mesmo depois, não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto porque, tivemos uma perceção de como o grupo inteiro desenha.

Numa primeira abordagem, as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas, quer pela história do Ernesto, quer pela realização do trabalho. Trabalho era o termo que as crianças utilizavam para todas as atividades dirigidas no jardim de infância. No início da concretização da atividade, as crianças encontravam-se entusiasmadas, mas, pouco tempo após terem começado a desenhar, foi visível a diminuição do seu entusiasmo. Chamaram várias vezes um adulto para perguntar se podiam fazer determinadas características na sua representação. Nesta parte da implementação demos liberdade às crianças para criarem o palhaço Ernesto. Também foi visível a necessidade constante de pedirem uma apreciação ao seu trabalho, como podemos constatar através da Grelha de observação direta - Notas de campo II preenchida (Apêndice XIV). Neste sentido, é notório que as crianças têm pouca confiança relativamente às suas capacidades gráficas. Também foi notório que, no decorrer da atividade, muitas vezes apagavam o desenho que já tinham realizado e voltavam a fazê-lo. Muitas crianças desistiram de completar o desenho por estarem cansadas ou desmotivadas com o seu desenho. Não insistimos para as crianças completarem o desenho, respeitando a sua vontade naquele momento. Mais tarde, no mesmo dia, quando perguntámos, se todas as crianças já tinham terminado o desenho ou se queriam completá-lo, as respostas dadas foram as mesmas, “já terminámos o trabalho”, ou seja, consideravam o trabalho terminado.

No decorrer da atividade, observámos que algumas crianças tinham dificuldades ao nível da motricidade. Existiam crianças que tinham uma postura incorreta ao sentarem-se à mesa para fazerem a atividade, o que implicava dificuldades na motricidade fina. Ainda utilizavam muito o ombro e o cotovelo, em vez do pulso e dos dedos, para movimentar o lápis. Grande parte das crianças já utilizava a preensão tripode para segurar no lápis. Em suma, destacámos nesta atividade que era necessário promovermos a autoestima e autonomia das crianças, no sentido de as tornar pessoas mais confiantes e mais autónomas, face aos adultos. Queríamos que explorassem mais o desenho, de maneira autónoma, sem colocarmos muitas restrições ao mesmo. Optámos por implementar esta atividade de desenho orientado para conhecermos melhor as crianças e as estimularmos a desenhar, para que no futuro, estas façam mais desenhos livres. As atitudes que tivemos em conta no decorrer da referida atividade foram as seguintes: incentivar as crianças oralmente, dizendo que toda as pessoas sabem desenhar; que todos temos maneiras diferentes de desenhar; nunca introduzir elementos no desenho das crianças e nunca fazer o desenho por eles. Procedemos deste modo porque é no desenho que a criança se expressa e a mais pequena inserção de um elemento feito pelo adulto, provocará estragos a longo prazo (Sousa, 2003b). Após a realização do desenho em grande grupo, as crianças apresentaram aos colegas os desenhos que fizeram. E os comentários foram bastante positivos. Quando perguntámos às crianças se tinham gostado de desenhar o Ernesto, a maioria das crianças disse que sim. Comentaram o trabalho dos colegas, utilizando várias expressões tais como: *“Desenhaste o Ernesto muito bem”*; *“Eu pintei as calças do Ernesto”*; *“O teu desenho está muito bonito!”*; *“Eu gostei do teu trabalho”*, entre outras expressões, como podemos constatar através dos principais comentários à atividade (Apêndice XIV).

2. Sistema Solar

No dia 25 de fevereiro de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico, em grupo, sobre o Sistema Solar (Apêndice VIII). A atividade implementada decorreu na sala polivalente e na sala de atividades e foi realizada por 18 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 45 minutos. Começámos por fazer uma dramatização sobre o Sistema Solar. A dramatização foi dinamizada na sala polivalente, onde havia uma estação espacial, e onde as crianças foram conhecer um astronauta, com o qual trocaram informações sobre o Sistema Solar.

Durante toda a dramatização, as crianças tiveram contacto com manuais escolares^{1 2}, onde foram apresentadas imagens reais dos planetas, cometas, asteroides, galáxias e estrelas. Após a dramatização, explicámos em grande grupo o que queríamos que as crianças fizessem. Neste caso, queríamos que elas desenhassem o “espaço”. Explicámos às crianças que iriam desenhar recorrendo a uma técnica diferente: iriam desenhar com giz e leite, sobre cartolina preta com pontos brancos. Dividimos as crianças em 6 grupos, constituídos por 3 crianças cada



Figura 4. 3- Desenho das crianças 8, 11 e 13

um. A cada grupo distribuímos uma cartolina preta. A atividade foi realizada por dois grupos de cada vez. Cada grupo tinha na mesa à sua disposição, giz de cor (verde, azul, amarelo e rosa) e uma vasilha com leite. O prazo estipulado para desenhar nas 6 cartolinas foi de 20 minutos.

Nos desenhos feitos pelas crianças é possível visualizarmos que desenharam círculos e linhas retas para representar os cometas e as galáxias, tal como podemos verificar na figura 4.3. Conforme foram desenhando, as crianças falavam sobre o que estavam a desenhar. Todas as crianças desenharam e representaram o que a sua criatividade e sensibilidade estética ditou.

No decorrer da atividade, e mesmo após, não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto porque tivemos a perceção de como o grupo inteiro desenha quando o faz em conjunto. Tal como, tivemos a perceção da forma como o grupo desenha sem seguir muitas diretrizes.

Depois de todas as crianças terem desenhado o espaço, colámos com a sua ajuda e orientação as cartolinas umas às outras, para fazer um placar, como podemos verificar na figura 4.4.

¹ Caldeira, C., Valadares, J., Neves, M., Vicente & M. Teodoro. V. (2002). *Terra no Espaço*. (Ciências Físicas e Naturais, Componente de Ciências Físico Químicas, 3ºCiclo do Ensino Básico). Lisboa: Plátano Editora, S.A.

² Mendonça, L.S., Dantas, M. D. C. & Ramalho, M.D. (2004). *Jogo de Partículas: Químicas A-Bloco1.10º ou 11ºano*. Lisboa: Texto editores.



Figura 4. 4- O espaço desenhado pelas crianças

Após as crianças terem desenhado e montado o espaço, conversámos em grande grupo sobre o trabalho realizado. Montámos o Sistema Solar, com as crianças recorrendo às imagens utilizadas na dramatização. O registo final do sistema solar pode-se visualizar na figura 4.5.



Figura 4. 5- Registo final do sistema solar

Na primeira abordagem, as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas quer pela dramatização, quer pela realização do trabalho. No início da concretização da atividade, as crianças encontravam-se e permaneceram animadas até ao fim da atividade, pois estavam a utilizar uma técnica diferente para realizar o desenho. Nesta atividade a maioria não recorreu ao adulto para orientações, mas algumas, ainda o fizeram para pedirem apreciações do desenho que estavam a efetuar.

Nesta parte da implementação demos liberdade às crianças para criarem um desenho do espaço.

Em suma, nesta atividade destacamos que o trabalho realizado em pequeno grupo proporcionou às crianças mais autoconfiança e autonomia no decorrer do desenho. Optámos ainda por implementar esta atividade de desenho com pouca orientação, para conhecermos até que ponto é que as crianças conseguem imaginar e criar desenhos sem a contribuição de um adulto. No que diz respeito à motricidade fina, as crianças variavam entre a preensão tripode e o decalque quando estavam a desenhar. A nível da sensibilidade estética as crianças utilizaram as suas cores preferidas. Demonstraram apreciar o resultado dos seus desenhos e o resultado final da atividade.

3. Dia do pai

No dia 16 e 17 de março de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico individual do dia do pai (Anexo IX). A atividade implementada decorreu na sala do jardim de infância e foi realizada por 18 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 40 minutos. Começámos por ler o livro “*Eu e o meu Papá!*” de Alison Richie. Após a leitura da história, conversámos sobre as características físicas e afetivas dos pais de cada criança. Explorámos a música “*O meu pai é grande*” de Alda Casqueira Fernandes. Após o período de exploração do livro e da música, explicámos em grande grupo o que pretendíamos que elas fizessem. Neste caso, pretendíamos que fizessem um desenho livre para prenda para o dia do pai. Uma das primeiras perguntas apresentadas pelas crianças foi “*podemos fazer flores, carros e animais?*”. Com o objetivo de estimularmos a autonomia, optámos por dizer “*Podem desenhar tudo o que desejarem*”. Definida esta etapa, as crianças organizadas, em pequenos grupos, deslocaram-se para as mesas, onde, após recortarem o material que serviria de base ao desenho, neste caso, *musgami*, passaram a desenhar com recurso a pincéis e tinta acrílica. As tintas disponíveis na realização da atividade foram escolhidas pelas crianças. O prazo estipulado para realizar o desenho foi de 20 minutos.

Nos desenhos feitos pelas crianças foi possível visualizarmos que todas as crianças desenharam e coloriram o desenho que fizeram. A figura 4.6 representa o resultado final do desenho da criança 17.



Figura 4. 6- Desenho da criança 17

A maior parte das crianças desenharam utilizando os pincéis, algumas crianças sentiram necessidade de recorrer aos dedos para aperfeiçoarem alguns pormenores, tal como podemos verificar na figura 4.7.

Os desenhos realizados pelas crianças derivaram face ao tema, muitos desenharam animais, casas e flores. Quando questionados sobre o tema que desenharam justificaram-se com *“eu gosto de desenhar animais e o meu pai também”* ou *“eu gosto da primavera”*.



Figura 4. 7 - Desenho da criança 10

A maioria das crianças associou os seus gostos pessoais ao tema que desenharam, outras pensaram em temas que os pais gostavam.

No decorrer da atividade, e mesmo após, não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto, porque tivemos uma perceção de como o grupo inteiro desenha recorrendo ao pincel.

Numa primeira abordagem, as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas pela realização do trabalho. No início da concretização da atividade, as crianças encontravam-se entusiasmadas e permaneceram animadas até ao fim. Apenas algumas crianças recorreram ao adulto porque necessitaram de ajuda para cortar. Nesta parte da implementação demos liberdade às crianças para criarem um desenho livre. Assim, foi notória uma melhoria da autoestima das crianças, face às suas atividades gráficas. Todas as crianças completaram o seu desenho.

No decorrer da atividade observámos que existiu uma melhoria ao nível de motricidade. As crianças já têm uma postura correta ao sentarem-se à mesa para fazerem a atividade. Ao nível da motricidade fina, algumas crianças já utilizam mais o pulso e os dedos para movimentar o pincel. Praticamente todas as crianças utilizam já a preensão tripode para segurar no pincel.

4. Os cinco sentidos

No dia 21 abril de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico individual sobre o sentido do paladar (Apêndice X). A atividade implementada decorreu na sala do jardim de infância e foi realizada por 18 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 40 minutos. Começamos por conversar em grande grupo sobre os cinco sentidos, dando principal ênfase ao sentido do paladar, e respetivo órgão, no caso a língua. Explorámos as características do paladar através de uma pequena degustação. Explicámos em grande grupo o que pretendíamos que fizessem, um desenho livre, onde iriam utilizar o sentido do tato, da visão, do olfato e do paladar. Para isso iriam utilizar uma tinta de chocolate: a digitinta. A digitinta de chocolate é feita com recurso a óleo alimentar, chocolate, farinha e água. Com o objetivo de estimularmos criatividade, optámos por dizer “*O desenho é livre, podem desenhar tudo o que desejarem*”. Definida esta etapa, as crianças em grupos de dois, de cada vez, deslocaram-se para as mesas, onde foi delimitado para cada um, o espaço na mesa (tamanho A3), com recurso a caneta permanente que serviria de base ao desenho. Foi distribuído em cada espaço o equivalente a um copo médio de digitinta. As crianças espalhavam com as duas mãos a digitinta pelo espaço delimitado e depois desenhavam nesse mesmo espaço. Após concluírem o desenho, recorriam ao adulto, para com ajuda deste,

carimbarem o desenho numa folha A3 de papel manteiga, onde depois iria ficar o desenho. O prazo estipulado para cada dupla realizar o desenho foi de 5 minutos. Durante a realização dos desenhos foi possível visualizarmos que todas as crianças desenharam com bastante entusiasmo. A maior parte das crianças desenharam utilizando os dedos indicadores. Os desenhos realizados pelas crianças derivaram face ao tema, muitos desenharam casas, flores, corações e estrelas, como se pode visualizar nas figuras 4.8; 4.9 e 4.10.



Figura 4. 8- Desenho da criança 4



Figura 4. 9 -Desenho da criança 3



Figura 4. 10 - Desenho da criança 11

Durante a realização do desenho as crianças dialogavam umas com as outras e justificaram os seus desenhos com “eu gosto de desenhar corações” ou “desenhar casas é fácil”. A maioria das crianças associou os seus gostos pessoais ao tema que desenhou. Outras pensaram em temas que consideram mais fáceis desenhar.

Não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto porque tivemos uma perceção de como o grupo inteiro desenha recorrendo aos dedos.

Numa primeira abordagem, as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas pela realização do trabalho. Nesta parte da implementação demos liberdade às crianças para criarem um desenho livre. Nesta atividade foi notória uma melhoria da autoestima das crianças face às suas atividades gráficas. Todas as crianças completaram o seu desenho e não pediram a apreciação do seu desenho ao adulto.

5. Dia da mãe

No dia 28 de abril de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico individual do dia da mãe (Apêndice XI). A atividade implementada decorreu na sala do jardim de infância e foi realizada por 17 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 40 minutos. Começámos por explorar a música “Um lugar quente e fofinho” de Alda Casqueira Fernandes. Após o período de exploração, explicámos em grande grupo o que

pretendíamos que elas fizessem. Neste caso, pretendíamos que fizessem um desenho livre para o embrulho da prenda do dia da mãe. Uma das primeiras perguntas apresentadas pelas crianças foi “*podemos fazer uma flores e corações?*” Com o objetivo de estimularmos a autonomia, optámos por dizer “*Podem desenhar tudo o que desejarem*”. Definida esta etapa, as crianças, em pequenos grupos, deslocaram-se para as mesas onde foram distribuídas as planificações do cubo em cartolina amarela, onde as crianças iriam desenhar. Após terem à sua frente as planificações, uma criança de cada mesa ficou responsável por ir buscar os materiais que iriam utilizar na atividade. As outras crianças pediam os materiais que queriam utilizar aos colegas. As crianças das 3 mesas, escolheram todas os mesmos materiais: lápis de cera, de carvão e borracha.

Após terem todos os materiais em cima da mesa, as crianças começaram a desenhar. O prazo estipulado para realizarem o desenho foi de 20 minutos.

Nos desenhos feitos pelas crianças foi possível visualizarmos que todas as crianças desenharam e coloriram o desenho que fizeram. A maior parte das crianças desenhou utilizando os lápis de cera. Os desenhos realizados pelas crianças derivaram muito pouco face ao tema, muitos desenharam flores, corações e a família. A maioria das crianças associou os seus gostos pessoais ao tema que desenhou, outras pensaram em temas que a mãe gostava de receber.



Figura 4. 11- Desenho da criança 8

No decorrer da atividade, e mesmo após, não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto porque tivemos uma perceção de como o grupo inteiro desenha recorrendo ao lápis de cera.

Numa primeira abordagem, as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas pela realização do trabalho. Nesta atividade, apenas algumas recorreram ao adulto porque necessitaram de receber orientação sobre o tema que poderiam ou não desenhar. Nesta parte da implementação demos liberdade às crianças para criarem um desenho livre, como podemos ver nas figuras 4.11; 4.12; 4.13 e 4.14



Figura 4. 12 Desenho da criança 9



Figura 4. 13- Desenho da criança 6



Figura 4. 14- Exemplo final da atividade do dia da mãe

Nesta atividade foi notória uma melhoria na autoestima das crianças face às suas atividades gráficas. Destacámos que nem todas preencheram o desenho que fizeram, mas todas as crianças completaram o seu desenho.

No decorrer da atividade, observámos que existiu uma melhoria ao nível de motricidade. As crianças já têm uma postura correta ao sentarem-se à mesa para fazerem a atividade. Ao nível da motricidade fina, algumas crianças já utilizavam mais o pulso e os dedos para movimentar o pincel. Praticamente, já todas as crianças utilizavam a preensão tripode para segurar no lápis de cera.

6. Ciclo do mel

No dia 18 de maio de 2015 procedemos à implementação da atividade de registo plástico individual do ciclo do mel (Apêndice XII). A atividade implementada decorreu na sala do jardim de infância e foi realizada por 17 crianças. Teve a duração total de aproximadamente 40 minutos.

Começámos por ler o livro do ciclo do mel. Após a leitura da história, conversamos sobre o ciclo do mel e sobre as abelhas. Perguntámos às crianças, “*quais são as partes do corpo da abelha?*” Individualmente, todas as crianças foram dizendo as partes do corpo da abelha. No caso, antenas, abdómen, asas, patas e ferrão. Mencionaram também as cores que as caracterizam.

Após este período de partilha, explicámos em grande grupo o que pretendíamos que elas fizessem, neste caso, queríamos que elas fizessem um desenho sobre o ciclo do mel, onde teriam de desenhar uma abelha. Uma das primeiras perguntas apresentadas pelas crianças foi “*podemos fazer mais que uma abelha e uma colmeia?*”. Com o objetivo de estimularmos a autonomia e o interesse em desenhar, optámos por dizer “*Podem desenhar mais do que uma abelha e tudo o que quiserem sobre o ciclo do mel*”. Definida esta etapa, as crianças deslocaram-se para as mesas onde lhes perguntámos em que folhas queriam desenhar, nas grandes ou nas pequenas (A3 ou A4) e as crianças optaram pelas A4. Depois de terem as folhas na sua frente, uma criança de cada mesa ficou responsável por ir buscar os materiais que iriam utilizar na atividade. As outras crianças pediam os materiais que queriam utilizar aos colegas. As crianças das 3 mesas escolheram todas os mesmos materiais: lápis de cera, lápis de cor, de carvão e borracha. Após terem todos os materiais em cima da mesa, as crianças começaram a desenhar. O prazo estipulado para realizar o desenho foi de 20 minutos.

Nos desenhos feitos pelas crianças é possível visualizarmos (Apêndice XV) que todas as crianças, com exceção de uma, desenharam abelhas. Dez crianças desenharam o ferrão das

abelhas, 12 crianças desenharam as asas da abelha e apenas 3 crianças desenharam as antenas da abelha. Visualizámos também que, à exceção de uma criança, todas as outras utilizaram bem as cores quando as pintaram. Muitas crianças desenharam pelo menos, uma colmeia por árvore.

Verificámos que, também a nível espacial, algumas crianças marcam o céu e a terra (solo) e, outras, apenas o céu ou a terra (solo). A maioria coloriu o desenho e só uma criança deixou a abelha por colorir. A maior parte das crianças traçaram o desenho utilizando lápis coloridos e não recorreram ao lápis de carvão. Tal como podemos observar nas figuras 4.15 e 4.16.



Figura 4. 15- Desenho da criança 15



Figura 4. 16- Desenho da criança 18

No decorrer da atividade, e mesmo após, não sentimos necessidade de efetuar mudanças na planificação, nem de a voltar a aplicar, isto porque, tivemos uma perceção de como o grupo inteiro desenha no final do período de estágio.

Numa primeira abordagem as crianças mostraram-se interessadas e entusiasmadas quer pela história do Ciclo do Mel quer pela realização do trabalho. Nesta atividade, não recorreram ao adulto, quer para orientações, quer para apreciações, como constatamos na grelha de observação direta - Notas de campo III preenchida (Apêndice XVI). Nesta parte da implementação, demos liberdade às crianças para criarem um desenho sobre do ciclo do mel, apenas apresentámos um critério, desenharem uma abelha.

Nesta atividade foi notória a melhoria da autoestima das crianças face às suas atividades gráficas. As crianças não recorreram à utilização do lápis de carvão nem da borracha. Todas as crianças completaram o seu desenho.

No decorrer da atividade observámos que existiu uma melhoria ao nível de motricidade. As crianças têm uma postura correta ao sentarem-se à mesa para fazerem a atividade. Ao nível da motricidade fina algumas crianças já utilizam mais o pulso e os dedos para movimentar o lápis. Praticamente todas as crianças já utilizam a preensão tripode para segurar no lápis.

Em suma, destacámos nesta atividade que o trabalho realizado no decorrer do ano letivo, em colaboração com a educadora cooperante, deu frutos, pois as crianças foram mais autoconfiantes, criativas e autónomas no decorrer do desenho. Optámos ainda por implementar esta atividade de desenho orientado, para sabermos até que ponto é que as crianças melhoraram, desejando que, no futuro, estas façam mais desenhos livres.

7. Entrevista à educadora

No dia 21 de maio de 2015 procedemos à implementação da entrevista à educadora cooperante. A entrevista decorreu no espaço polivalente do jardim de infância e demorou cerca de 15 minutos. No decorrer da entrevista existiram algumas interrupções por parte de outras educadoras cooperantes e de algumas crianças, uma vez que a sala polivalente é um espaço que dá acesso às salas do pré-escolar. Como já foi referido previamente, o guião utilizado nesta entrevista encontra-se no (Apêndice V).

Os dados que iremos utilizar de seguida constam da transcrição da entrevista à educadora cooperante e da respetiva grelha de categorização (Apêndice XVII e XVIII).

- **Formação acadêmica; Tempo de Serviço; Formação pós acadêmica**

Relativamente aos tópicos acima enunciados, constatámos que a educadora cooperante fez o Bacharelato em Educação de Infância e a Licenciatura em Expressões Artísticas.

“ (...) Bacharel em Educadora de infância” (E1);

“ (...) Licenciatura em Expressões Artísticas” (E1).

Exerce a profissão há 31 anos, à data da entrevista. Tem por hábito recorrer a formações complementares à profissão, cerca de uma a duas vezes por ano.

“Uma vez, duas vezes por ano”. (E1)

- **Importância do desenho infantil**

Relativamente à importância atribuída pela educadora ao desenho, esta enfatizou, por quatro vezes, que o desenho era importante.

“É muito importante” (E1);

“ (...) Considero o desenho livre muito importante” (E1);

“ (...) eu penso que o desenho é das coisas mais importantes” (E1);

“ (...) o desenho é das coisas mais importantes” (E1).

No que diz respeito à justificação da sua importância, a educadora destacou que o desenho promove a comunicação, permite conhecer a criança e a sua família.

“ (...) porque através do desenho, nós conseguimos identificar muitas questões dependentes, perceber como são as crianças, as famílias e é através do abstrato que a gente consegue chegar a coisas concretas” (E1);

“ (...) porque eles recriam e vivem coisas no desenho livre (...) ” (E1);

“ (...) o desenho é importante para comunicar” (E1).

Relativamente à sua formação, destacando o desenho infantil, a educadora admitiu que teve contato com o desenho quando fez o Bacharelato em Educação de Infância e na Licenciatura em Expressões Artísticas.

“ (...) Formação inicial” (E1);
“ (...) Expressões Artísticas” (E1).

- **Funcionalidade do desenho infantil**

Relativamente à utilização do desenho livre ou à utilização do desenho orientado a educadora referiu que não tem preferência, ficando subentendido que recorre aos dois tipos de desenho. Quando questionada sobre a diferença entre o desenho livre e o desenho orientado, a educadora referiu que no desenho livre consegue perceber o pensamento das crianças e que no orientado consegue perceber se as crianças conseguem seguir uma determinada matriz.

“ (...) nós conseguimos perceber muitas coisas que vão dentro da cabeça da criança. (desenho livre) ” (E1);
“ (...) é uma forma de nós percebermos até que ponto, eles conseguem seguir uma matriz que nós temos. (desenho orientado) ” (E1);

Tendo em conta a faixa etária do grupo, 5/6 anos, a educadora destacou o desenho livre como o mais importante.

“Considero o desenho livre muito importante porque eles recriam e vivem coisas no desenho livre que, para mim é mais importante” (E1);
“ (...) Para mim, não quer dizer que para outra educadora seja...” (E1)

Relativamente ao tipo de informações que o desenho pode transmitir, a educadora focou-se no desenvolvimento pessoal e social da criança.

“ (...) como é a criança, como é a família da criança e como é o meio onde a criança vive.” (E1)

- **Comunicações através do desenho**

Comunicar através do desenho é importante para a educadora, uma vez que considerou que nos desenhos é possível comunicar de forma lúdica. Os desenhos podem transmitir um

conjunto de informações sobre a criança, subentende-se que considera o desenho como se fosse um “espelho” dos pensamentos e sentimentos das crianças no momento em que o executa.

“ (...) podes comunicar com outra pessoa de uma forma lúdica” (E1);

“ (...) é importante para comunicar porque... pode-nos trazer muitas mensagens” (E1);

“ (...) como se fosse uma escrita para os meninos, em que eles ali transmitem tudo.” (E1)

- **Normas para apresentações dos trabalhos das crianças**

A educadora destacou que não estipula normas para o desenho livre, apenas estipula normas de apresentação para os desenhos orientados.

“ (...) se o desenho é livre não há norma” (E1);

“ (...) desenho de um trabalho orientado, aí existe uma norma.” (E1)

- **Análise dos desenhos**

A educadora destacou que tem por norma analisar os desenhos realizados na sala de atividades. Destacou os indicadores, que utiliza quando analisa o desenho. Apontou as cores, e a figura humana como indicadores.

“ (...) As cores” (E1);

“ (...) As cores escuras” (E1);

“ (...) braços da figura humana” (E1);

“ (...) se os braços estão abertos” (E1);

“ (...) se o rosto tem um sorriso.” (E1)

- **Utilização dos desenhos como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social**

A educadora indicou que utiliza o desenho como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social.

- **Dificuldades/ Facilidades em utilizar este método**

A educadora considerou que é difícil analisar os desenhos, é necessário ter uma visão alargada e abrangente para verificar e dar significado ao desenho da criança, sendo necessário conhecer a criança para perceber o seu desenho.

“ (...) ao analisarmos, nós temos de ter muito cuidado, portanto, termos uma visão alargada e abrangente, para verificar porque é que a criança fez aquilo” (E1);

“ (...) temos de ter muita atenção e perceber de quem é o desenho e quem é a criança que fez.” (E1)

Considerou também que é muito fácil motivá-las a desenhar.

“É muito fácil” (E1);

“ (...) é das armas que as pessoas quase todas utilizam mais” (E1);

“ (...) é mais fácil, é muito fácil porque eles gostam e nós também acabamos por dar muita importância a esta área.” (E1)

- **Feedback**

Relativamente ao *feedback* que a educadora dá às crianças sobre os seus desenhos, destacou que o faz em grande grupo e que as crianças também participam. Acabam por analisar os desenhos em conjunto.

“ (...) normalmente dou o feedback e eles também dão” (E1);

“ (...) O desenho é mostrado e analisado em grande grupo” (E1);

“ (...) todos damos um parecer” (E1);

“ (...) é importante todos nós analisarmos.” (E1)

Relativamente aos comentários que as crianças fazem ao desenho dos colegas, a educadora refere que define, com as crianças, critérios que são negociados em grande grupo, para depois serem analisados e avaliados.

“ (...) nós negociamos sempre” (E1);

“ (...) temos de ser críticos, mas saber o que estamos a fazer e tentamos sempre saber como é que o outro fez” (E1);

“ (...) perceber se há crianças que podem fazer mais. Devemos dizer e eu preparo-os para isso” (E1);

“ (...) tem de haver um critério negociado em grande grupo, para depois analisarmos e fazermos essa avaliação.” (E1)

Relativamente ao *feedback* dado aos pais, a educadora destaca que os pais interagem e gostam de falar sobre os desenhos dos filhos.

“ (...) os meninos levam o desenho para casa e os pais também interagem e gostam de falar sobre o trabalho e o desenho do filho.” (E1)

A educadora por norma fala com os pais, quando estes veem o desenho do seu filho exposto e procuram-na para questionarem o trabalho e falarem sobre o mesmo.

“Os trabalhos são expostos” (E1);

“ (...) os pais veem e através dessa forma nós falamos e eles questionam e perguntam-nos.” (E1)

- **Considerações dos pais sobre o desenho**

Os pais consideram o desenho importante. No entanto, a educadora dá a entender que, estes estão mais preocupados com o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e com o domínio da matemática.

“Os pais consideram, mas hoje (...)” (E1);

“Este leque de pais está um bocadinho mais preocupados com a linguagem oral e a abordagem à escrita e à matemática.” (E1)

Pretendemos, nesta fase, refletir sobre a opinião da educadora cooperante, relacionando-a com as nossas vivências no decorrer de todo o estágio. Foi importante compreender a formação académica da educadora e os seus anos de serviço, uma vez que, no decorrer do estágio, apercebemo-nos que a maior parte dos registos de atividade da educadora eram de natureza plástica, isto é, recorreu bastante à colagem, pintura de imagens, recorte, picotagem e rasgagem. Embora a educadora considere o desenho importante para as crianças e afirme que

o utiliza como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social, no decorrer do estágio só tivemos oportunidade de verificar o resultado final das suas atividades. A educadora associou o desenho à exploração de atividades de carácter matemático e, geralmente, interligados com a linguagem oral e abordagem à escrita. As principais atividades que envolveram a realização de desenhos individuais, aos quais assistimos, foram realizadas nas datas festivas: no natal (carta ao pai natal), no dia do pai (desenho do pai) e no dia da família (desenho da família). Durante o decorrer do período do estágio, conversámos sobre o desenho e a sua importância, com a educadora. Nem sempre, devido aos temas estipulados pela educadora para a realização das atividades, nos foi possível envolver o desenho. Um dos aspetos que questionamos foi o porquê de a animadora social, no decorrer da hora do conto, às quartas-feiras, utilizar sempre folhas com desenhos impressos para as crianças pintarem, uma vez que era notório que esta tarefa era pouco apreciada pelas mesmas, pois, nesse dia, já tinham feito o mesmo na aula de inglês, como observámos nas notas de campo (Apêndice XIX). Este tipo de observações deu frutos, uma vez que a educadora criou uma nova estratégia com a animadora social para modificaram a implementação da atividade anual. As crianças passaram a desenhar em vez de pintar. A cada quarta-feira, consoante a história, eram criados tópicos específicos para desenharem e depois analisarem em grande grupo, tal como referiu na entrevista. A educadora destaca sempre o desenho de forma positiva e diz, no decorrer da análise, que as crianças podem fazer melhor. Discordamos da educadora quando esta afirma que é muito fácil motivá-los a desenhar. Pelo menos, metade do grupo de crianças, necessitava de muito estímulo e motivação para realizar um desenho, demonstravam pouca confiança nas suas capacidades gráficas, no entanto, esforçavam-se ao máximo na realização de atividades que envolvessem desenhar. Relativamente à importância do desenho, a educadora destacou sempre que o desenho é um meio de comunicação. Permite conhecer e entender a criança, através da exploração e da análise do mesmo, recorrendo principalmente ao estudo da figura humana, e às cores, uma estratégia que privilegia. Relevou ainda que sente dificuldades em fazer a análise do desenho, dado que são vários os elementos a ter em conta, de forma a analisá-lo corretamente. Concordamos com ela, uma vez que, muitas vezes, não temos os conhecimentos necessários para analisar um desenho. Podemos analisá-lo superficialmente recorrendo aos diferentes autores, que estudaram o desenvolvimento do desenho das crianças, tais como Luquet, Lowenfeld e Brittain, Piaget e Vygotsky, referidos anteriormente, no enquadramento teórico-concetual. Por fim, evidenciamos a importância que os pais dão ao desenho, embora a educadora afirme que os pais o consideram importante, nós, tal como a educadora, verificamos que estes tinham sempre maior preocupação pelas

atividades relacionadas com o domínio da matemática, com o domínio da linguagem oral e da abordagem à escrita. Se observarmos a rotina semanal da criança, constatamos que essas duas tarefas predominam ao nível das atividades (Apêndice XX). Semanalmente, um professor dá formação às educadoras da instituição, para as ajudar, no domínio da matemática. Para auxiliar o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, todas as crianças têm um manual e um livro de grafismo, baseado no Método Fonomímico de Paula Teles (Apêndice XX). A utilização de manuais remete-nos para a escolarização do Ensino Pré-Escolar. A educadora, embora discorde desta utilização de manuais no jardim de infância, tem de seguir as normas da instituição que estão presentes no Projeto Educativo.

8. Entrevistas às crianças

No dia 19 de maio de 2015 procedemos à implementação das entrevistas às crianças. A entrevista decorreu no espaço polivalente do jardim de infância. Cada entrevista demorou em média 5 a 6 minutos. Inicialmente, explicámos às crianças que estávamos a realizar um trabalho para a Universidade (escola) sobre o desenho. Perguntámos-lhes se poderíamos fazer umas perguntas para o trabalho. As entrevistas foram realizadas a 17 crianças.

Os dados que iremos utilizar de seguida constam da transcrição das entrevistas às crianças e da respetiva grelha de categorização (Anexos XXI e XXII).

- **Importância do desenho**

Relativamente à importância, 16 das 17 crianças considerou o desenho importante. Quando questionámos o porquê? As respostas foram as mais diversas.

“É por causa que faz músculos.” (C1); “Porque é bom...” (C2); “Porque faz nós fazermos os desenhos melhor.” (C3); “Porque aprende-se a desenhar bem.” (C4); “Porque assim não conseguimos passar para o primeiro ano, se não soubermos desenhar não passamos para o primeiro ano.” (C6); “Porque gosto.” (C7); Não respondeu (C8); “Porque eu gosto muito, e é muito importante para mim e então é importante.” (C9); “Se for uma coisa que for importante para mim, sim. Se eu quiser desenhar uma coisa importante para mim é importante.” (C10); “Porque é divertido.” (C11); “Porque faz bem às mãos.” (C12); “Porque treinamos as nossas mãos.” (C13); “Para ficar lindo.” (C14); “Para aprender a desenhar.” (C15); “Porque trabalhamos

mais com as mãos.” (C16); “Não sei.” (C17); “Desenhar coisas lindas porque é fixe e também não é para estragar é para desenhar coisas que nós gostamos.” (C18)

Tendo como base as respostas das crianças podemos enquadrá-las em algumas categorias tais como: **Desenvolvimento Emocional, Desenvolvimento Motor, Desenvolvimento Estético e Desenvolvimento Cognitivo.**

- **Gosto ou não pelo desenho**

Relativamente à pergunta se gostavam de desenhar, todas as 17 crianças, responderam que gostavam.

- **Materiais necessários à realização do desenho**

As respostas das crianças foram muito concretas.

“Lápis.” (C1); “Lápis de cor, afias.” (C2); “Preciso de lápis, também preciso de lápis de cor, lápis de carvão, borracha e do afia.” (C3); “Lápis e também de borracha.” (C4); “Lápis, borracha, afia e folha.” (C6); “As mãos.” (C7); “Lápis de carvão.” (C8); “Lápis, lápis de cera, lápis de carvão.” (C9); “Preciso de lápis, lápis de cor, lápis de carvão e canetas.” (C10); “Lápis e borracha.” (C11); “Lápis.” (C12); “Um lápis.” (C13); “Lápis.” (C14); “Lápis.” (C15); “Lápis e canetas.” (C16); “Lápis e canetas.” (C17); “Lápis, canetas, cera.” (C18).

Tendo como base as respostas das crianças, podemos enquadrá-las nos materiais de desgaste do Ensino pré-escolar: canetas, lápis de carvão, lápis de cor, lápis de cera e borracha, materiais que são muito utilizados neste grupo, nas muitas atividades realizadas no jardim de infância.

- **Tipos de desenho que preferem realizar**

As respostas relativas ao que as crianças gostam de desenhar foram muito diversas.

“Boneco de neve e a árvore de natal.” (C1); “Fazer cavalos, fazer casas e quintas.” (C2); “ (...) golfinho ou peixe ou uma rapariga ou um gatinho e a minha família (...) Gosto de desenhar a minha família e os meus amigos.” (C3); “Tudo, gosto de tudo.” (C4); “Invizimals (jogo de cartas) ” (C6); “Flores, corações” (C7); “Estrelas, Pessoas e Castelos.” (C8); “Borboletas.” (C9); “Eu a passear com o meu pai, com a minha mãe e o meu lince (gato de peluche) e com a minha cadela.” (C10); “Não sei.” (C11); “Meninos e Borboletas.” (C12); “Uma princesa.” (C13); “Pessoas e corações.” (C14); “Baleias.” (C15); “Princesas.” (C16); “ (...) eu e o meu mano na piscina.” (C17); “Gosto de fazer casas, estrelas-do-mar, festas, piscinas.” (C18)

Tendo como base as respostas das crianças, podemos enquadrá-las em algumas categorias, tais como: **Família, Animais, Flores, Festividades e Jogos.**

- **Gosto menos de desenhar**

As respostas relativas ao que as crianças gostam menos de desenhar foram muito diversificadas.

“Ursos.” (C1); “Fazer cães grandes.” (C2); “ (...) um tubarão, um caranguejo e uma princesa.” (C3); “Pessoas.” (C4); “Nada.” (C6);” não respondeu (C7); “ (...) casas.” (C8); “Não gosto de desenhar Invizimals. (jogo de cartas) ” (C9); “Isso todos sabem! Uma sanita com cocó.” (C10); “Os meus piores amigos.” (C11); “ (...) senhoras, livros e também uma casa. É o que eu gosto menos de desenhar.” (C12); “O tubarão e um crocodilo.” (C13); “Gosto de desenhar tudo.” (C14); “Casas e pessoas.” (C15); “Não gosto de desenhar dragões. Não gosto de desenhar dinossauros e não gosto de desenhar galinhas.” (C16); “Uma quinta inteira.” (C17); “Não gosto de desenhar aranhas.” (C18)

Tendo como base as respostas das crianças, podemos enquadrá-las em algumas categorias, tais como: **Pessoas, Animais, Jogos, Casas.** Alguns também referiram que gostam de desenhar tudo.

- **Quando e onde**

As respostas das crianças foram muito abrangentes

“Quando estou feliz aqui (...) na minha casa.” (C1); “Em casa, na sala (de atividades), na casa do meu avô e na casa da minha tia.” (C2); “Eu costumo desenhar ...nunca mais desenhei, mas vou desenhar pra aí um dia.” (C3); “Às vezes em casa às vezes no colégio.” (C4); “Todos os dias, menos no sábado e no domingo.” (C6); “Na escola e em casa.” (C7); “Em casa e na escola.” (C8); “Sempre.” (C9); “Costumo desenhar aqui na escola, na segunda e para fazer trabalhos também e em minha casa às vezes pego nos papéis e desenho.” (C10); “Quando se pode na escola e na minha casa.” (C11); “Quando os meus amigos vêm desenhar comigo, quando me convidam para desenhar eu vou com eles.” (C12); “Às quartas.” (C13); “Na escola e em casa.” (C14); “Quando a educadora manda.” (C15); “Nos tempos livres, quando podemos brincar (C16); “Na minha casa quando eu quero e quando a educadora nos pede trabalhos.” (C17); “Quando eu estou a brincar com os meus amigos e também quando eles querem fazer desenhos também vou fazer desenhos.” (C18)

Tendo como base as respostas das crianças, podemos enquadrá-las em algumas categorias relacionadas com: **Sentimentos** (Felicidade); **Locais** (Escola), (Casa) e (Casa de familiares); **Sociais** (amigos e familiares); **Temporais** (dias).

- **Com quem desenha**

As respostas das crianças foram muito concretas.

“Com a minha mãe e o meu pai.” (C1); “Com a minha mãe, com o meu pai, com o meu avô e com a minha avó.” (C2); “ (...) com a mãe ou com o pai ou com as minhas tias ou com as minhas primas e primos.” (C3); “Com ninguém, só as vezes no colégio com a criança 11.” (C4); “Na minha casa eu desenho sozinho e na escola desenho com a criança 14, com a criança 2, criança 4, criança 16, criança 10.” (C6); “Com a criança 14 e com a mana.” (C7); “Com a mãe, com a avó, com o pai e com a minha outra avó.” (C8); “Com a minha mãe e com o meu pai e com o meu mano e com a minha família inteira.” (C9); “Com a minha mãe e com o meu pai. Com as educadoras e com os meus amigos.” (C10); “Com os meus amigos.” (C11);

“Com a Criança 3, a criança 9, a criança 10.” (C12); “Com a criança 6, com a criança 15 e com a criança 18 e com as minhas amigas.” (C13); “Com a minha mãe.” (C14); “Com os meus colegas.” (C15); “Com a minha mana.” (C16); “Com a minha mãe, sozinha e às vezes com o meu avô e com a minha avó.” (C17); “Com o meu mano, com a minha mãe e com o meu pai.” (C18)

Tendo como base as respostas das crianças, podemos enquadrá-las nas categorias:
Família e Amigos.

Como foi referido no início do presente relatório, inicialmente as crianças não gostavam muito de desenhar. Começando por este tópico, pretendemos refletir sobre a opinião e as atitudes das crianças no início e no final do estágio. A atividade do Palhaço Ernesto foi o ponto de partida. Nesta atividade constatámos que muitas crianças achavam que não sabiam desenhar. Algumas diziam que não gostavam e tinham pouca confiança nas suas capacidades gráficas. Se compararmos essas atitudes com a resposta dada à pergunta: *Gostas de desenhar?*, verificamos que as 17 crianças responderam que sim, o que é um aspeto positivo, visto que mudaram o seu posicionamento face ao desenho. Tal como referimos anteriormente, as crianças recorriam aos lápis de carvão, às borrachas e ao lápis de cor para realizarem um desenho. O mesmo material não mudou no final do nosso relatório, como podemos constatar na resposta à pergunta: *O que precisas para fazer um desenho?*. Apenas três crianças introduziram o afia como material necessário à realização do desenho; uma criança afirmou que precisava de uma folha e uma outra criança sugeriu que eram necessárias as mãos. O material mais apontado nesta questão foi o lápis. Nenhuma criança referiu tintas ou pincéis. Constatámos, nestas respostas, que as crianças não consideram os outros materiais “próprios” para a realização do desenho. No entanto, realçamos que, no decorrer do estágio, proporcionámos às crianças a realização de desenhos recorrendo a tintas, pincéis e digitinta. É provável que não os considerem adequados, pois utilizam-nos com pouca frequência.

Relativamente ao gosto pessoal de cada criança, constatámos que variam entre as atividades quotidianas, a fantasia assim como as festividades. A maioria das respostas dadas pelas crianças remetem para a utilização do desenho no jardim de infância. Destacamos a realização semanal do registo do fim de semana. Esta atividade consiste no registo das suas vivências quotidianas relativas ao fim de semana. No caso das festividades, estas são várias vezes abordadas na prática do jardim de infância, como é o caso do Natal, da Páscoa, entre outras. No que refere à fantasia, estas atividades são abordadas no desenho livre das crianças.

Quanto aos temas que as crianças gostam menos de desenhar, destacam-se animais, casas, pessoas e jogos. Relativamente aos animais, não gostam de os desenhar pois têm medo deles. No caso das pessoas, muitas vezes não gostam de as desenhar, porque não têm afinidade com as mesmas.

Quando perguntámos às crianças quando costumam desenhar, as respostas foram várias, mas, essencialmente, referiram que desenhavam na instituição e em casa. Referiram também que desenhavam quando têm vontade ou quando estão a fazer algum trabalho. Em alguns casos, disseram até mesmo o dia da semana em que o faziam, o que nos permite ter um referencial das atividades que são periódicas.

Quando foram questionadas sobre com quem costumam desenhar, as respostas apontavam a família e os amigos. Muitos deles também apontaram as crianças com as quais costumam desenhar.

Questionadas sobre a importância do desenho, todas as crianças, à exceção de uma, o consideraram importante, referindo que consideram que o desenho é importante para treinar as mãos; para aprender a desenhar melhor; porque é divertido; porque gostam, etc.

Quando questionámos a razão por que acham o desenho importante, as crianças responderam que era para aprenderem a desenhar, porque gostam e porque trabalham as mãos.

Constatamos então, que as crianças reconhecem a importância do desenho para a motricidade fina, para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo.

9. Triangulação de dados

De acordo com Denzin (1989), citado por Flick (2013), a triangulação de dados atribui-se à utilização de diferentes fontes de recolha de dados. Este distingue o tempo, o espaço e as pessoas como subtipos de triangulação, onde propõe que se estude o fenómeno, em datas, locais e com pessoas diferentes. Por isso recorreremos à triangulação de dados de forma a ligar os conhecimentos que obtivemos através dos vários métodos qualitativos, procurando sistematizar a construção dos conhecimentos (Flick, 2013).

Se refletirmos sobre os dados apresentados anteriormente, podemos considerar que as estratégias de intervenção implementadas proporcionaram oportunidades educativas às crianças, contribuindo para a utilização do desenho, no decorrer da prática do jardim de infância. Os dados analisados revelam que, quer a educadora cooperante quer as crianças,

consideram o desenho importante. No caso da educadora cooperante, esta justifica a utilização do desenho com o intuito de comunicar, descobrindo deste modo uma forma de conhecer a criança e a sua família. No caso das crianças, estas justificam a utilização do desenho com o facto de gostarem de desenhar, com o intuito de aprenderem a fazê-lo e o de estimular as mãos. Ambas as respostas se complementam, pois, o desenho contribui para o desenvolvimento pessoal, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, motor, estético, emocional, pessoal e social. Relativamente ao desenho, a educadora cooperante referiu que não tem preferência na utilização do desenho, recorrendo ao desenho livre e ao desenho orientado.

No início deste estudo referimos que as crianças revelavam pouco interesse em desenhar e por isso tentámos proporcionar às mesmas atividades pedagógicas que fossem ao encontro dos temas propostos pela educadora cooperante, ao mesmo tempo que estimulávamos as crianças a desenhar. Embora tenhamos priorizado o desenho orientado, permitimos que as crianças fizessem desenhos de tema livre em três atividades e priorizamos o desenho orientado com tema, nas outras duas atividades pois, tal como a educadora cooperante, consideramos importante a realização de desenhos livres e de desenhos orientados. Nos desenhos livres as crianças exprimem-se sem interferências do adulto, já no desenho orientado, as crianças realizam-no com um objetivo pedagógico e sob a orientação do adulto.

Como já referimos anteriormente, a entrevista das crianças ocorreu após a implementação das atividades educativas e notámos que todas as crianças afirmaram no final do estudo que gostam de desenhar.

Notámos também, no decorrer da implementação das atividades, que a motivação das crianças foi aumentando. No entanto, refletindo sobre todo o processo, foi necessário estimular muito as crianças e encorajá-las a desenhar, uma vez que, se não o fizéssemos, desmotivar-se-iam à medida que as atividades decorriam. Embora destaques que nos desenhos orientados de tema livre, as crianças tinham uma postura mais confiante face aos desenhos que estavam a fazer. Na última atividade educativa, realizada pelas crianças foi notória a evolução do seu comportamento face ao desenho, pois não foi necessário muito esforço por parte do adulto para as encorajar e motivá-las a desenhar. Estas tornaram-se mais confiantes no decorrer do processo.

Relativamente aos desenhos que faziam no período de atividades não dirigidas, as crianças optavam geralmente por desenhar os mesmos temas: corações, flores, princesas e jogos. Estas afirmações vão ao encontro das respostas dadas pelas mesmas, na entrevista. Constatámos também que as crianças tendem a desenhar na sala de atividades, em pequenos

grupos, o que nos remete para a mesma resposta da entrevista, embora nesta, acrescentem que gostam de desenhar com a família.

Quanto ao local onde desenham e quando desenham, a maioria das crianças destacou que desenha na escola e alguns chegam mesmo a dizer o dia específico no qual desenham, o que vai ao encontro da rotina semanal das crianças. Existem dias fixos na rotina semanal, como a segunda-feira e a quarta-feira, em que as crianças têm por hábito desenhar. De modo geral, na segunda-feira fazem um registo individual do que fizeram no fim de semana e na quarta-feira fazem um registo individual sobre uma história trabalhada com a animadora social. Embora na sala de atividades exista muito material de desgaste que pode ser utilizado na realização do desenho, (canetas de feltro de ponta fina e de ponta grossa de várias cores, assim como lápis de cera, lápis de cor, esferográficas, tintas acrílicas e pincéis), as crianças tendem, de modo geral, a utilizar lápis de carvão e borracha. Quer no desenho livre quer no desenho orientado, utilizam sempre o mesmo material, quer este tenha sido ou não estipulado no início da atividade. As crianças criaram o hábito de utilizar sempre os lápis de carvão e as borrachas, quer para realizarem um desenho, escreverem o nome ou realizarem grafismos. Evidenciamos que, na última atividade educativa realizada com as crianças, estas não utilizaram o lápis de carvão. No entanto, ainda o consideram necessário para a realização de um desenho. Embora tenham conhecimento sobre a utilização dos outros materiais para desenhar, acabam, por força do hábito, por dizer que precisam da borracha e do lápis de carvão.

Na apresentação das normas dos desenhos orientados, estas são estipuladas em grande grupo, antes de iniciarem a atividade. Todas as crianças sabem que tópicos o desenho deve conter. Geralmente, quando analisam o desenho em grupo, após o terem realizado, todas as crianças dão o seu parecer. E esse parecer é sempre feito pela positiva, como pudemos constatar no decorrer da prática de ensino supervisionada.

Relativamente à frequência com que as crianças utilizam o desenho livre, é notória a diferença entre o início e o fim do estágio. Das seis crianças que, no início, o utilizavam com regularidade, passaram para catorze crianças, como pudemos constatar no registo do desenho livre, no início e no fim do estudo (Apêndice XXIII).

No que diz respeito à análise dos desenhos das crianças, realizada pela educadora, não nos foi possível verificar como a mesma os analisa, embora esta tivesse referido indicadores como: cores e figura humana como importantes indicadores de análise. Concordamos, no entanto, com a educadora quando esta afirma que é difícil analisar os desenhos e que é necessário ter uma visão abrangente e alargada para verificar e dar significado ao desenho da criança. Na realidade, é necessário dispor de vários desenhos da mesma criança, estes devem

ser recolhidos junto da mesma, tomando notas do que a criança verbaliza no recorrer da sua ação. O educador não deve questionar a criança sobre o seu ato criativo. Só após essa recolha de dados é possível recolher informações sobre o conhecimento da criança. Embora seja, possível para o educador, analisar esses desenhos, este não é o profissional mais adequado, pois normalmente não dispõe de muita informação sobre a contribuição do desenho no desenvolvimento da criança. Salientamos que, nem todos os profissionais de educação têm bases a nível teórico e prático, sobre as várias dimensões que envolvem a análise do desenho. Apesar de, o educador reconhecer a existência de diferentes etapas/ fases no desenvolvimento da criança, com base em diferentes autores, nem sempre o educador tem definido o autor sobre o qual vai basear a sua prática pedagógica. Neste sentido, o educador poderá analisar o desenho da criança, mas caso tenha dúvidas sobre o mesmo, deverá pedir ajuda a um psicólogo, para maiores esclarecimentos.

Em relação ao *feedback* dos pais, sobre os desenhos das crianças, geralmente os mesmos interessam-se pelos trabalhos realizados pelos seus educandos, facto que constatámos com alguma regularidade, indo ao encontro do que a educadora cooperante respondeu na entrevista. Relativamente às considerações dos pais face ao desenho, ressaltamos, assim como a educadora cooperante, que os pais tendem a ter maior preocupação com o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e com o domínio da matemática. Tendem a querer escolarizar o ensino pré-escolar, crendo que, assim, as crianças serão melhores alunos no futuro.

Assim, acentuamos que, quer a revisão da literatura quer os dados recolhidos, permitem perceber a importância que o desenho assume no desenvolvimento da criança, a nível pessoal e social. Percebemos também que a educadora tende a utilizar o desenho para compreender as crianças a seu cargo, nomeadamente o seu estado emocional, no momento em que executam o desenho. Esta utiliza também o desenho para fazer uma avaliação qualitativa ao nível do desenvolvimento cognitivo, motor e estético da criança. Embora utilize o desenho como estratégia de desenvolvimento, não o faz com muita regularidade. Os resultados obtidos no estudo permitem sublinhar que o desenho pode e deve ser utilizado como um instrumento pedagógico e que o mesmo origina prazer nas crianças, promovendo a criatividade, os saberes e o interesse nas atividades. Se o educador souber dar a devida intencionalidade educativa ao desenho, poderá proporcionar atividades lúdicas às crianças que contribuam para que estas obtenham aprendizagens significativas que vão ao encontro dos seus principais interesses.

Conclusões

Este é o momento de dar resposta à nossa questão de partida, tendo em conta os objetivos que deram origem e orientaram este relatório de investigação. Pretendemos refletir sobre todo o caminho percorrido na realização do mesmo, focando-nos na nossa questão de partida: Qual a importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança em jardim de infância?

Tendo em conta o nosso objetivo principal: compreender o modo como é utilizado o desenho pela educadora cooperante e qual a importância que lhe atribui no desenvolvimento das crianças, bem como a perceção das mesmas acerca desta tarefa, definimos os seguintes objetivos específicos:

- Perceber a importância que o desenho tem para a educadora cooperante;
- Analisar a importância que as crianças atribuem ao desenho;
- Constatar/verificar se o desenho é realizado de forma livre ou espontânea pela criança;
- Observar o comportamento das crianças aquando das apresentações dos seus desenhos ao grupo;
- Incentivar as crianças a desenharem, estimulando a criatividade, a sensibilidade estética e a sua motricidade fina.

Neste sentido, planeámos e implementámos estratégias que tinham como objetivo descobrir como era utilizado o desenho no jardim de infância, assim como, verificar a utilização do desenho como estratégia para o desenvolvimento das crianças.

Constatámos no decorrer do estudo que o desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através dele é possível avaliarmos o desenvolvimento cognitivo, motor, pessoal e social. No decorrer da investigação, implementámos atividades pedagógicas que promoveram o desenvolvimento da criança, utilizando o desenho como principal ferramenta.

Estimulámos as crianças a serem mais autónomas, deixando-as decidir sobre o tema que iriam desenhar, que materiais iriam utilizar e como o iriam apresentar aos colegas.

Estimulámos também, a criatividade, permitindo às crianças que desenhassem o que desejassem, embora utilizando o desenho orientado, demos-lhes simplesmente, uma ajuda para elas desabrocharem a sua expressão criativa.

Estimulámos, a autoestima através de conversas e incentivos, tentámos mostrar às crianças que cada uma delas tem um ato criador diferente, mas que essa diferença não é má, mas sim boa. Estabelecemos conversas em grupo, após as realizações dos desenhos, sobre os mesmos

questionando, que desenho realizaram e porquê. Procurámos elogiar e encorajar as crianças a desenhar.

Estimulámos o sentido estético, através da análise das apresentações dos desenhos das crianças, conversámos sobre as cores e as formas que gostavam de desenhar. Tentando compreender se as crianças tinham gostado das atividades.

Para além de tudo o que foi referido anteriormente, estimulámos a motricidade fina e grossa, ao demonstrarmos às crianças como deveriam pegar no lápis e no pincel para poderem desenhar melhor. Demonstramos às crianças que uma postura correta ao sentar também contribui para fazer melhor um desenho.

Procurámos que as crianças demonstrassem quais eram os seus símbolos cognitivos através do desenho (a representação da abelha, do palhaço, da figura humana, etc.). Assim como, tentámos que as crianças utilizassem o seu raciocínio lógico, principalmente nos desenhos orientados com tema, onde estas estabeleceriam conexões entre os vários elementos presentes nos desenhos e as suas cores.

Estimulámos o seu desenvolvimento linguístico, a nível verbal e a nível visual. No decorrer do desenho, as crianças comunicaram verbalmente o que estavam a desenhar, no entanto, algumas vezes comunicavam só através dos signos visuais. Além disso, propusemos às crianças que apresentassem oralmente o seu trabalho aos colegas, contribuindo assim para o desenvolvimento da linguagem oral.

Procurámos ainda, promover o desenvolvimento pessoal e social, ao partilharem os seus desenhos com as outras crianças e com os adultos, trocando ideias sobre os mesmos, as crianças começam a adquirir competências básicas de socialização o que é importante para o próprio indivíduo e para o grupo. As crianças ao trocarem ideias, tendem a tentar compreender o outro. As opiniões positivas ao seu trabalho, contribuem para o aumento da sua confiança e autoestima, começam a saber lidar com críticas, afirmando muitas vezes que para a próxima vez farão melhor.

Em síntese, o desenvolvimento da criança depende de vários aspetos, físicos, sociais e de maturação biológica, mas como referimos anteriormente, através de todos estes exemplos consideramos pertinente salientar que o desenho é uma excelente ferramenta a utilizar para promover o desenvolvimento global da criança.

Observámos ainda que, na prática de um jardim de infância, é importante utilizar o desenho nas suas duas vertentes: o desenho livre e o desenho orientado. O desenho livre permite que a criança comunique ou se expresse sobre um tema à sua escolha e o aborde da forma que entender. O desenho orientado permite ao educador verificar se a criança

compreendeu o conteúdo que este pretende desenvolver e sobre o qual fez o desenho. Embora o desenho orientado, também possa ser utilizado para estimular a criança a desenhar sobre um tema de forma livre, sem pedir um critério específico para a criança desenhar.

Apontamos também o papel do educador na utilização do desenho. Faz parte da sua função implementar atividades lúdicas que promovam/favoreçam a sua utilização. Além disso, deve valorizar sempre os registos gráficos das crianças. Deve ainda promover a criatividade e a autoestima das mesmas.

De acordo com os resultados obtidos nesta investigação com e base na entrevista da educadora cooperante e nas nossas observações, realizadas durante toda a nossa prática de ensino supervisionada, podemos afirmar que a educadora privilegia o desenho livre, principalmente em momentos de atividades não dirigidas. No entanto, salientamos o pouco tempo que dedica ao mesmo, quer a consultá-los quer a conversar com as crianças que o fazem. Relativamente ao desenho orientado, frisamos que apenas pudemos observar o desenvolvimento completo de uma atividade dirigida que envolveu o desenho, mais precisamente, o registo associado ao dia da família. Em conversa com a educadora cooperante, esta destacou que este tipo de atividade permite perceber se a criança consegue desenhar a figura humana e em que nível de desenvolvimento a criança se encontra. Verificámos que a educadora não se referiu a qualquer suporte teórico de avaliação ou autor de referência, como base para avaliar o desenho das crianças. Observámos que a animadora social, em colaboração com a educadora cooperante, desenvolveu com as crianças algumas atividades suscetíveis de promover o gosto pela leitura e pelo desenho. A animadora destacava dois ou três aspetos que queria que constassem no desenho a efetuar. Após as crianças terminarem o desenho, em grande grupo, cada criança apresentava o seu desenho aos colegas. As crianças apoiavam e elogiavam o trabalho dos colegas. Nunca existiu um comentário negativo na apresentação dos desenhos.

No caso específico dos registos de aprendizagem realizados pelas crianças, a educadora cooperante privilegiava a expressão plástica e recorria com bastante regularidade à colagem, recorte e aos carimbos. No sentido de tentarmos perceber se as crianças conseguiam transmitir para o papel os conhecimentos que revelavam oralmente, implementámos a atividade do palhaço Ernesto e a atividade do Ciclo do mel. Tivemos o cuidado de analisar os desenhos das crianças e obtivemos resultados positivos, embora se tenha verificado que, na atividade do Palhaço Ernesto, as crianças revelaram algumas dificuldades, principalmente por não estarem habituadas a este tipo de atividades e terem pouca confiança nas suas capacidades gráficas. Já no caso do ciclo do mel, notou-se uma melhoria no desenho, resultante dos conhecimentos

entretanto adquiridos e desenvolvidos. Na atividade do Palhaço Ernesto, algumas crianças diziam que não sabiam desenhar; algumas não pegavam no lápis corretamente; algumas não terminaram o desenho; utilizaram o lápis de carvão e a borracha com regularidade para apagarem o desenho que já tinham realizado; poucas crianças coloriram o desenho. Mais tarde, na atividade do ciclo do mel, as crianças já não afirmavam que não sabiam desenhar; já seguravam corretamente no lápis; todas pintaram e terminaram o seu desenho; já não recorreram ao lápis de carvão e à borracha para desenharem.

Notámos que no decorrer da investigação, as crianças foram ganhando confiança nas suas capacidades gráficas. Para obtermos estes resultados, consideramos que foi fundamental incentivar constantemente as crianças a desenharem, de modo a que ganhassem confiança e perdessem o medo de falhar. Consideramos também fundamental o apoio prestado pela educadora cooperante, quer na planificação das atividades, quer nos comentários finais à realização da prática, uma vez que todas as atividades implementadas foram realizadas durante a prática de ensino supervisionada e foram sempre desenvolvidas com o tema dado semanalmente pela educadora cooperante.

Planeámos enquadrar o estudo com a prática desenvolvida no jardim de infância, de modo a compreendermos se o desenho poderá ser utilizado como estratégia de desenvolvimento da criança. Neste sentido, pensamos que é bastante positivo utilizar o desenho na prática de um jardim de infância, pois podemos interligar vários temas e utilizá-los em todas as áreas de conteúdo e nos seus respetivos domínios.

Neste estudo procurámos desenvolver atividades destinadas a promover o gosto por desenhar. Procurámos também diversificar estas atividades, de modo a que as mesmas não se tornassem cansativas e tivessem um efeito contrário ao desejado. Importa salientar que não procurámos ensinar as crianças a desenhar, apenas procurámos incentivá-las, de modo a que pudessem aprender a desenhar por si só, e sem qualquer constrangimento, tanto nos momentos de atividades não dirigidas, como nos momentos de atividades dirigidas.

Como salientámos anteriormente, os desenhos orientados ajudam o educador a compreender os conhecimentos das crianças sobre um determinado tema, mas nem por isso deverão ser sempre utilizados. É importante que no percurso educativo da criança exista espaço para os dois tipos de desenho.

Constatámos também que a educadora cooperante, embora tenha demonstrado ter conhecimentos e formação sobre a importância do desenho, não o utiliza regularmente como estratégia educativa. Além disso, como atrás referido, não nos foi possível, no decorrer da

prática, analisar como realiza a avaliação do desenho, com base nos critérios referidos na entrevista.

Relativamente à opinião das crianças, a maioria considera que o desenho é importante porque através dele aprendem a desenhar, um requisito que consideram fundamental para ingressarem 1º Ciclo do Ensino Básico. Outras acham que é importante porque gostam de desenhar.

As crianças demonstram vontade e necessidade de comunicar os seus sentimentos, emoções, estados de espírito e os seus conhecimentos, através do desenho. No início do presente estudo as crianças tinham alguns constrangimentos em desenhar o que melhorou, após a realização das atividades dirigidas, uma vez que procurámos promover o gosto pelo desenho e o desenvolvimento das crianças em todas as suas vertentes. Neste sentido, considerámos que foi positivo diversificar as estratégias implementadas, alternando a prática do desenho com outras atividades relacionadas com a mesma temática.

No decorrer do estudo e após a finalização do mesmo, tivemos algumas limitações. Entre as principais limitações que tivemos para a realização deste estudo mencionamos que, por ser a primeira vez que atuámos como investigadores em educação, surgiram muitas dúvidas sobre como estruturar o trabalho e como deveríamos proceder. No entanto, ao longo de todo o percurso fomos adquirindo conhecimentos teóricos e metodológicos. Consideramos também que o período de realização do estudo deveria ter uma maior duração, de modo a podermos aplicar mais atividades com as crianças, trabalhar mais conteúdos, de modo a obtermos conclusões mais consistentes.

De referir também que, no que diz respeito ao conhecimento teórico sobre o desenho, existe pouca bibliografia atualizada, nomeadamente ao nível das etapas/ fases de desenvolvimento gráfico da criança e ao nível da utilização do desenho em Portugal, como estratégia de desenvolvimento. De um modo geral, os estudos mais recentes, incluindo o nosso, recorrem aos mesmos autores e pedagogos pioneiros no estudo sobre a importância do desenho, datando estes estudos, em alguns casos, de algumas dezenas de anos.

Em caso de novos estudos sobre a mesma temática, seria interessante alargar o número de participantes, procurando sensibilizar/ envolver os educadores, a comunidade educativa e os encarregados de educação para a utilização do desenho como estratégia de desenvolvimento das crianças. Seria também interessante, procurar obter bibliografia atualizada sobre a utilização do desenho, na sociedade atual e no sistema de ensino português. Julgamos que seria estimulante aplicar o mesmo estudo num grupo de crianças que tenha mais contacto com o desenho e que gostem de desenhar para percebermos qual seria o seu comportamento, assim

como verificar o que as crianças relatariam sobre a importância do desenho. Seria interessante aplicar duas vezes a mesma entrevista às crianças, no início e no final do estudo de modo a podermos ver se as estratégias aplicadas foram importantes para mudar e ajudar ao desenvolvimento das crianças, mas infelizmente não nos foi possível. Consideramos que é importante desenvolver sempre novas atividades que promovam o desenho, interligando-as com outras formas de expressão, e interligando-as sempre com todas as áreas de conteúdo e os respectivos domínios, de modo a que as crianças tenham um desenvolvimento equilibrado.

Consideramos ainda, e por experiência própria, que seria muito útil aos profissionais de educação possuírem formação na área do desenho e em todas as vertentes associadas ao mesmo. É também importante que estes tenham formação sobre as técnicas de expressão, assim como em todas as outras áreas de conteúdo, uma vez que é através do profissional de educação que a criança aprende novos conhecimentos, competências e aptidões que contribuem para o seu desenvolvimento. A formação permite abordar temáticas como a motricidade, a linguagem, a cognição, a socialização, a criatividade, autoestima, entre outras, que são fundamentais na prática do educador.

Em suma, podemos constatar, através do trabalho desenvolvido (desenhos orientados, entrevista às crianças e a educadora, bem como através da observação), que o desenho é fundamental para a evolução das crianças em todas as suas vertentes, contribuindo assim para o desenvolvimento de várias competências: linguísticas (verbal, visual), motoras (motricidade fina e motricidade global), sociais e cognitivas.

Reflexão Final

A elaboração do presente estudo implementado em contexto da Prática de Ensino Supervisionada revelou-se enriquecedora, a nível pessoal e profissional. Consideramos que o mesmo será um importante “contributo” para a nossa futura prática pedagógica. Durante toda a prática de ensino supervisionada deparámo-nos com as mais diversas situações, com as quais tivemos de lidar, através de pesquisas e reflexões com o intuito de fundamentar a nossa intencionalidade educativa. Neste sentido, quer a realização deste estudo, quer todas as situações práticas desenvolvidas, na prática de ensino supervisionada, contribuíram para desenvolvermos competências, a nível teórico e prático, sobre o desenho e outros instrumentos educativos que serão úteis no decorrer da nossa futura carreira profissional.

Sendo os educadores de infância profissionais da área da educação, reconhecemos a importância que tem a formação, isto é, procurarmos manter-nos sempre atualizadas sobre as novas práticas pedagógicas. Cabe ao educador ter um papel ativo na sua aprendizagem, procurando formações, pesquisando e tendo acesso a novos estudos sobre a prática pedagógica desenvolvida nos jardins de infâncias e creches. Neste sentido, consideramos que são as investigações na área da Educação que permitem a obtenção de novos dados e a evolução da sua prática. Estas investigações irão contribuir para enriquecer o nosso trabalho e consequentemente, irão favorecer as aprendizagens das crianças.

Consideramos ainda que o educador deverá encarar a sua prática pedagógica com seriedade, tendo uma atitude reflexiva e autocrítica, com o intuito de melhorar a sua prática para ir ao encontro das necessidades e especificidades de cada criança e do próprio grupo a seu cargo, de forma a contribuir para o desenvolvimento global das crianças.

No início do nosso estudo deparámo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente o facto de as crianças desenharem muito pouco e afirmarem que não gostavam de desenhar. Esta situação foi para nós um desafio, obrigando-nos a refletir sobre o porquê de não gostarem de desenhar e como poderíamos alterar esse comportamento. Neste contexto orientamos a nossa prática pedagógica e recorrendo a estratégias que nos ajudassem a utilizar o desenho como meio de desenvolvimento global das crianças. Estas estratégias contribuíram para a nossa aprendizagem, uma vez que exigiram a procura de melhores soluções, tendo como principal foco as necessidades das crianças a nosso cargo, procurando que as estratégias fossem sempre cativantes para as crianças e se enquadrassem nas temáticas pedidas pela educadora cooperante. Tivemos sempre consciência de que as estratégias poderiam não correr

da forma que desejaríamos e, como tal, tivemos o cuidado de sermos flexíveis, respeitando sempre a vontade das crianças. Refletimos sempre sobre a forma como deveríamos atuar, no caso de a estratégia não funcionar, tentando encontrar e adotar outro tipo de estratégia que fosse adequada à situação. Temos consciência de que umas estratégias foram mais estimulantes e tiveram mais recetividade do que outras. No entanto, consideramos que não existe fracasso, mais sim aprendizagem. Não funcionou? Porquê? O que deveríamos mudar? Estas questões são fundamentais para aprendermos e construirmos uma nova estratégia que vá ao encontro dos nossos objetivos e das necessidades das crianças. É importante referir que todas as crianças são diferentes e, como tal, os grupos de crianças a nosso cargo também o são e, por isso, o educador deverá sempre conhecer o seu grupo. Assim, as estratégias utilizadas neste grupo de crianças poderão não funcionar com outro grupo de crianças.

Consideramos que o educador deverá proporcionar às crianças um ambiente agradável, de modo a que estas participem de forma ativa nas suas aprendizagens. Deve proporcionar-lhes tempo e espaços, onde poderão desenhar, questionar e discutir sobre a importância do desenho, sem qualquer tipo de inibição ou constrangimento, para assim desenvolverem o gosto pela atividade.

A colaboração da educadora cooperante foi essencial no decorrer do nosso estudo, dando-nos conselhos, assim como tempo e espaço para desenvolvermos a nossa prática. As suas críticas construtivas, dadas no momento certo, contribuíram para a construção da nossa aprendizagem, enquanto futuras educadoras. Compreendemos que necessitamos de comunicar com os outros agentes educativos, de modo a melhorarmos os nossos conhecimentos e aprendizagens. Compreendemos que é necessário existir sempre trabalho em equipa, pois todos os agentes educativos têm como principal objetivo o desenvolvimento e o bem-estar das crianças. Por isso, consideramos necessário que tanto o educador como o técnico de ação educativa conheçam a maneira como cada criança se comporta individualmente, assim como esta se comporta em grupo, de modo a podermos ajudar as crianças a desenvolver-se, de forma harmoniosa, positiva e saudável. Temos que perceber que, enquanto educadores, seremos sempre o modelo das crianças e, como tal, devemos ter sempre uma postura exemplar, onde as nossas atitudes e comportamentos não devem ser contraditórios com aquilo que dizemos.

Neste estudo, aprendemos essencialmente que é importante incentivar e encorajar as crianças a desenhar, de forma a que estas, no futuro, possam ser mais confiantes com os seus desenhos, e com a sua vida. O desenho é, afinal, um importante contributo para o desenvolvimento global da criança, quer a nível emocional, social, motor, estético e

cognitivo. No futuro, gostaríamos de dar continuidade a esta investigação, alargando o número de participantes abrangidos, tentando envolver mais educadores, outros agentes educativos e encarregados de educação. Gostaríamos também que o tempo da investigação fosse maior, de modo a diversificar e alargar as estratégias. Com mais tempo para a realização da investigação, pensamos que seria mais fácil desenvolver e aprofundar as estratégias e a análise das mesmas.

Afinal de contas, o melhor contributo que um educador de infância pode dar ao mundo é a sua contribuição para o desenvolvimento pleno das crianças, que no futuro serão adultos livres, autónomos, solidários e confiantes, com um papel ativo na sociedade.

Referências Bibliográficas

Alexandroff, M. C. (2010). Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. *Construção psicopedagógica*, 18 (17), 20-41. (acedido em 28 de abril de 2015, em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a03.pdf>)

Alford, C. (2015). Drawing. the universal language of children. *New Zealand journal of teacher's work*, 12 (1): 45-62. Acedido em 5 de Agosto de 2016, em <https://teachworkojs.aut.ac.nz/autojs/index.php/nzjtw/article/view/18/46>

Anim, J.O. (2012). The role of drawing in promoting the children's communication in Early Childhood Education. *International Master of Early Childhood Education and Care*. Oslo and Akershus University College of Applied Sciences, Dublin Institute of Technology and University of Malta.

Arfouilloux, J.,C. (1983). *A entrevista com a criança: A abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Avô, A.B., (1996). *O desenvolvimento da criança*. Lisboa: Texto Editora.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Bombonato, G.A. & Farango, A.C. (2016). As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 3 (1): 171-195. Acedido em 5 de maio de 2015, em <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>

Campos, I.I.F. (2016). *A motivação no processo educativo: relação entre os interesses e a aprendizagem das crianças*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Portugal.

Casa do Psicólogo. (2005). (Con)textos de entrevista – Olhares diversos sobre a interação humana. Acedido em 6 de agosto de 2015, em <https://books.google.pt/books?id=6hTTRXk3z8C&pg=PA213&dq=analise+de+conteudo+entrevistas&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiG4vPwxPPOAhVGPBQKHSAVDqUQ6AEILzAB#v=onepage&q=analise%20de%20conteudo%20entrevistas&f=false>

Colaço, H.S.D.C. (2013). *A criatividade na educação pré-escolar como forma de expressão e comunicação*. (Dissertação de mestrado). Universidade do Algarve- Escola Superior de Educação e Comunicação, Portugal.

Cremers-Laurent, A.J. (2015). *A importância da autoestima para um desenvolvimento harmonioso: “ sinto-me amada e capaz, vou alcançar as estrelas!”*. (Dissertação de mestrado). Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação, Portugal.

De Meur, A., & Staes, L. (1989). *Psicomotricidade - Educação e Reeducação*. São Paulo: Editora Malone.

Flick, V. (2013). *Métodos Qualitativos na Investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Gonçalves, A.F.R. (2015). O contributo das rotinas diárias para a promoção da autonomia das crianças na creche e no jardim de infância. Instituto Politécnico de Setúbal- Escola Superior de Educação, Portugal.

Guerra, I. C. (2006). Pesquisa Qualitativa e análise de conteúdo, sentidos e formas de uso. Acedido em 6 de agosto de 2015, em <https://books.google.pt/books?id=vQqGwxG2YPOC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Lowenfeld, V. & Brittain, W. L. (1977). Desenvolvimento da capacidade criadora. (3ª edição). São Paulo: Mestre Jou.

Luquet, G.H. (1969). O desenho infantil. Porto: Livraria Civilização.

Mejía, A., & Pastrana, J., & Mejía, J. (2011). La autoestima, factor fundamental para el desarrollo de la autonomía personal y profesional. In XII Congreso internacional de teoría de la educación (Barcelona).

Ministério da Educação. (2007). Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Núcleo da Educação pré-escolar

Ministério da Educação. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Núcleo da Educação pré-escolar

Moreira, A. A. A. (1984). O espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Loyola.

Morgado, J. C. (2012). O estudo de caso na investigação em educação. Santo Tirso: De Facto Editora.

Passarinha, J. M. H. (2012). O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco -Escola Superior de Educação, Portugal.

Piaget, J. (1978). A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação. (3ª edição). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Portugal, J. (s.d.). A Importância Do Desenho Na Construção Da Aprendizagem Infantil. Relatório de Pós- Graduação: Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Inspeção Escolar, Leopoldina, MG.

Projeto Curricular de Grupo (2014/2015)

Projeto Educativo (2014/2015)

Salvador, A. (1988). Conhecer a criança através do desenho. Porto: Porto Editora.

Santos, N.L.J.C., & Silveira, J.M.V. (2016). O desenho como construção e significação do pensamento infantil. In II Encontro científico Multidisciplinar da Faculdade Amadeus. (Aracaju).

Serrano, P. & Luque, C.D. (2015). A criança e a motricidade fina- Desenvolvimento, problemas e estratégias. Lisboa: Papa Letras.

Sousa, A., B., (2003a). Educação pela Arte e Artes na Educação. 1º Volume – Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A., B., (2003b). Educação pela Arte e Artes na Educação. 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget.

Valdivia, J.V. (2011). El valor del dibujo para la educación infantil. Sevilla: Eduinnova.

Vayer,P.&Roncin, C. (1988). Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança. Lisboa: Instituto Piaget.

Vieira, M.E. (2013). Criatividade e motivação em crianças e jovens: um estudo comparativo. (Dissertação de mestrado). Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas, Portugal.

Vigostsky, L. (1991). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores. São Paulo: Martins Fontes.

Vilhena, I.B., (2015). A autonomia na resolução de conflitos interpessoais em jardim de infância. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação de Lisboa, Portugal.

Apêndices e Anexo

Apêndice I – Autorização requerida aos encarregados de educação

Caríssimos Encarregados de Educação,

Somos estudantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade de Algarve e estamos a estagiar nesta instituição, na valência de jardim de infância, na sala dos vossos educandos.

Vimos, por este meio, pedir autorização para o registo de fotografias/vídeos dos vossos educandos para fins estritamente académicos, sem qualquer outro tipo de motivo, salvaguardando a identidade da criança.

Agradecemos desde já a vossa atenção.

Faro, 4 de dezembro de 2014

Catarina Pereira

Milena Morais

Nome da criança:

Autorizo

Não autorizo

Assinatura do Encarregado de Educação:

Data: ____/____/____

Apêndice II – Informação dirigida aos encarregados de educação

Assunto: Relatório de Investigação

Como estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, venho por este meio informar todos os encarregados de educação que estou a realizar o meu relatório de investigação com o tema «A importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança em jardim de infância». Para a sua realização, irei utilizar algumas estratégias que me irão ajudar no processo de investigação. Inicialmente, iremos realizar atividades de expressão plástica para promover a utilização do desenho, de forma a compreendermos de que modo esta influência o desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar. Posteriormente, serão realizadas entrevistas semiestruturadas às crianças e à educadora cooperante, que serão analisadas de modo a compreendermos a importância que ambos atribuem ao desenho.

É importante salientar que todos os dados utilizados serão tratados de forma confidencial, salvaguardando a identidade de todas as crianças.

Encontro-me disponível para qualquer dúvida que possa surgir sobre este assunto ao longo do ano letivo.

Agradeço desde já a vossa compreensão,

Faro, ____ de _____ de 2015

A Estagiária

(Catarina Pereira)

Apêndice III – Síntese de observação do Grupo de 08/12/2014 a 12/01/2015

Grelha síntese de observação do grupo em contexto pré-escolar

Data: 08/12/ 2014 a 12/ 01/ 2015

Estagiária: Ana Pereira

Faixa etária do grupo: 5/6 anos

Tópicos observados	Registo de observações
<p>Organização do Espaço</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tipo de equipamento ✓ Materiais existentes ✓ Material disposto 	<p>A sala de atividades é ampla e acolhedora. Os espaços, na sala de atividades, estão equipados com: mobiliário; material didático; material de apoio e de consumo adequado à faixa etária das crianças.</p> <p>A sala está dividida em várias áreas: casinha; pintura; jogos de mesa; jogos de construção; computador; plasticina e mesa de expressão plástica.</p> <p>O mobiliário é composto por: mesas e cadeiras; armários; estantes; espelho; cavalete de pintura; expositor de biblioteca e expositor de parede; recipiente para o lixo.</p> <p>O material didático é composto por: jogos de construção, encaixe e manipulação; puzzles; dominó; livros infantis; mobiliário e equipamento para a casinha; brinquedos; vestuário; arca do jogo simbólico; veículos; tapete;</p> <p>O material de apoio é composto por: gravador de áudio e cds de músicas;</p> <p>O material de consumo é composto por: papéis de vários tamanhos e diferentes texturas; colas; plasticina; barro; pincéis; lápis de cera, carvão, marcadores; tesouras e aventais.</p> <p>O Material de exterior é amplo, dispõe de uma caixa de areia com estruturas fixas ao chão que permitem às crianças subir, escorregar, suspender e trepar.</p>
<p>Organização do Grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Composição etária do grupo ✓ Composição de género do grupo ✓ Trabalhos em grupo ✓ Participação do grupo no processo educativo. 	<p>O grupo é constituído por 18 crianças, 8 do género masculino e 10 do género feminino. As crianças têm idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.</p> <p>As atividades dirigidas são realizadas em grande e pequeno grupo. As atividades não dirigidas são realizadas em pequeno grupo ou individualmente.</p> <p>As crianças fazem a avaliação das atividades realizadas, através de conversas em grande grupo sobre as temáticas tratadas, dando a sua opinião sobre os temas trabalhados. Estas participam ativamente no seu processo educativo.</p>
<p>Organização do Tempo</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rotina educativa 	<p>Das 8h00-9h30- Acolhimento (atividades não dirigidas sob orientação de técnica de ação educativa);</p> <p>Das 9h30-11h45- Atividades dirigidas e não dirigidas sob a orientação da educadora e/ou de outros professores;</p> <p>Das 11h45-12h00- Rotinas higiénicas e ida para o refeitório;</p> <p>Das 12h00-12h30- Almoço;</p>

	<p>Das 12h30-14h00 - Recreio;</p> <p>Das 14h- 15h45 - Atividades dirigidas e não dirigidas sob a orientação da educadora e/ou de outros professores;</p> <p>Das 15h45-16h00- Rotinas higiênicas e ida para o refeitório;</p> <p>Das 16h00-16h30- Lanche;</p> <p>Das 16h30- 18h30- Atividades extracurriculares/ apoio à família.</p>
<p>Relação com os pais e outros Parceiros Educativos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicação com os pais ✓ Participação de outros parceiros 	<p>A comunicação com os pais é realizada forma regular. Todos os pais são convocados ao fim de cada período letivo para uma reunião de pais. Além disso, comunicam com a educadora sempre que acham pertinente através de recados escritos.</p> <p>A educadora trabalha e colabora com outros docentes da instituição, sobretudo com um professor de música e uma professora de inglês. A educadora cooperante também colabora com uma animadora social.</p>
<p>Áreas de conteúdo</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Articulação de conteúdos 	<p>As atividades dirigidas pela educadora privilegiam a utilização das várias áreas de conteúdo numa mesma atividade. No entanto, é notório que as atividades dirigidas incidem com maior frequência sob os domínios: da linguagem oral e abordagem à escrita; da matemática e da expressão plástica.</p>
<p>Desenho</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Iniciativa; ✓ Realizados em: grande grupo, pequeno grupo, a pares ou individualmente; ✓ Motivação e auxílio; ✓ Tempo programado para a sua realização; ✓ Comunicação sobre o desenho; 	<p>As crianças demonstram pouco interesse em desenhar, nas atividades orientadas e não orientadas.</p> <p>Nos momentos de atividades não dirigidas:</p> <p>Geralmente, apenas 6 crianças (3,8,10,12,13,16) têm a iniciativa de fazer um desenho. As crianças tendem a desenhar dispostas em grupo de 3 ou 4 pessoas. No decorrer do desenho conversam entre si, sobre o mesmo ou sobre outro tópico.</p> <p>As crianças que desenhavam por iniciativa própria, têm como principais temas de desenho: a família, corações e princesas.</p> <p>Relativamente ao tamanho das folhas utilizadas, geralmente utilizam as folhas A4. Todas as crianças têm orientações da educadora para não estragarem folhas. As orientações dadas não permitem às crianças, dobrar as folhas em quatro ou em seis para fazerem postais ou vários desenhos sem ligação. Nota-se que a educadora se esforça para rentabilizar o material e manter um padrão na utilização das folhas.</p> <p>É notório que a maior parte das crianças não gosta de desenhar. Nas atividades dirigidas, que envolvem o desenho, a educadora tem de incentivar e motivar as crianças a desenharem. (observado através de uma conversa informal entre a educadora e a minha parceira de estágio). Todas as crianças revelam preocupação na apresentação dos trabalhos aos colegas e à educadora, respeitando e cuidando das suas produções e das dos seus companheiros. Algumas crianças têm dificuldades em pegar corretamente no lápis, nas canetas e no pincel.</p>

Utilização dos espaços na sala de atividades							
	Áreas de atividades da sala						
Crianças	Casinha	Pintura	Jogos de Mesa	Jogos de construção	Mesa expressão plástica	Computador	Plasticina
1	x		x	x		x	x
2		x	x	x		x	x
3	x		x	x	x	x	
4				x			x
5	x			x			x
6			x	x			x
7	x		x				x
8					x	x	
9	x		x	x			
10	x			x	x		x
11	x						
12	x			x	x		
13					x		
14	x	x	x			x	x
15			x	x		x	
16	x	x	x		x		
17	x					x	x
18				x			x
Total = Frequência por área	11	3	9	11	6	7	10

Apêndice IV- Grelha de observação direta- notas de campo

	Fez o desenho	Não Fez o desenho	A quem solicitou ajuda no decorrer do desenho			Razão apresentada para pedir ajuda	Que materiais utilizados	Comentários Feitos pelas crianças	Observações pertinentes
			Educadora	Auxiliar	Estagiárias				
Crianças									
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									

IV- Grelha de observação direta- notas de campo

Data:

Espaço:

Faixa etária do grupo: 5/6 ano

Apêndice V- Guião da entrevista à educadora

Guião da entrevista

Tema: «A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim-de-infância»

Entrevistada: Educadora de infância

Objetivo: Recolher informação que comprove a utilidade e a finalidade que a educadora dá ao desenho na sala de atividades

Local: Jardim-de-infância

Dia e hora: a definir

Designação de blocos	Objetivos	Formulação de Perguntas	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e Justificação e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Legitimar a entrevista ✓ Justificar a entrevista e motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar o entrevistado sobre o tema e o objetivo do relatório de investigação. - Salientar a importância da participação do entrevistado para a realização do trabalho. - Fortalecer um clima de confiança e empatia com o entrevistado. - Garantir a confidencialidade e o anonimato das informações prestadas. - Pedir autorização para gravação áudio da entrevista; 	Tempo médio: 5 minutos
Bloco B Dados sobre a dimensão profissional da educadora	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer a situação profissional da educadora 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as suas habilitações Literárias? 2. Há quantos anos exerce a profissão de educadora de infância? 3. Tem por hábito apostar em formação? 4. Com que frequência o faz? 	Tempo médio: 5-10 minutos
Bloco C Importância do desenho infantil	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificação dos conhecimentos que a educadora tem sobre a importância do 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a importância do desenho para as crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos? 2. Tem ou teve alguma 	Tempo médio: 10 minutos

	desenho infantil para o desenvolvimento das crianças.	formação sobre o desenho infantil? 3. Caso não tenha tido sente essa necessidade na sua prática profissional?	
Bloco D Funcionalidade do desenho infantil	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificação da utilização do desenho pela educadora cooperante. ✓ Identificar a metodologia adotada pela educadora face ao desenho e à análise do mesmo ✓ Comunicação às crianças 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tem preferência entre utilizar o desenho livre ou o desenho orientado? Em que sentido? 2. Julga existir diferenças entre o desenho livre e o desenho orientado? Em que sentido? 3. Qual considera mais importante na faixa etária dos 5/6 anos? 4. Acha que os desenhos podem transmitir informações importantes sobre as crianças? Que tipo de informações? 5. Acha que comunicar através dos desenhos é importante? Porquê? 6. Tem alguma norma para as crianças apresentarem o desenho? 7. Tem por norma analisar os desenhos efetuados na sala? 8. Dispõe de indicadores para análise? Quais os principais indicadores que tem em conta ao analisar os desenhos? 9. Utiliza o desenho como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social? 10. Para si quais são as principais dificuldades/facilidades em utilizar este método? É fácil motivá-las para desenhar? 11. Qual o feedback que dá 	Tempo médio: 15 minutos

		<p>as crianças sobre os seus desenhos?</p> <p>12. Que comentários as crianças fazem aos desenhos dos seus colegas?</p>	
<p>Bloco E</p> <p>Comunicação</p>	<p>✓ Comunicação aos encarregados de educação</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tem por norma falar com os encarregados de educação sobre os desenhos dos seus educandos? Como realiza essa abordagem? 2. Qual é o feedback recebido dos encarregados de educação? 3. Os pais consideram o desenho importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Em que medida? 	<p>Tempo médio: 10 minutos</p>

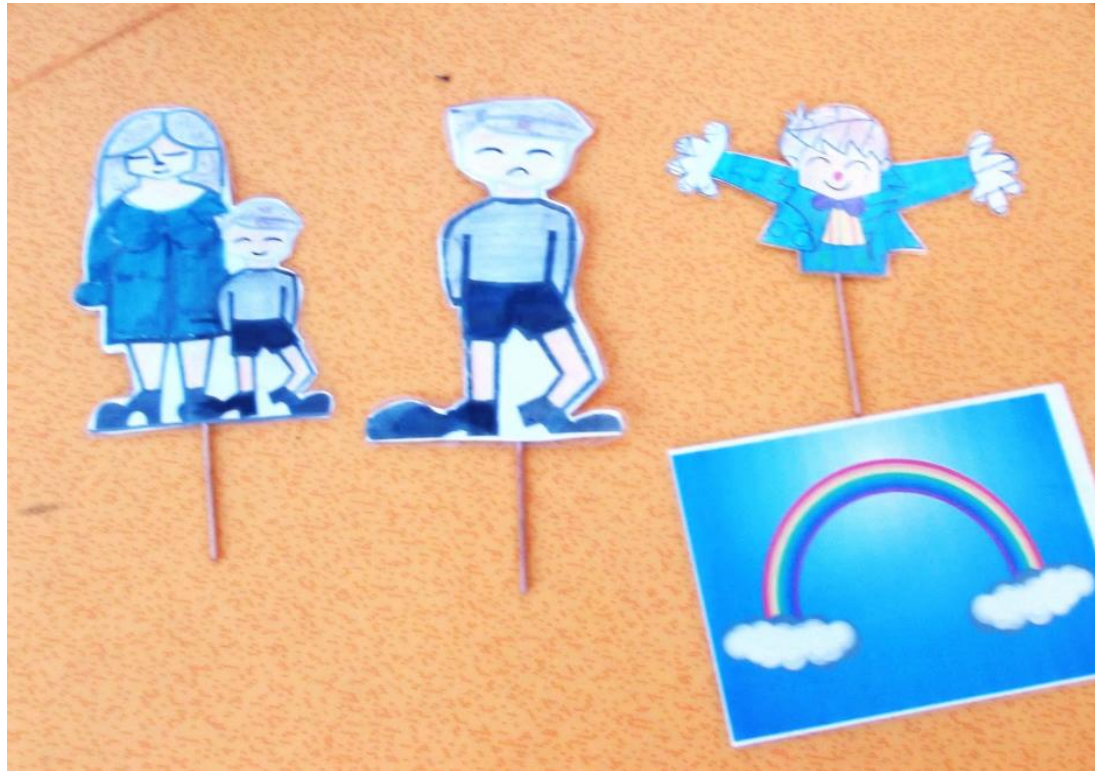
Apêndice VI- Planificação Semanal palhaço Ernesto e fantoches utilizados

Planificação semanal de 2/2/2015 a 4/2/ 2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: Inverno – Carnaval							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências (Saberes / capacidades e atitudes)</u>	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a autonomia das crianças; - Promover o gosto pela leitura; - Promover o interesse em comunicar; - Promover o diálogo; - Promover a composição corporal (incluindo a estrutura da cabeça); - Promover diversas técnicas de pintura; - Promover a motricidade fina 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a história; - Fala com coerência; - Responde ao que foi perguntado; -Dá/ partilha a sua opinião pessoal; - Compreende e constrói a estrutura corporal da cabeça do palhaço com os diferentes materiais; - Consegue realizar 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar a história “O palhaço Ernesto”; - Conversa com o grupo sobre a história e a problemática associada; - Registo plástico em grupo do “palhaço Ernesto”; -Registo plástico individual do 	<p><u>Espaço:</u> Sala de atividades;</p> <p><u>Tempo:</u> 5 horas</p> <p><u>Grupo:</u> grande grupo e pequeno grupo.</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Crianças; Auxiliar; Estagiárias; Educadora.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartolinas; - Pratos de papel; - Tintas; - Cotonetes; - Esponjas; - Esfregão de 	<p>Observação direta e participante;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se as crianças compreenderam a história; - Se as crianças falam com coerência; - Se as crianças realizam a estrutura corporal da cabeça corretamente; - Se as crianças utilizam as diferentes técnicas de pintura; - Se as crianças fazem contagem oral; - Se as crianças realizam cálculos elementares com recurso à contagem;

	<p>(destreza ao manipular diferentes materiais);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a sensibilidade estética; - Promover a coordenação visual e motora; - Promover o desenvolvimento do sentido de número; - Promover o raciocínio lógico; - Promover as cores primárias e secundárias; - Promover a criatividade e o desenho; - Promover o interesse em desenhar; - Promover a celebração do carnaval. 	<p>contagens orais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Consegue realizar cálculos elementares com recurso à contagem; - Demonstra interesse em utilizar diferentes técnicas de pintura; - Demonstra interesse em desenhar; - Demonstra saber as cores; 	<p>“palhaço Ernesto” (desenho);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construção de um registo plástico individual (máscara de carnaval); - Realização de um jogo matemático em grupo com a utilização do registo palhaço Ernesto (registo que foi efetuado em grupo). 		<p>aço;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confettis; - Canetas de feltro; - Lápis; - Lápis de cera; - Canetas; - Cola; - K-line; Cartões plastificados; - Fantoches de papel plastificado; - Folhas de papel A4 e A3. 	<ul style="list-style-type: none"> - Se as crianças desenham a figura humana; - Se as crianças sabem as cores;
--	--	--	---	--	--	--

Observações:

Estagiária: Catarina Pereira



Apêndice VII- A história do palhaço Ernesto

“O palhaço Ernesto”

Era uma vez, num dia de inverno.

Um rapazinho chamado Ernesto que observava a rua pela janela da sua casa.

O Ernesto sentia-se muito triste, pois no Inverno o tempo era muito imprevisível, ora fazia sol ora chovia e havia sempre muito vento frio.

Os dias eram muito pequenos e as pessoas sentiam-se muito tristes. As pessoas costumavam usar roupas escuras. Os tons preferidos eram: o preto, o cinzento, o castanho e o verde-escuro...

O Ernesto também costumava vestir-se com essas cores.

Um dia... o Ernesto estava muito triste por não poder ir brincar na rua com os seus amigos porque estava a chover.

Então, o Ernesto resolveu ir ter com a sua mãe Manuela.

A mãe disse ao Ernesto para ele não se preocupar, porque talvez a chuva parasse e desse ainda para ele ir brincar com os amigos naquele dia.

O Ernesto resolveu então ir até a janela observar a rua.

De repente a chuva parou de cair e apareceu um lindo arco-íris no céu.

O Ernesto ficou fascinado pois as cores do arco-íris eram muito bonitas.

Então surgiu-lhe uma bela ideia... Ele olhou para a sua roupa e olhou para as cores do arco-íris e foi ter com a sua mãe.

Quando chegou junto da mãe Manuela, o Ernesto perguntou-lhe – Mãe? Podes fazer-me um fato que tenha todas as cores do arco-íris?

- A mãe respondeu-lhe que sim, podia-lhe fazer um fato. Onde apenas precisava de 7 tecidos com cores diferentes, pois 7 eram as cores do arco-íris.

- Obrigada Mãe – disse o Ernesto.

A Mãe e o Ernesto puseram-se a fazer o fato.

O Ernesto pediu a mãe que com o tecido azul lhe fizesse umas calças e que usasse o tecido verde para lhe fazer os bolsos das calças e com o tecido laranja lhe fizesse uns suspensórios.

O Ernesto pediu também à mãe que com o tecido de cor amarela lhe fizesse uma camisola e com o tecido violeta lhe fizesse um laço. E com o tecido anil lhe fizesse um casaco.

E só já faltava o tecido vermelho. Então o Ernesto que costumava ter sempre frio no nariz pediu que a mãe lhe fizesse com o tecido vermelho uma bolinha para aquecer o nariz.

Quando a mãe terminou o fato... o Ernesto foi vesti-lo e olhou-se ao espelho.

- Uau!- exclamou o Ernesto super feliz por estar vestido com as mais belas cores! E começou a dizer que era o palhaço Ernesto porque se divertia sozinho e talvez também pudesse divertir todos os seus amigos.

Então resolveu ir ter com os seus amigos. Os amigos do Ernesto adoraram o seu fato e quiseram um igual com as sete cores do arco-íris e foram pedir às suas mães.

A partir desse dia, o Ernesto e os seus amigos combinaram que durante três dias em cada ano juntavam-se na rua para brincar, saltar e cantar vestidos com as cores dos arco-íris e nesses dias todas as pessoas eram felizes.

Vitória, Vitória acabou-se a história!

Apêndice VIII- Planificação do sistema solar

Planificação semanal de 24/2/2015 a 26/2/ 2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: Inverno – Sistema solar							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências (Saberes / capacidades e atitudes)</u>	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e Social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<p>- Promover a autonomia das crianças;</p> <p>- Promover o interesse em comunicar;</p> <p>- Promover o diálogo;</p> <p>- Promover a exploração dos blocos lógicos;</p> <p>- Promover o raciocínio lógico;</p> <p>-Promover a formação de conjuntos;</p> <p>-Promover a ordenação tendo como critério o tamanho (grande/pequeno), espessura (grosso/fino);</p> <p>-Promover o</p>	<p>- Fala com coerência;</p> <p>- Responde ao que foi perguntado;</p> <p>- Dá/ partilha a sua opinião pessoal;</p> <p>- Demonstra interesse em explorar os blocos lógicos e as suas características;</p> <p>-Distingue entre a espessura entre a espessura grossa e espessura fina;</p> <p>-Distingue entre o tamanho</p>	<p>- Exploração dos blocos lógicos em grupo;</p> <p>- Conversa com o grupo sobre as características do quadrado, círculo, retângulo e quadrado;</p> <p>- Jogo “caça ao tesouro na sala de atividades;</p> <p>- Registo escrito das principais características</p>	<p><u>Espaço:</u> Sala de atividades</p> <p><u>Tempo:</u> 5 anos</p> <p><u>Grupo:</u> grande grupo e pequeno grupo</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Crianças;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Educadora.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <p>- Cartolinas;</p> <p>- Giz;</p> <p>-Canetas de feltro;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Leite;</p> <p>- Blocos</p>	<p>Observação direta e participativa;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <p>- Se as crianças falam com coerência;</p> <p>- Se as crianças sentem interesse em explorar os blocos lógicos;</p> <p>- Se as crianças compreendem a diferença entre a espessura fina e a espessura grossa;</p> <p>- Se as crianças compreendem a diferença entre o tamanho grande e o tamanho pequeno;</p> <p>- Se as crianças têm interesse em descobrir o sistema solar;</p>

	<p>desenvolvimento da noção de número (cardinal e ordinal);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a linguagem verbal e não verbal; - Promover o desenvolvimento da imaginação; - Promover a técnica de desenho com giz e leite; - Promover a motricidade fina (destreza ao manipular diferentes materiais); - Promover a coordenação visual e motora; - Promover a sensibilidade estética; - Promover saberes sobre o sistema solar; 	<p>grande e pequeno;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realiza a contagem de objetos; - Compreende a história dramatizada; - Demonstra interesse em realizar a técnica de desenho com giz e leite; - Demonstra interesse em saber o nome, as cores e a posição dos planetas no sistema solar; - Demonstra interesse em aprender uma nova música; 	<p>do quadrado, círculo, retângulo e respetiva ilustração plástica;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dramatização de “A grande viagem pelo espaço”; - Registo plástico em grande grupo do sistema solar; - Exploração da música: Os planetas da Babiluxa. 		lógicos		<ul style="list-style-type: none"> - Se as crianças utilizam as diferentes técnicas de pintura corretamente; - Se as crianças fazem a contagem oral; - Se as crianças conseguem ordenar a posição dos planetas face ao sol. - Se as crianças demonstram interesse em desenhar com giz e leite;
--	---	--	--	--	---------	--	--

Observações _____

Estagiária: Catarina Pereira

Apêndice IX – Planificação do dia do pai

Planificação semanal de 16/3/2015 a 18 /3/ 2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: Dia do Pai							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências</u> (Saberes / capacidades e atitudes)	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o gosto pela leitura; - Promover o interesse em comunicar; - Promover o diálogo; - Promover a emergência da escrita; - Promover diversas técnicas de pintura; - Promover a representação gráfica da figura humana; - Promover a motricidade fina (destreza ao manipular diferentes materiais); - Promover a autonomia das 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a história; - Fala com coerência; - Responde ao que foi perguntado; - Dá/ partilha a sua opinião pessoal; - Consegue escrever o seu nome; - Demonstra interesse em imitar o código escrito; - Consegue representar graficamente a 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar a história “Eu e o meu papá”; - Conversa com o grupo sobre a história e a problemática associada; - Construção de três registos plásticos individuais: a prenda para o dia do pai, o embrulho e o postal; - Exploração da 	<p>Espaço: Sala de atividades;</p> <p>Tempo: 5 horas;</p> <p>Grupo: grande grupo e pequeno grupo.</p>	<p>Humanos:</p> <p>Crianças;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Educadora.</p>	<p>Observação direta e participante;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se as crianças compreenderam a história; - Se as crianças falam com coerência; - Se as crianças conseguem escrever os seus nomes; - Se as crianças realizam tentativas de escrita; - Se as crianças manipulam corretamente a tesoura; - Se as crianças

	<p>crianças;</p> <p>-Promover a coordenação visual e motora;</p> <p>Promover os diferentes meios de transporte;</p> <p>- Promover o interesse em desenhar;</p> <p>- Promover a celebração do dia do pai</p>	<p>figura humana;</p> <p>- Conseguir utilizar corretamente os pincéis;</p> <p>- Conseguir utilizar corretamente os carimbos;</p> <p>- Reconhece os diferentes meios de transporte;</p> <p>- Demonstra interesse em desenhar.</p>	<p>música: “O meu pai é grande!”.</p>				<p>conseguem recortar em linha reta;</p> <p>- Se as crianças manipulam corretamente os pincéis;</p> <p>- Se as crianças utilizam as diferentes técnicas de pintura;</p> <p>- Se as crianças conseguem representar graficamente a figura humana;</p> <p>- Se as crianças reconhecem diferentes meios de transporte.</p> <p>- Se as crianças demonstram interesse em desenhar.</p>
--	---	--	---------------------------------------	--	--	--	--

Observações: _____

Estagiária: Catarina Pereira

Apêndice X- Planificação dos 5 sentidos

Planificação semanal de 20/4/2015 a 22/04/ 2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: 5 sentidos (visão e paladar) - Dia da mãe							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências (Saberes / capacidades e atitudes)</u>	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o interesse em comunicar; - Promover o diálogo; - Promover o desenvolvimento de técnicas de expressão plástica: pintura, digitinta e o recorte; - Promover a expressão plástica tridimensional: modelagem; - Promover a relação entre a música e a palavra através da canção; - Promover o sentido do paladar através da identificação e distinção dos sabores dos alimentos; - Promover o esquema corporal e os principais órgãos relacionados com os 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende a história; - Fala com coerência; - Responde ao que foi perguntado; - Dá/ partilha a sua opinião pessoal; - Compreende o sentido da visão e do paladar; - Identifica e reconhece as cores primárias e secundárias; - Identifica e reconhece os diferentes sabores dos alimentos (doce, salgado, amargo e 	<ul style="list-style-type: none"> - Conversa em grande grupo sobre os 5 sentidos, com principal exploração do sentido da visão e do paladar; - Exploração das características da visão: cores, formas, tamanho... - Realização de uma experiência “explosão de cores” sobre o sentido da visão em pequenos grupos; - Construção de um registo plástico individual sobre o 	<p><u>Espaço:</u> sala de atividades</p> <p><u>Tempo:</u> 5 horas</p> <p><u>Grupo:</u> grande grupo e pequeno grupo</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Crianças;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Educadora</p> <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Corante alimentar (encarnado, amarelo, azul, verde); - Frutas da época; - Iogurtes; Pasta de moldar; -Pipocas 	<p>Observação direta e participante;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se as crianças falam com coerência; - Se as crianças identificam, reconhecem e distinguem as cores primárias e as cores secundárias; -Se as crianças identificam e reconhecem o sabor dos alimentos: doce, salgado, amargo, ácido; - Se as crianças manipulam com

	<p>5 sentidos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promover a motricidade fina (destreza ao manipular diferentes materiais e objetos); - Promover a sensibilidade estética; - Promover a autonomia das crianças; - Promover o interesse em desenhar. 	<p>ácido);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explora e realiza de uma forma autónoma os registos plásticos; - Manuseia de forma adequada diferentes objetos: tesouras, pinceis, rolo da massa, e formas de massa; - Demonstra interesse em desenhar 	<p>sentido da visão;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exploração das características do paladar através de uma pequena degustação; - Construção de um registo plástico individual sobre o sentido do paladar (digitinta comestível); -Continuação do registo plástico em grande grupo sobre os “5 sentidos”; - Exploração da canção “5 sentidos” de Alda Fernandes; - Trabalhar a história “A minha mãe” de Anthony Browne; - Conversa com o grupo sobre a história e a problemática associada; - Construção de um registo plástico individual: a prenda para o dia da mãe; 		<p>doces;</p> <p>Pratos de plástico;</p> <p>Tesouras; tintas;</p> <p>-Venda para os olhos;</p> <p>- Cotonetes;</p> <p>- Detergente líquido;</p> <p>- Folhas A3;</p> <p>- Palitos;</p> <p>-Pincéis;</p> <p>- Presunto;</p> <p>-Formas de massa;</p> <p>- Música: “5 sentidos” de Alda Fernandes;</p> <p>- Livro: “A minha mãe” de Anthony Browne;</p>		<p>destreza os diferentes materiais: tesoura, pincel;</p> <p>-Se as crianças demonstram interesse em desenhar.</p>
--	---	---	--	--	--	--	--

Observações: _____

Estagiária: Catarina Pereira

Apêndice XI- Planificação do dia da mãe

Planificação semanal de 27/04/2015 a 29/4/ 2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: Dia da mãe							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências (Saberes / capacidades e atitudes)</u>	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<p>- Promover o interesse em comunicar;</p> <p>- Promover o diálogo;</p> <p>- Promover a emergência da escrita;</p> <p>- Promover a identificação das cores primárias e secundárias;</p> <p>- Promover diversas técnicas de expressão plástica;</p> <p>- Promover a constituição de diferentes partes da flor;</p> <p>- Promover a motricidade fina (destreza ao manipular diferentes materiais);</p> <p>- Promover a sensibilidade estética;</p>	<p>- Compreende a história;</p> <p>- Fala com coerência;</p> <p>- Responde ao que foi perguntado;</p> <p>- Dá/ partilha a sua opinião pessoal;</p> <p>- Consegue escrever o seu nome;</p> <p>- Demonstra interesse em imitar o código escrito;</p> <p>- Identifica e reconhece as cores primárias e as cores</p>	<p>- Trabalhar a história “<i>A minha mãe</i>” de Anthony Browne;</p> <p>- Explorar a música “<i>Um lugar quente e fofo</i>” de Alda Fernandes;</p> <p>- Conversa com o grupo sobre o dia da mãe;</p> <p>- Conversa com o grupo sobre as principais características das mães;</p>	<p><u>Espaço:</u> sala de atividades</p> <p><u>Tempo:</u> 5 horas</p> <p><u>Grupo:</u> grande grupo e pequeno grupo</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Crianças;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Educadora.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <p>- Cartolinas;</p> <p>- Tintas;</p> <p>- Lápis de cor;</p> <p>- Lápis de cera;</p> <p>Canetas de feltro;</p> <p>- Cola;</p>	<p>Observação direta e participante;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <p>- Se as crianças falam com coerência;</p> <p>- Se as crianças conseguem escrever os seus nomes;</p> <p>- Se as crianças realizam tentativas de escrita;</p> <p>- Se as crianças identificam, reconhecem e distinguem as cores primárias e as cores secundárias;</p> <p>- Se as crianças manipulam corretamente a</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a criatividade; - Promover a autonomia da criança; - Promover a coordenação visual e motora; - Promover o interesse em desenhar; - Promover a celebração do dia da mãe; 	<ul style="list-style-type: none"> secundárias; -Consegue utilizar corretamente os pincéis; - Consegue utilizar corretamente a tesoura; - Consegue utilizar corretamente os lápis; - Demonstra interesse em desenhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de três registos plásticos individuais: a prenda para o dia da mãe, o embrulho e o postal. 		<ul style="list-style-type: none"> - Tesouras; Verniz para tinta acrílica; - Pincéis Música: música “<i>Um lugar quente e fofo</i>” de Alda Fernandes Livro: “<i>A minha mãe</i>” de Anthony Browne; 		<ul style="list-style-type: none"> tesoura, os pincéis e os lápis. - Se as crianças utilizam as diferentes técnicas de expressão plástica; -Se as crianças demonstram interesse em comunicar; -Se as crianças demonstram interesse em comunicar;
--	--	--	---	--	---	--	--

Observações: _____

Estagiária: Catarina Pereira

Apêndice XII - Planificação diária do ciclo do mel

Planificação semanal de 19/05/2015				Grupo dos 5 anos			
Tema geral: Primavera – ciclo do mel							
<u>Área de conteúdo</u>	<u>Objetivos</u>	<u>Competências (Saberes / capacidades e atitudes)</u>	<u>Estratégias/ atividades</u>	<u>Gestão do tempo educativo</u>		<u>Avaliação</u>	
				<u>Espaço/ Tempo/ Grupo</u>	<u>Recursos humanos e materiais</u>	<u>Instrumentos</u>	<u>Indicadores</u>
<p><u>Formação pessoal e social</u></p> <p><u>Expressão e comunicação</u></p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita;</p> <p>- Domínio da matemática;</p> <p>Domínio da expressão motora;</p> <p>- Domínio da expressão plástica.</p> <p><u>Conhecimento do mundo</u></p>	<p>- Promover o gosto pela leitura;</p> <p>- Promover o gosto pela preservação da natureza;</p> <p>- Promover o conhecimento de conteúdos relacionados com o ciclo do mel;</p> <p>- Promover o interesse em comunicar;</p> <p>- Promover o diálogo;</p> <p>- Promover a criatividade através de exploração dos diferentes materiais existentes;</p> <p>- Promover a</p>	<p>- Fala com coerência;</p> <p>- Responde ao que foi perguntado;</p> <p>- Dá/ partilha a sua opinião pessoal;</p> <p>- Compreende o processo do ciclo do mel;</p> <p>- Compreende as funções das abelhas e como são constituídas fisicamente;</p> <p>- Reconhece e identifica o que</p>	<p>- Breve conversa com as crianças sobre os conhecimentos que estas possuem sobre as abelhas e o ciclo do mel;</p> <p>- Leitura da história do livro “Ciclo do mel” de Cristina Quental e Mariana Magalhães;</p> <p>- Conversa e questionamento sobre os conhecimentos adquiridos por parte das crianças</p>	<p><u>Espaço:</u> sala de atividades</p> <p><u>Tempo:</u> 5 horas</p> <p><u>Grupo:</u> grande grupo e pequeno grupo</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Crianças;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Educadora.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <p>- Livro do “ciclo do mel” de Cristina de Quental e Mariana Magalhães;</p> <p>- Papel cavalinho A3;</p> <p>- Papel A4;</p> <p>- Lápis de</p>	<p>Observação direta e participante;</p> <p>Registo fotográfico.</p>	<p>Comportamentos observáveis:</p> <p>- Se as crianças falam com coerência;</p> <p>- Se as crianças sabem quais as funções das abelhas e como são constituídas fisicamente;</p> <p>- Se as crianças compreendem o ciclo do mel;</p> <p>- Se as crianças desenham todas as partes que compõem a abelha e as cores que as</p>

	sensibilidade estética; - Promover a autonomia das crianças; - Promover o interesse em comunicar;	é uma colmeia, o pólen, o favo de mel entre outros; - Demonstra interesse em desenhar.	após a leitura da história; - Registo plástico individual sobre o ciclo do mel.		cera; - Canetas de feltro; - Tintas; -Pincéis; - Lápis de carvão; - Borrachas;		caraterizam; - Se as crianças no seu desenho individual realizam produções criativas; - Se as crianças nas suas produções exploram os materiais de uma forma criativa.
--	---	---	--	--	---	--	--

Observações: _____

Estagiária: Catarina Pereira

Apêndice XIII- Representações do palhaço Ernesto



Ilustração I- desenho das crianças 2 e 3



Ilustração II desenho das crianças 5 e 6

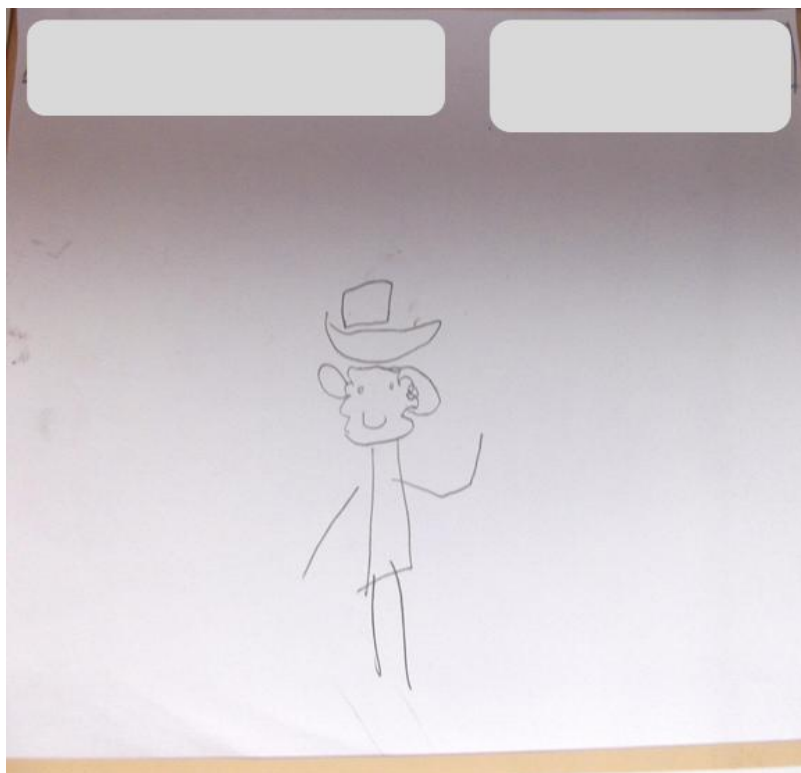


Ilustração III desenho das crianças 7 e 8



Ilustração IV desenho das crianças 9 e 10



Ilustração V desenho das crianças 11 e 12



Ilustração VI desenho das crianças 13 e 14



Ilustração VII desenho das crianças 15 e 16



Ilustração VIII desenho da criança 18

Apêndice XIV- Grelha de observação direta - Notas de campo I preenchida

	Fez o desenho	Não Fez o desenho	A quem solicitou ajuda no decorrer do desenho			Razão apresentada para pedir ajuda	Que materiais utilizados	Comentários Feitos pelas crianças	Observações pertinentes
			Educadora	Auxiliar	Estagiárias				
Crianças									
1		X							
2	X				x	Perguntou: - se estava bem o desenho; - Se podia pintar os sapatos de castanho	Lápis de cera; lápis de cor	“ <i>desenhei o cabelo e os sapatos... na história não haviam</i> ” “ <i>Achas que está bom?</i> ”	Representou os braços, a cabeça e o tronco, as pernas e os pés; Representou no rosto dois olhos. Representou o arco-íris; Representou os suspensórios; as calças e a blusa Relacionou duas cores ao vestuário.
3	X				X	- Perguntou: se estava bem o desenho; - Se precisava pintar o desenho	Lápis de cor	“ <i>desenhei um chapéu... os palhaços têm chapéus e também fiz um nariz vermelho</i> ”	Representou o rosto, com olhos nariz e boca; os braços; as mãos; tronco; pernas e pés; Representou o laço; a camisa; os suspensórios; as calças e acrescentou os sapatos Relacionou uma cor
4									
5	X				x	Perguntou: - Se estava bem o desenho;	Lápis de carvão e lápis de cor	“ <i>Não sei desenhar</i> ” “ <i>Não quero acabar o desenho</i> ”	Representou o rosto: boca olhos, nariz e boca. Representou um chapéu; representou um sapato Representou as calças.

						- Disse que estava cansado;			Relacionou uma cor
6	X					Perguntou: -Se estava bonito.	lápiz de cor	<i>“foi fácil desenhar o Ernesto”.</i>	Representou o rosto com olhos e nariz; representou o arco-íris, representou as roupas, Relacionou 4 cores
7	X			X		- Disse que estava cansado;	Lápis de carvão	<i>“Não sei desenhar”</i> <i>“Não quero acabar o desenho “</i>	Representou a figura humana; sem as mãos e os pés.
8	X						Lápis de cor		Representou a figura humana; associou duas cores e representou o arco-íris,
9	X				X	Perguntou: - podes apagar	Lápis de cor	<i>“Não sei desenhar”</i>	Representou a figura humana mas não a coloriu
10	X						Lápis de cor e lápis de carvão		Representou o palhaço: associando 4 cores. Representou o arco-íris.
11	X			X		Disse que estava cansado;	Lápis de cor	<i>“Não sei desenhar”</i>	Representou o palhaço; associou apenas uma cor
12	X						Lápis de cor		Representou o arco-íris; Representou o palhaço; a associou duas cores

13	X			X	Perguntou: -Se estava bonito.		Lápis de cor		Representou o palhaço, e associou duas cores
14	X			X	Perguntou: -se estava bonito.		Lápis de cor		Representou o palhaço; associou 4 cores
15	X						Lápis de cor		Representou uma cor; Representou o palhaço.
16	X						Lápis de cor		Representou o palhaço, associou 5 cores
17		X							
18				X			Lápis de cor e lápis de carvão		Representou o palhaço; Associou a uma cor.

IV- Grelha de observação direta- notas de campo

Data: 4 de fevereiro de 2015

Espaço: Sala de atividades

Faixa etária do grupo: 5/6 anos.

Principais observações à realização da atividade:

Os comentários das crianças em relação ao seu trabalho e ao dos colegas foram: “ *Desenhaste o Ernesto muito bem*”; “ *Eu pintei as calças do Ernesto*”; “*Eu pintei o nariz do Ernesto*”; “ *O teu desenho está bonito*”; “ *Eu gostei do teu palhaço*”; “ *eu gostei do teu trabalho*”; “ *eu gostei de desenhar o Ernesto*”.

Apêndice XV Representação do ciclo do mel



Ilustração IX desenho da criança 1 e 2



Ilustração X desenho das crianças 3 e 4



Ilustração XI desenho das crianças 5 e 6

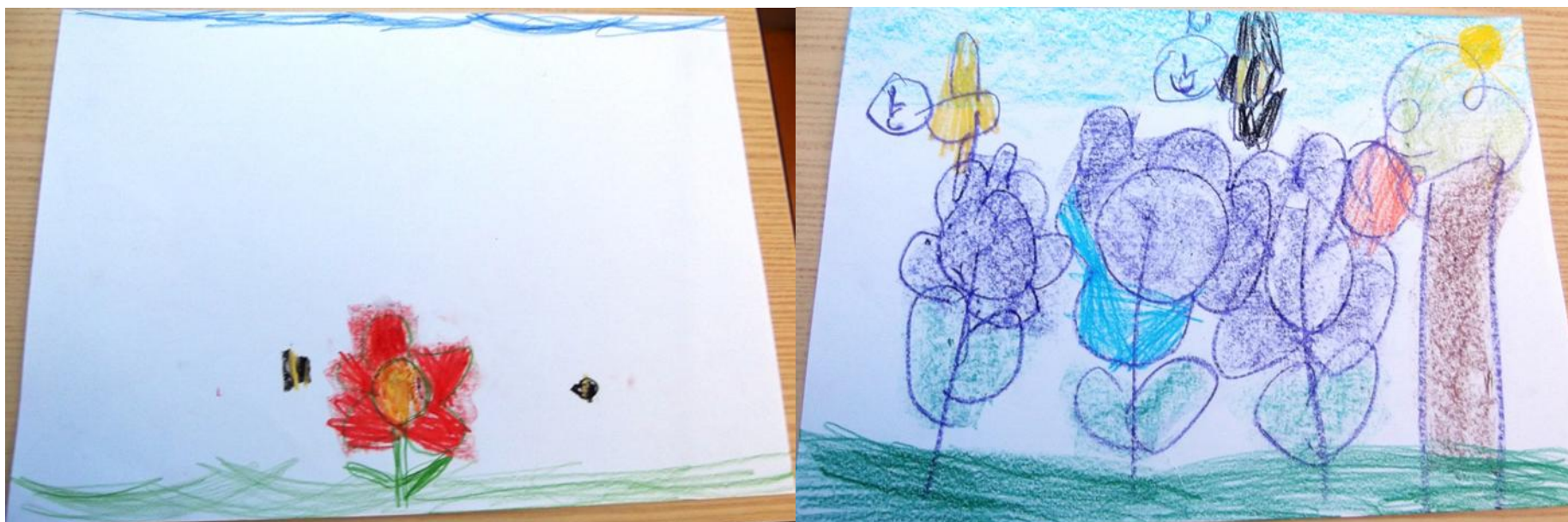


Ilustração XII desenho das crianças 7 e 8



Ilustração XIII desenho das crianças 9 e 10



Ilustração XIV desenho das crianças 11 e 13



Ilustração XV desenho das crianças 14 e 15



Ilustração XVI desenho da criança 16 e 17



Ilustração XVII desenho da criança 18

Apêndice XVI- Grelha de observação direta - Notas de campo II preenchida

	Fez o desenho	Não Fez o desenho	A quem solicitou ajuda no decorrer do desenho			Razão apresentada para pedir ajuda	Que materiais utilizados	Comentários Feitos pelas crianças	Observações pertinentes
			Educadora	Auxiliar	Estagiárias				
Crianças									
1	X						Lápis e de cera	<i>“eu adooooo mel!”</i>	Representou: sol, céu, terra, flores, ervas e abelha.
2	X						Lápis de cera	<i>“Acho que está bom”</i>	Representou uma flor e uma abelha.
3	X						Lápis de cor e de cera	<i>“Eu fiz a colmeia e as flores para as abelhas fazerem o mel”</i>	Representou: sol, céu, terra, flor, ervas e abelha, árvore e colmeia
4	X						Lápis de cera		Representou o céu, terra, flor e abelha.
5	X						Lápis de cera		Representou ervas, flor e abelha.
6	X						Lápis e de cera	<i>“Eu fiz árvore com a colmeia”</i>	Representou : flor; abelha ; arvore; e colmeia.
7	X						Lápis e de cera		Representou : céu, terra; flor e duas abelhas
8	X						Lápis de cera	<i>“eu fiz duas abelhas e três flores” “Gosto muito de flores”</i>	Representou: 2 abelhas;3 flores; arvore; colmeia: sol
9	X						Lápis de cor		Representou 5 flores ; uma abelha; uma nuvem
10	X						Lápis de cera	<i>“Eu desenhei muitas abelhas”</i>	Representou : 5 abelhas; sol ; a terra: arvore; colmeia.
11	X						Lápis de cor e de cera	<i>“Eu fiz quatro abelhas”</i>	Representou: arvore; 4 abelha e 3 flores
12		X							
13	X						Lápis de cor e de cera	<i>“Eu fiz uma árvore com a colmeia”</i>	Representou: o céu, o sol; árvore com colmeia; flor
14	X						Lápis de cera		Representou: abelha; terra; 2 flores
15	X						Lápis de cera		Representou: abelha; flor;

									árvore e colmeia
16	X						Lápis de cor e de cera		Representou: duas abelhas, 2 flores
17	X						Lápis e de cera		Representou: 4 flores e uma abelha
18	X						Lápis de cor	<i>“eu fiz 3 abelhas e um favo de mel”</i>	Representou: 3 abelhas, sol, nuvens árvore; favo de mel

IV- Grelha de observação direta- notas de campo

Data: 19/05/2015

Espaço: Sala de atividades

Faixa etária do grupo: 5/6 ano

Principais observações à realização da atividade: Os comentários das crianças em relação ao seu trabalho e ao dos colegas foram: “ *Desenhaste a abelha muito bem*”; “ *Eu pintei as flores e a abelha* ”; “ *Eu pintei a colmeia a árvore e a abelha*”; “ *O teu desenho está bonito*”; “ *Eu gostei do tua abelha* ”; “ *eu gostei do teu trabalho* ”; “ *eu gostei de desenhar o ciclo do me*”.

Apêndice XVII- Transcrição da entrevista à Educadora cooperante

Transcrição da entrevista à Educadora de Infância

Quais são as suas habilitações Literárias?

R: Tenho o Bacharel em Educadora de infância e a Licenciatura em Expressões Artísticas.

Há quantos anos exerce a profissão de educadora de infância?

R: 31. (*anos*)

Tem por hábito apostar em formação?

R: Sim.

Com que frequência o faz?

R: Uma vez, duas vezes por ano.

Qual a importância do desenho para as crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos?

R: É muito importante porque, através do desenho, nós conseguimos identificar muitas questões dependentes, perceber como são as crianças, as famílias e é através do abstrato que a gente consegue chegar a coisas concretas.

Tem ou teve alguma formação sobre o desenho infantil?

R: Sim, na formação inicial. E nas Expressões Artísticas também se falou.

Tem preferência entre utilizar o desenho livre ou o desenho orientado? Em que sentido?

R: Não...

Julga existir diferenças entre o desenho livre e o desenho orientado? Em que sentido?

R: O desenho livre... através do desenho livre nós conseguimos perceber muitas coisas que vão dentro da cabeça da criança. O desenho orientado é uma forma de nós percebermos até que ponto eles conseguem seguir uma matriz que nós temos.

Qual considera mais importante na faixa etária dos 5/6 anos?

R: Considero o desenho livre muito importante porque eles recriam e vivem coisas no desenho livre que, para mim é mais importante. Para mim, não quer dizer que para outra educadora seja... mas aí eu consigo perceber muita coisa.

Acha que os desenhos podem transmitir informações importantes sobre as crianças? Que tipo de informações?

R: Podem transmitir informação como é a criança, como é a família da criança e como é o meio onde a criança vive.

Acha que comunicar através dos desenhos é importante? Porquê?

R: Porque é que é importante? Porque através dos desenhos podes comunicar com outra pessoa de uma forma lúdica e também podes comunicar de uma forma... como é que te vou explicar, como é que o desenho é importante para comunicar...porque pode-nos trazer muitas mensagens. Tu podes, com esse desenho... entramos como se fosse uma escrita para os meninos, em que eles ali transmitem tudo. Por isso, eu penso que o desenho é das coisas mais importantes.

Tem alguma norma para as crianças apresentarem o desenho?

R: Depende, se o desenho é livre não há norma, é livre. Se não, se estipulamos com a criança um desenho de um trabalho orientado, aí existe uma norma. Eles têm que seguir essas diretrizes, mas ao ser livre a norma é... pertence ao desenho, eles fazem o que quiserem.

Tem por norma analisar os desenhos efetuados na sala?

R: Sim, mesmo com eles.

Dispõe de indicadores para análise?

R: Sim.

Quais os principais indicadores que tem em conta ao analisar os desenhos?

R: Acabamos por fazer. São as cores. A cores escuras, para ver como é que elas estão (*crianças*). Se os braços da figura humana... se os braços estão abertos, se o rosto tem um sorriso... porque todos esses indicadores levam-nos a ver como é que eles estão.

Utiliza o desenho como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social?

R: Sim, tem todas essas vertentes.

Para si quais são as principais dificuldades/facilidades em utilizar este método?

R: Bem, nós às vezes podemos achar que... pode haver uma criança que utilize cores escuras e isso não quer dizer que ele esteja deprimido ou esteja chateado pode estar... pronto... isso é um estigma que se colocou. Por isso, ao analisarmos, nós temos de ter muito cuidado, portanto, termos uma visão alargada e abrangente, para verificar porque é que a criança fez aquilo e pode não ter a ver

com critérios que nós podemos ter estipulados... da cor, do aspeto, de não ter braços, de definição... temos de ter muita atenção e perceber de quem é o desenho e quem é a criança que o fez.

É fácil motivá-las para desenhar?

É muito fácil. No pré-escolar é das coisas... é das coisas que as pessoas quase todas utilizam mais. É mais fácil, é muito fácil porque eles gostam e nós também acabamos por dar muita importância a esta área.

Qual o feedback que dá as crianças sobre os seus desenhos?

R: Bem, eu, normalmente, dou o feedback e eles também dão. O desenho é mostrado e analisado em grande grupo e todos damos um parecer porque eu acho que é importante todos nós analisarmos.

Que comentários as crianças fazem aos desenhos dos seus colegas?

R: Aí nós negociamos sempre, temos de ser críticos mas saber o que estamos a fazer e tentamos sempre saber como é que o outro fez. Perceber se há crianças que podem fazer mais. Devemos dizer e eu preparo-os para isso, se há crianças que ainda não chegaram a um certo patamar. Nós temos que perceber que aquele desenho também está bom. Portanto tem de haver um critério negociado em grande grupo, para depois analisarmos e fazermos essa avaliação.

Tem por norma falar com os encarregados de educação sobre os desenhos dos seus educandos?

Como realiza essa abordagem?

R: Normalmente os trabalhos são expostos. Os pais veem e através dessa forma nós falamos e eles questionam e perguntam-nos.

Qual é o feedback recebido dos encarregados de educação?

R: Normalmente os pais que são interessados, são sempre. Por norma são sempre os mesmos. Os que não são interessados, nós chamamos e pronto. É uma ... fase em que os meninos levam o desenho para casa e que os pais também interagem e gostam de falar sobre o trabalho e o desenho do filho.

Os pais consideram o desenho importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Em que medida?

Os pais consideram, mas hoje Este leque de pais está um bocadinho mais preocupado com a linguagem oral e a abordagem à escrita e à matemática. Contudo, nós educadores do pré-escolar, temos que explicar e motivá-los para perceberem que o desenho é das coisas mais importantes, está ao mesmo nível e não há diferenças. Só que hoje os MEDIA e estas novas mentalidades levaram a

escolarizar um bocado o jardim-de-infância. O que não está certo, pois por... tudo o que veem à volta. Inseguranças, se calhar, de colegas ou direções, que os pais que não percebem da área de educação pedem e vão ao encontro do que eles estão a pedir. Mas o desenho é a “praia” de um pré-escolar.

Apêndice XVIII- Grelha de categorização da entrevista à educadora cooperante

Grelha de categorização da entrevista da educadora

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo	Frequência
Caracterização profissional	Habilitações literárias (formação académica)	(...) <i>Bacharel em Educadora de infância</i> (...) <i>Licenciatura em Expressões Artísticas.</i>	(2)
	Tempo de serviço	<i>31</i>	(1)
	Formação (Pós académica)	<i>Sim</i> <i>Uma vez, duas vezes por ano.</i>	(2)
A importância do desenho Infantil	Importância atribuída	<i>É muito importante</i> (...) <i>considero o desenho livre muito importante</i> (...) <i>eu penso que o desenho é das coisas mais importantes.</i> (...) <i>o desenho é das coisas mais importantes</i>	(4)
	Justificação da importância	(...) <i>porque através do desenho, nós conseguimos identificar muitas questões dependentes, perceber como são as crianças, as famílias e é através do abstrato que a gente consegue chegar a coisas concretas.</i> (...) <i>porque eles recriam e vivem</i>	(3)

		<i>coisas no desenho livre</i> <i>(...) o desenho é importante para comunicar</i>	
	Formação sobre o desenho infantil	<i>(...) Formação inicial</i> <i>(...) Expressões Artísticas</i>	(2)
Funcionalidade do desenho infantil	<u>Formas de desenhar</u> Preferência pelo desenho livre ou pelo desenho orientado	 <i>Não...</i>	(1)
	Desenho livre	<i>(...) nós conseguimos perceber muitas coisas que vão dentro da cabeça da criança.</i>	(1)
	Desenho Orientado	<i>(...) é uma forma de nós percebermos até que ponto, eles conseguem seguir uma matriz que nós temos.</i>	(1)
	Importância na Faixa etária dos 5/6 anos	<i>Considero o desenho livre muito importante porque eles recriam e vivem coisas no desenho livre que para mim é mais importante</i> <i>(...) eu consigo perceber muita coisa.</i>	(2)
	Informações Transmitidas pelo desenho	<i>(...) como é a criança, como é a família da criança e como é o meio</i>	(1)

		<i>onde a criança vive.</i>	
	Comunicação através do desenho	<p><i>(...) podes comunicar com outra pessoa de uma forma lúdica</i></p> <p><i>(...) é importante para comunicar porque pode nos trazer muitas mensagens</i></p> <p><i>(...) como se fosse uma escrita para os meninos, em que eles ali transmitem tudo</i></p>	(3)
	Noma de apresentação do desenho	<p><i>(...) se o desenho é livre não há norma</i></p> <p><i>(...) um desenho de um trabalho orientado aí existe uma norma</i></p>	
	Norma de análise dos desenhos na sala	<i>sim</i>	(1)
	Indicadores para análise	<p><i>(...) As cores</i></p> <p><i>(...) A cores escuras</i></p> <p><i>(...) braços da figura humana</i></p> <p><i>(...) se os braços estão abertos</i></p> <p><i>(...) se o rosto tem um sorriso</i></p>	(5)
	Utilização do desenho como suporte de aprendizagem cognitiva, linguística, axiológica e social?	<i>Sim, em todas essas vertentes.</i>	(1)

	dificuldades/facilidades em utilizar este método de aprendizagem	<p>(...) ao analisarmos, nós temos de ter muito cuidado, portanto, termos uma visão alargada e abrangente, para verificar porque é que a criança fez aquilo</p> <p>(...) temos de ter muita atenção e perceber de quem é o desenho e quem é a criança que fez.</p>	(2)
	Motivação para desenhar	<p>É muito fácil</p> <p>(...) é das armas que as pessoas quase todas utilizam mais.</p> <p>(...) É mais fácil, é muito fácil porque eles gostam e nós também acabamos por dar muita importância a esta área</p>	(3)
	Comunicação às crianças	<p>(...) normalmente dou o feedback e eles também dão</p> <p>(...) O desenho é mostrado e analisado em grande grupo</p> <p>(...) todos damos um parecer</p> <p>(...) é importante todos nós analisarmos.</p>	(4)
	Comunicação das crianças	<p>(...) nós negociamos sempre</p> <p>(...) temos de ser críticos, mas saber o que estamos a fazer e tentamos</p>	(4)

		<p><i>sempre saber como é que o outro fez</i></p> <p><i>(...) Perceber se há crianças que podem fazer mais. Devemos dizer e eu preparo-os para isso</i></p> <p><i>(...) tem de haver um critério negociado em grande grupo, para depois analisarmos e fazermos essa avaliação</i></p>	
Comunicação Pré-Escolar-Família	Comunicação aos encarregados de educação	<p><i>Os trabalhos são expostos</i></p> <p><i>(...) os pais veem e através dessa forma nos falamos e eles questionam e pergunta-nos.</i></p>	(2)
	Comunicação recebida por parte dos Encarregados de educação	<p><i>(...) os meninos levam o desenho para casa e que os pais também interagem e gostam de falar sobre o trabalho e o desenho do filho.</i></p>	(1)
	A importância dos pais face ao desenho	<p><i>Os pais consideram, mas hoje (...)</i></p> <p><i>Este leque de pais está um bocadinho mais preocupados com a linguagem oral e a abordagem à escrita e à matemática</i></p>	(2)

Apêndice XIX- Grelha de observação – Notas de Campo II

Espaço: Sala de atividades

Faixa etária: 5/6 anos

Data: 1º e 2º e 3º período letivo do ano de 2014/2015

Períodos do ano letivo.	Situação	Observação de atitudes e valores	Interpretação Pessoal
Todo o ano letivo	<p>As crianças têm aulas de inglês na sala de atividades. Estas aulas são lecionadas à quarta-feira por uma docente da instituição e têm a duração de uma hora. A docente de inglês utiliza durante as aulas, o manual e o livro de atividades do Mickey.</p> <p>Estas aulas dividem-se em duas partes. Na primeira parte a docente, coloca o cd do manual e trabalha com as crianças os conteúdos planeados para o dia. Na segunda parte, as crianças deslocam-se para as mesas, onde são distribuídos os livros de atividades. Os livros de atividades são compostos por fichas que incluem a realização de grafismos e a pintura de objetos, entre outras atividades,</p> <p>Todas as aulas são lúdicas.</p>	<p>É visível que as crianças apreciam a primeira parte da aula. Na segunda parte da aula, as crianças já demonstram algum cansaço e muitas vezes demoram a completar a atividade ou não a terminam.</p>	<p>As aulas são interessantes para as crianças e a docente faz um bom trabalho, interligando o português com o inglês.</p> <p>No entanto, devo destacar que considero, desmotivador para a criança a realização das fichas de atividades, pois estas são atividades mecânicas e pouco estimuladoras. Talvez por isso, as crianças demonstrem cansaço em executa-las. É notório a desmotivação das crianças em colorir os desenhos das atividades. Estas pintam muito rápido e acabam por não respeitar o contorno.</p>

<p>1º Período e 1º Metade do 2º período</p>	<p>As crianças têm atividades com a animadora social, todas as quartas-feiras. Estas atividades têm a duração de uma hora. As atividades realizadas pela animadora social têm como objetivo contar uma história e trabalhá-la.</p> <p>Após, a leitura da obra e respetiva exploração em grande grupo, as crianças dirigem-se às mesas para fazerem a ficha da atividade. São distribuídas fotocópias A4 do personagem, e as crianças têm de pintá-las.</p> <p>Os livros abordados neste período de tempo são do escritor Rogers Hargreaves e pertencem à coleção «Senhores e Senhoras».</p>	<p>É visível que as crianças apreciam a primeira parte da atividade.</p> <p>Na segunda parte da atividade, as crianças já demonstram algum cansaço e muitas vezes demoram a completar a atividade ou não a terminam.</p> <p>Muitas crianças optam por utilizar o lápis de cera para pintarem mais depressa. As crianças que utilizam outro tipo de material demoram mais tempo e muitas vezes desistem de terminar o trabalho.</p>	<p>Apesar de as histórias estarem direcionadas para crianças, não considero que as mesmas deveriam ser sempre utilizadas, pois apresentam personagens caricaturadas e estereotipadas.</p> <p>Relativamente à segunda parte da atividade devo destacar que considero, desmotivador para a criança a realização da ficha de atividades, pois estas são atividades mecânicas e pouco estimuladoras. Talvez por isso, as crianças, demonstrem cansaço em executa-las. É notório a desmotivação das crianças em colorir os desenhos das atividades, executam-nos muito rápido, com recurso ao decalque do lápis de cera e acabam por não respeitar os contornos.</p>
<p>2ª Metade do 2º período e 3º período</p>	<p>As atividades com animadora social sofreram uma ligeira transformação.</p>	<p>É visível que as crianças apreciam a primeira parte da atividade.</p>	<p>As histórias escolhidas permitiam trabalhar com as crianças muitos</p>

<p>período</p>	<p>A primeira parte da atividade permanece, no entanto, são as crianças que leem a história aos colegas. Todas a semanas as crianças levam para casa, um livro escolhido pela educadora e pela animadora. Com o objetivo de saberem a história e apresentarem aos colegas na semana seguinte.</p> <p>Após a criança ler a história, a animadora volta a relê-la.</p> <p>Após a releitura da história e respetiva exploração em grupo. As crianças vão para a mesa e consoante as diretrizes da animadora, têm de desenhar algo referente à história. Todas as semanas os desenhos pedidos são diferentes</p>	<p>Na segunda parte:</p> <p>No primeiro contacto com atividade: as crianças pediam ajuda constantemente e muitas delas afirmavam “<i>eu não sei desenhar...</i>”;</p> <p>Os desenhos no início apresentavam poucos, pormenores e poucas cores.</p> <p>As crianças recorriam sempre ao lápis de carvão e à borracha quando realizavam o desenho.</p> <p>Após o 1º contacto e no decorrer do período: as crianças mostravam-se entusiasmadas em desenhar. Os desenhos começaram a apresentar mais pormenores e mais cores. No entanto, ainda recorriam ao lápis de carvão e à borracha quando realizavam o desenho.</p>	<p>valores e temas que estão presentes nas suas vidas e na sociedade em que vivem.</p> <p>Relativamente, ao desenho, na minha opinião a utilização do lápis de carvão e da borracha, pode significar que muitas das crianças têm falta de confiança no seu traçado.</p>
-----------------------	--	---	---

Apêndice XX- Rotina Semanal

Rotina Semanal					
	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h00-9h30	Acolhimento				
9h00-11h45	Bons-dias Formação Pessoal e Social Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita	Bons-dias Formação Pessoal e Social Domínio da Matemática	Bons-dias Formação Pessoal e Social Inglês (10h15-11h15)	Bons-dias Formação Pessoal e Social Expressão motora Psicomotricidade (9H30-10H15) Domínio da Linguagem oral e Abordagem à escrita	Bons-dias Formação Pessoal e Social Bons-dias com a Irmã “Despertar a Fé” Conhecimento do mundo
11h45-12h00	Rotinas higiênicas e ida para o refeitório				
12h00-12h30	Almoço				
12h30-14h00	Recreio				
14h00-15h45	Expressão Musical (14h15-15h00) Expressão Plástica	Expressão Motora (picotagem, modelagem, etc...)	Hora do conto com animadora (14h00-15h00)	Domínio da Matemática	Expressão Motora (recorte, colagem, etc...) Conhecimento do Mundo
15h45-16h00	Rotinas higiênicas e ida para o refeitório				
16h00-16h30	Lanche				
16h30-18h30	Atividades extracurriculares/ apoio à família				

Observações:

- Semanalmente, um professor dá formação às educadoras da instituição, para as auxiliar no domínio da matemática
- Para auxiliar a educadora no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, todas as crianças têm um manual e um livro de grafismo, baseado no método fonomímico de Paula Teles.

Apêndice XXI- Transcrição da entrevista às crianças

Transcrição da entrevista às Crianças

Criança 1

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim. É por causa que faz músculos.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: lápis

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Boneco de neve e a árvore de natal

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Ursos

6- Quando costumas desenhar?

R: Quando estou feliz aqui (pré-escolar) e na minha casa.

7- Com quem costumas desenhar?

R: Com a minha mãe e o meu pai.

Criança 2

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: É, Porque é bom...

2- Gostas de desenhar?

R: Sim, gosto. Já tenho um monte de desenhos em cima do chão do meu quarto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: lápis de cor, afias para quando já não tiver ponta afiar o lápis.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Fazer cavalos, fazer casas e quintas.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Fazer cães grandes

6- Quando costumas desenhar?

R: Em casa, na sala (de atividades), na casa do meu avó e na casa da minha tia

7- Com quem costumas desenhar?

R: com a minha mãe, com o meu pai, com o meu avô e com a minha avó.

Criança 3

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Acho, porque faz nós fazermos os desenhos melhor.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Preciso de lápis, também preciso de lápis de cor, lápis de carvão, borracha e do afia.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Gosto de desenhar tipo, golfinho ou peixe ou uma rapariga ou um gatinho e a minha família. Gosto de desenhar a minha família e os meus amigos.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: menos é um tubarão, um caranguejo e uma princesa.

6- Quando costumavas desenhar?

R: eu costumava desenhar ...nunca mais desenhei mas vou desenhar pra ai um dia.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Olha eu costumava desenhar com a mãe ou com o pai ou com as minhas tias ou com as minhas primas e primos e aprendo muito com eles.

Criança 4

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim, acho. Porque aprende-se a desenhar bem.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis e também de borracha

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Tudo, gosto de tudo.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Pessoas.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Às vezes em casa às vezes no colégio

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com ninguém, só as vezes no colégio com a criança 11

Criança 5 - Não participou da entrevista.

Criança 6

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Acho. Porque assim não conseguimos passar para o primeiro ano, se não soubermos desenhar não passamos para o primeiro ano.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis, borracha, afia e folha.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Invizimals (jogo de cartas)

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Nada

6- Quando costumavas desenhar?

R: Todos os dias, menos no sábado e no domingo.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Na minha casa eu desenho sozinho e na escola desenho com a criança 14, com a criança 2, criança 4, criança 16, criança 10.

Criança 7

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim. Porque gosto.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: As mãos

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Flores, corações

5- O que menos gostas de desenhar?

R: ... não respondeu

6- Quando costumavas desenhar?

R: Na escola e em casa

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com a criança 14 e com a mana

Criança 8

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Não. (Não respondeu ao Porquê)

2- Gostas de desenhar?

R: Sim, muito.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis de carvão.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Estrelas, Pessoas e Castelos.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Mais ou menos casas.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Em casa e na escola.

7- Com quem costumava desenhar?

R: Com a mãe, com a avó, com o pai e com a minha outra avó.

Criança 9

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim, porque eu gosto muito e é muito importante para mim e então é importante.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis, lápis de cera, lápis de carvão.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Borboletas.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Não gosto de desenhar Invizimals (jogo de cartas)

6- Quando costumava desenhar?

R: Sempre.

7- Com quem costumava desenhar?

R: Com a minha mãe e com o meu pai e com o meu mano e com a minha família inteira.

Criança 10

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim. Se for uma coisa que for importante para mim, sim. Se eu quiser desenhar uma coisa importante para mim é importante.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Preciso de lápis, lápis de cor, lápis de carvão e canetas.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Eu a passear com o meu pai, com a minha mãe e o meu lince (gato de peluche) e com a minha cadela.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Isso todos sabem! Uma sanita com cocó.

6- Quando costumava desenhar?

R: Costumo desenhar aqui na escola, na segunda e para fazer trabalhos também e em minha casa às vezes pego nos papéis e desenho.

7- Com quem costumava desenhar?

R: Com a minha mãe e com o meu pai. Com as educadoras e com os meus amigos.

Criança 11

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim (abana a cabeça em sentido afirmativo). Porque é divertido.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis e borracha.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Não sei.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Os meu piores amigos.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Quando se pode na escola e na minha casa.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com os meus amigos.

Criança 12

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: sim, porque faz bem às mãos.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Meninos e Borboletas

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Gosto menos de desenhar tipo senhoras, livros e também uma casa. É o que eu gosto menos de desenhar.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Quando os meus amigos vêm desenhar comigo, quando me convidam para desenhar eu vou com eles.

7- Com quem costumavas desenhar?

Com a Criança 3, a criança 9, a criança 10.

Criança 13

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim (abana a cabeça afirmativamente), porque treinamos as nossas mãos.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim (abana a cabeça afirmativamente)

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Um lápis

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Uma princesa.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: o tubarão e um crocodilo.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Às quartas.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com a criança 6, com a criança 15 e com a criança 18 e com as minhas amigas.

Criança 14

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim, para ficar lindo.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Pessoas e corações.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Gosto de desenhar tudo.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Na escola e em casa.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com a minha mãe.

Criança 15

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim (abana a cabeça afirmativamente), para aprender a desenhar.

2- Gostas de desenhar?

R: Sim (abana a cabeça afirmativamente)

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: lápis.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Baleias

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Casas e pessoas.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Quando a educadora manda.

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com os meus colegas.

Criança 16

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim, porque trabalhamos mais com as mãos.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis e canetas.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Princesas.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Não gosto de desenhar dragões. Não gosto de desenhar dinossauros e não gosto de desenhar galinhas.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Nos tempos livres, quando podemos brincar

7- Com quem costumavas desenhar?

R: Com a minha mana.

Criança 17

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: sim (abana a cabeça), não sei

2- Gostas de desenhar?

R: Sim

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis e tinta também para desenhar.

4- O que mais gostas de desenhar?

R: O que eu mais de gosto de desenhar é eu e o meu mano na piscina.

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Uma quinta inteira.

6- Quando costumavas desenhar?

R: Na minha casa quando eu quero e quando a educadora nos pede trabalhos.

7- Com quem costumava desenhar?

R: Com a minha mãe, sozinha e às vezes com o meu avô e com a minha avó.

Criança 18

1- Achas que é importante desenhar? Porquê?

R: Sim, desenhar coisas lindas porque é fixe e também não é para estragar é para desenhar coisas que nós gostamos.

2- Gostas de desenhar?

R: Gosto.

3- O que precisas para fazer um desenho?

R: Lápis, canetas, cera

4- O que mais gostas de desenhar?

R: Gosto de fazer casas, estrelas-do-mar, festas, piscinas

5- O que menos gostas de desenhar?

R: Não gosto de desenhar aranhas.

6- Quando costumava desenhar?

R: Quando eu estou a brincar com os meus amigos e também quando eles querem fazer desenhos também vou fazer desenhos.

7- Com quem costumava desenhar?

R: Com o meu mano, com a minha mãe e com o meu pai.

Apêndice XXII- Grelha de categorização da entrevista às crianças

Grelha de categorização das entrevistas às Crianças

Categoria	subcategoria	Indicadores	Unidade de registo
A importância do desenho	Importância atribuída		
		C1	<i>Sim</i>
		C2	<i>É</i>
		C3	<i>Acho</i>
		C4	<i>Sim, acho</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Acho</i>
		C7	<i>Sim</i>
		C8	<i>Não</i>
		C9	<i>Sim</i>
		C10	<i>Sim</i>
		C11	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
		C12	<i>Sim</i>
		C13	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
		C14	<i>Sim</i>
		C15	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
		C16	<i>Sim</i>
		C17	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
	C18	<i>Sim</i>	
		Justificação da importância	
		C1	<i>É por causa que faz músculos.</i>
		C2	<i>Porque é bom...</i>
		C3	<i>porque faz nós fazermos os desenhos</i>

			<i>melhor.</i>
		C4	<i>Porque aprende-se a desenhar bem.</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Porque assim não conseguimos passar para o primeiro ano, se não soubermos desenhar não passamos para o primeiro ano.</i>
		C7	<i>Porque gosto</i>
		C8	<i>Não respondeu</i>
		C9	<i>Porque eu gosto muito e é muito importante para mim e então é importante.</i>
		C10	<i>Se for uma coisa que for importante para mim, sim. Se eu quiser desenhar uma coisa importante para mim é importante.</i>
		C11	<i>Porque é divertido</i>
		C12	<i>Porque faz bem às mãos.</i>
		C13	<i>Porque treinamos as nossas mãos</i>
		C14	<i>para ficar lindo.</i>
		C15	<i>Para aprender a desenhar.</i>
		C16	<i>Porque trabalhamos mais com as mãos.</i>
		C17	<i>não sei</i>
		C18	<i>desenhar coisas lindas porque é fixe e também</i>

			<i>não é para estragar é para desenhar coisas que nós gostamos.</i>
	<u>Gosto ou não pelo desenho</u>		
		C1	<i>Sim</i>
		C2	<i>Sim, gosto</i>
		C3	<i>Gosto</i>
		C4	<i>Gosto</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Gosto</i>
		C7	<i>Sim</i>
		C8	<i>Sim, muito</i>
		C9	<i>Sim</i>
		C10	<i>Gosto</i>
		C11	<i>Gosto</i>
		C12	<i>Sim</i>
		C13	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
		C14	<i>sim</i>
		C15	<i>Sim (sinal com a cabeça)</i>
		C16	<i>Gosto</i>
		C17	<i>Sim</i>
	C18	<i>Gosto</i>	
		<u>Materiais necessários para fazer um desenho</u>	
	C1		<i>lápiz</i>
	C2		<i>lápiz de cor, afias</i>
	C3		<i>Preciso de lápis, também preciso de lápis de cor, lápis de carvão, borracha e do afia.</i>

		C4	<i>Lápis e também de borracha</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Lápis, borracha, afia e folha.</i>
		C7	<i>As mãos</i>
		C8	<i>Lápis de carvão.</i>
		C9	<i>Lápis, lápis de cera, lápis de carvão</i>
		C10	<i>Preciso de lápis, lápis de cor, lápis de carvão e canetas.</i>
		C11	<i>Lápis e borracha.</i>
		C12	<i>Lápis</i>
		C13	<i>Um lápis</i>
		C14	<i>Lápis</i>
		C15	<i>lápis</i>
		C16	<i>lápis e canetas.</i>
		C17	<i>lápis e canetas.</i>
		C18	<i>Lápis, canetas, cera</i>
	O que mais gostas de desenhar		
		C1	<i>Boneco de neve e a árvore de natal</i>
		C2	<i>Fazer cavalos, fazer casas e quintas.</i>
		C3	<i>(...)golfinho ou peixe ou uma rapariga ou um gatinho e a minha família. (...) Gosto de desenhar</i>

			<i>a minha família e os meus amigos.</i>
		C4	<i>Tudo, gosto de tudo.</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Invizimals (jogo de cartas)</i>
		C7	<i>Flores, corações</i>
		C8	<i>Estrelas, Pessoas e Castelos.</i>
		C9	<i>Borboletas</i>
		C10	<i>Eu a passear com o meu pai, com a minha mãe e o meu lince (gato de peluche) e com a minha cadela.</i>
		C11	<i>Não sei.</i>
		C12	<i>Meninos e Borboletas</i>
		C13	<i>Uma princesa</i>
		C14	<i>Pessoas e corações</i>
		C15	<i>Baleias</i>
		C16	<i>Princesas</i>
		C17	<i>(...) eu e o meu mano na piscina.</i>
		C18	<i>Gosto de fazer casas, estrelas-do-mar, festas, piscinas</i>
	O que menos gostas de desenhar		
		C1	<i>Ursos</i>
		C2	<i>Fazer cães grandes</i>

		C3	<i>(...) um tubarão, um caranguejo e uma princesa</i>
		C4	<i>Pessoas</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Nada</i>
		C7	<i>... não respondeu</i>
		C8	<i>(...) casas</i>
		C9	<i>Não gosto de desenhar Invizimals (jogo de cartas)</i>
		C10	<i>Isso todos sabem! Uma sanita com cocó.</i>
		C11	<i>Os meu piores amigos.</i>
		C12	<i>(...) senhoras, livros e também uma casa. É o que eu gosto menos de desenhar.</i>
		C13	<i>o tubarão e um crocodilo</i>
		C14	<i>Gosto de desenhar tudo</i>
		C15	<i>Casas e pessoas</i>
		C16	<i>Não gosto de desenhar dragões. Não gosto de desenhar dinossauros e não gosto de desenhar galinhas.</i>
		C17	<i>Uma quinta inteira</i>
		C18	<i>Não gosto de desenhar aranhas.</i>
Espaço e tempo	Quando		
		C1	<i>Quando estou feliz aqui (...) na minha casa.</i>
		C2	<i>Em casa, na sala (de atividades), na casa do</i>

			<i>meu avó e na casa da minha tia</i>
		C3	<i>eu costumo desenhar ...nunca mais desenhei mas vou desenhar pra ai um dia.</i>
		C4	<i>Às vezes em casa às vezes no colégio</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Todos os dias, menos no sábado e no domingo.</i>
		C7	<i>Na escola e em casa</i>
		C8	<i>Em casa e na escola.</i>
		C9	<i>Sempre</i>
		C10	<i>Costumo desenhar aqui na escola, na segunda e para fazer trabalhos também e em minha casa às vezes pego nos papéis e desenho.</i>
		C11	<i>Quando se pode na escola e na minha casa</i>
		C12	<i>Quando os meus amigos vêm desenhar comigo, quando me convidam para desenhar eu vou com eles.</i>
		C13	<i>Às quartas.</i>
		C14	<i>Na escola e em casa.</i>
		C15	<i>Quando a educadora manda.</i>
		C16	<i>Nos tempos livres,</i>

			<i>quando podemos brincar</i>
		C17	<i>Na minha casa quando eu quero e quando a educadora nos pede trabalhos.</i>
		C18	<i>Quando eu estou a brincar com os meus amigos e também quando eles querem fazer desenhos também vou fazer desenhos.</i>
	Com quem		
		C1	<i>Com a minha mãe e o meu pai.</i>
		C2	<i>com a minha mãe, com o meu pai, com o meu avô e com a minha avó.</i>
		C3	<i>(...) com a mãe ou com o pai ou com as minhas tias ou com as minhas primas e primos</i>
		C4	<i>Com ninguém, só as vezes no colégio com a criança 11.</i>
		C5	<i>Não participou da entrevista.</i>
		C6	<i>Na minha casa eu desenho sozinho e na escola desenho com a criança 14, com a criança 2, criança 4, criança 16, criança 10.</i>
		C7	<i>Com a criança 14 e com a mana</i>

		C8	<i>Com a mãe, com a avó, com o pai e com a minha outra avó.</i>
		C9	<i>Com a minha mãe e com o meu pai e com o meu mano e com a minha família inteira.</i>
		C10	<i>Com a minha mãe e com o meu pai. Com as educadoras e com os meus amigos.</i>
		C11	<i>Com os meus amigos.</i>
		C12	<i>Com a Criança 3, a criança 9, a criança 10.</i>
		C13	<i>Com a criança 6, com a criança 15 e com a criança 18 e com as minhas amigas.</i>
		C14	<i>Com a minha mãe.</i>
		C15	<i>Com os meus colegas</i>
		C16	<i>Com a minha mana</i>
		C17	<i>Com a minha mãe, sozinha e às vezes com o meu avô e com a minha avó</i>
		C18	<i>Com o meu mano, com a minha mãe e com o meu pai</i>

Apêndice XXIII - Registo do desenho livre no início e no fim do relatório

Crianças	Início do relatório	Final do relatório
1		X
2		X
3	X	X
4		
5		X
6		
7		X
8	X	X
9		
10	X	X
11		X
12	X	X
13	X	X
14		X
15		X
16	X	X
17		
18		X
Total de crianças a desenhar	6	14

Anexo I- Guião da entrevista às crianças

Guião da entrevista às crianças

Tema: A importância do desenho infantil para o desenvolvimento das crianças em jardim-de-infância

Entrevistadas: crianças

Objetivo: Recolher informação que comprove o que as crianças sabem sobre o desenho e a formas como estas o utilizam

Local: Jardim-de-infância

Dia e hora: a definir

Designação de blocos	Objetivos	Perguntas
Bloco 1 Justificação da entrevista e motivação	Justificação da entrevista e motivação do entrevistado	
Bloco 2 Importância do desenho	Identificação dos conhecimentos que as crianças têm sobre a importância do desenho	Achas que é importante desenhar? Porquê?
Bloco 3 Espaço e materiais	Identificação as razões pelas quais as crianças desenhavam	Gostas de desenhar? O que precisas para fazer um desenho? O que mais gostas de desenhar? O que menos gostas de desenhar? Quando costumavas desenhar? Com quem costumavas desenhar?

Créditos: Passarinha, J. M. H. (2012). *O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim-de-infância*. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco -Escola Superior de Educação, Portugal.